

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

BRUNO SANCHES BARONETTI

Espaços de sociabilidade das populações negras em São Paulo: as escolas de samba e suas intersecções com os movimentos associativos (1949-1978)

São Paulo

2021

Vol. 2

Versão Corrigida

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

BRUNO SANCHES BARONETTI

Espaços de sociabilidade das populações negras em São Paulo: as escolas de samba e suas intersecções com os movimentos associativos (1949-1978)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Cardoso.

São Paulo

2021

Vol. 2

Versão Corrigida

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

BB265e Baronetti, Bruno Sanches
Espaços de sociabilidade das populações negras em São Paulo: as escolas de samba e suas interseções com os movimentos associativos (1949-1978) Vol. 2 (Transcrições) / Bruno Sanches Baronetti; orientador Maurício Cardoso - São Paulo, 2021. 124 f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Movimento Negro. 2. São Paulo. 3. Escolas de Samba. 4. Carnaval. 5. História Oral . I. Cardoso, Maurício, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

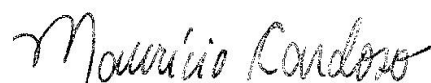
Nome do (a) aluno (a): Bruno Sanches Baronetti

Data da defesa: 30/03/2021

Nome do Prof. (a) orientador (a): Maurício Cardoso

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 25/05/2021



(Assinatura do (a) orientador (a))

SUMÁRIO

TRANSCRIÇÕES.....	5
Oswaldo de Camargo.....	6
Liberto Solano Trindade.....	27
Rafael Pinto.....	40
Carlos Alberto Caetano.....	66

TRANSCRIÇÕES

OSWALDO DE CAMARGO

Nome: Oswaldo de Camargo

Data de nascimento: 24/10/1936

Local: São Paulo

Profissão: Jornalista e escritor

Data da entrevista: 11/07/2017

Local da entrevista: Residência de seu Oswaldo no bairro Jardim Lauzane, Zona Norte de São Paulo- SP

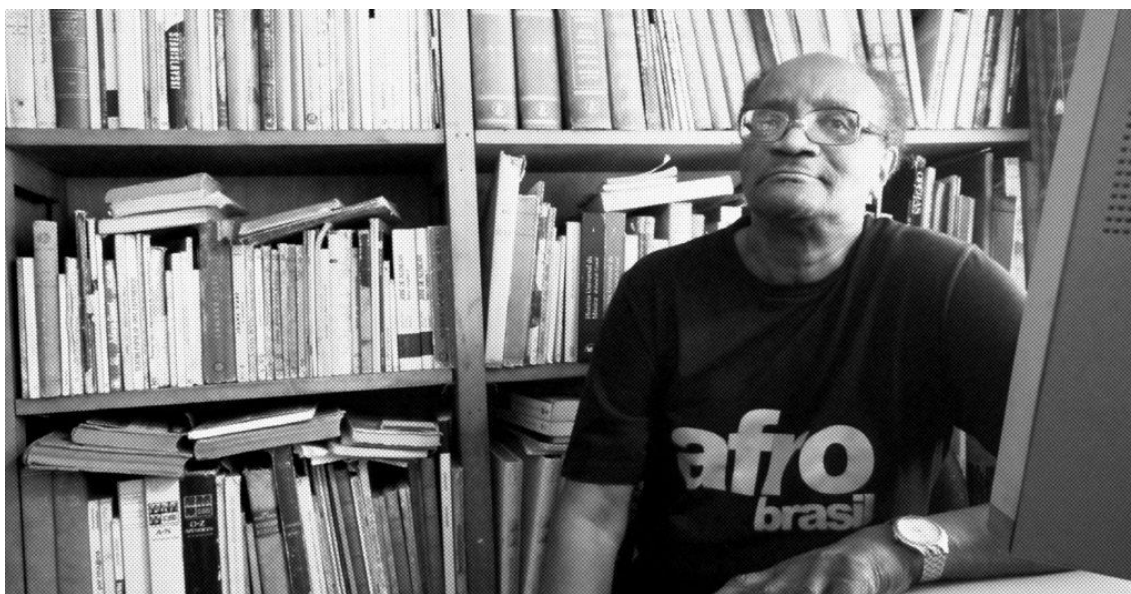


Foto: Marcelo Ximenez. Arquivo da Câmara Municipal de São Paulo.

A minha história é assim, simples. Sou um negro brasileiro.

Bom, então a minha história é assim, simples. Sou um negro brasileiro. Como eu digo no meu livro “Raiz de um negro Brasileiro”: “Quando nasci, era mais fácil para meu país prever a via pela qual transitariam corpo e sombra de um recém-nascido preto, e até pôr-se à espreita, observando o seu trajeto, quase sempre pouco interessante ou mesmo enfadonho, de tão repetitivo: “Será, entre os demais, um brasileiro comum, nada soerguido acima do chão que recolheu suas primeiras pegadas, a pretidão que o realça – o seu mais notado emblema – não se enveredará por caminhos imprevisíveis”.

Porque na verdade eu fiquei órfão muito cedo. Nasci em Bragança Paulista em 1936, Bairro da Bocaina, oito quilômetros do umbigo da cidade, a catedral dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Eu fiquei órfão, minha mãe morreu de tuberculose na Santa Casa de Bragança em 1943. Aí meu pai passou por várias desgraças e fiquei sozinho. Minha mãe chamava-se Martinha; meu pai José. Dos meus irmãos, o Roberto e a Jandira, sou o mais velho. Entre eles, Anésia que faleceu antes de completar um ano. Fui criado até dez anos fiquei no Preventório Imaculada Conceição em Bragança, que era destinado só a filhos de tuberculosos. Depois, saio de Bragança e vou para Poá, vou morar no Reino da Garotada de Poá, administrada por padres holandeses. Dom Bosco de Poá. Eu vou para Poá com dez anos, saio de Poá com treze anos. Vou estudar num seminário em São José do Rio Preto. Eu vou estudar com padres assuncionistas, que é um ramo dos padres agostinianos. E quem fundou o seminário foi o Dom Lafaiete Libânio, que tinha sido professor do Plínio Salgado. Lá no Seminário que eu descobri o que era ser negro. Porque não era comum aceitar meninos negros ali. O padre teve que explicar minha condição de órfão. Eu fiquei no seminário até por volta dos 18 anos, isso em 1954.

E daí então que eu vim para São Paulo. Eu sou um dos autores que tem muito interesse nos espaços em São Paulo, os espaços negros em São Paulo. Aliás, o meu amor por São Paulo é um amor muito fundo, porque é um amor de um deserdado. Eu estava longe de São Paulo. Então essa ausência de São Paulo é o que me deu gana, me deu impaciência de conhecer São Paulo. É como alguém que está no deserto e encontra um oásis. Então, provavelmente um autor que viveu constantemente em São Paulo, ele não vai respirar São Paulo como eu respirei, porque, para mim, aquilo tudo era descoberta.

Minha produção literária se passa nesses espaços negros. Tanto que os meus livros, por exemplo, “O Carro do Êxito”, que está na segunda edição pela Ateliê Editorial, se passa nos espaços negros da região central.

Agora mesmo eu fui convidado a escrever uma crônica a respeito de São Paulo em um livro do Natalini. E eu situo exatamente o espaço que foi fundamental para mim na década de 1950, para minha formação, até aquele espaço que vem da Avenida Ipiranga até o edifício América, hoje América, esse prédio Martinelli. Agora, prédio Martinelli. Então eu tenho uma crônica em que eu falo a importância que foi para mim esse espaço. Porque nós temos ali – eu estou falando como escritor – então nós temos ali a Avenida Ipiranga. Logo um pouquinho adiante morava o Paulo Bomfim, que era um poeta brilhante e naquele tempo estava no auge de nome.

Aí eu ia descendo e me tornei organista da Igreja do Rosário dos Homens Pretos com 19 anos, que era um reduto negro. Então eu saía da igreja ganhava 30 mil réis cada missa que eu tocasse, eu torcia para que houvesse mais missa, quanto mais defunto, melhor (risos). Eu tocava na Igreja apenas porque ainda não podia trabalhar em um emprego fixo, eu estava dependendo ainda do Tiro de Guerra. Nenhuma empresa me pagaria para trabalhar, porque eu ainda estava servindo o exército.

Então eu estou nesse espaço, aí eu vou descendo, eu vou encontrar na Rua Líbero Badaró, 893, se não me falha a memória, mas na minha crônica eu fiz a questão de levantar o número. A Livraria Teixeira que era um espaço fundamental, uma livraria quase centenária. Naquele tempo, ela devia ter uns 60 anos, ela chegou a 100 anos, depois, ela mudou para a Rua Marconi. Então ali está a Livraria Teixeira, logo na Rua Líbero Badaró. Eu estou só mostrando a você a importância que foi esse espaço da Livraria Teixeira para mim, como escritor. Eu comprava ali aqueles livros de sebo, aqueles livros com preços mais baixos. Um deles foi um livro chamado “Mar Violento”, de um autor que ninguém conhece chamado Daniel de Queiroz, que eu acabei sabendo o livro quase que de cor. Um livro pequenininho, escrito entre 1952 e 1954 mais ou menos, eu comprei esse livro em 1954, em outubro, se não me falha a memória.

Daí então veio o mais importante para mim, do outro lado da rua, na São Bento, nós tínhamos o prédio Martinelli, onde que estão situadas a Associação Cultural do Negro, a Associação Bandeirante, que era uma associação de jogos e também o espaço do Frederico (Ico) Penteado, que era o 220. Para você ver o associativismo negro naquela época! Só dentro do Martinelli. Nós temos aí a Associação Cultural do Negro, a Associação Bandeirantes e o 220. A Associação Cultural do Negro fica no 16º andar, a

Associação Bandeirante fica no 17º ou 18º, é logo em cima. E a Associação 220 que se destinava à bailes, à bailes, à diversão, ao lazer está ali também. Além do mais, o prédio Martinelli abrigava também uma sede da UDN.

As histórias do Martinelli deram bons romances. Tanto que o João Antônio utiliza o Martinelli como cenário de seu livro “Malagueta, Perus e Bacanaço”, que é um clássico da literatura sobre os espaços em São Paulo. É um livro extraordinário nesse aspecto, que os personagens eles vão lá de Pinheiros, para a Lapa debaixo. E há um momento em que o personagem está no prédio Martinelli, jogando sinuca. Extraordinário! Então, esses espaços para mim foram fundamentais.

Agora, do outro lado da rua, Rua Formosa, lá em baixo, nós temos a Associação Cultural José do Patrocínio, na qual eu nunca entrei, não sei por quê. Mas existia lá a Associação José do Patrocínio. Hoje, o prédio não existe mais, né, quase tudo isso foi derrubado. Eu estou falando da década de 1950-60, por aí. Esse mesmo espaço da Rua Formosa vai se tornar o que nós chamávamos de Prainha. Ali entre a Avenida São João e o vale do Anhangabaú, na frente de onde hoje tem uma churrascaria Grill. Era o local onde os negros, a mocidade negra de preferência, se reunia naquele pedacinho ali daquela faixa que desce, o pessoal se reunia ali para a sociabilização, trocar informações, passar convite de baile, bater papo... É ali que o pessoal se reunia. É a Prainha que eu menciono em um dos meus contos. Eu menciono no meu conto “Oboé”. Eu ponho até uma nota de rodapé para explicar. Você tem o meu livro “O Carro do Êxito”, primeira edição, fica fácil você ver. Eu faço questão sempre que o leitor se situe no espaço em que eu estou falando. Então esse espaço para mim foi pessoalmente fundamental para o meu texto, até hoje é importante, porque eu continuo sendo o autor que dá muito privilégio à minha visão de São Paulo. No “Carro do Êxito”, quase tudo se passa em São Paulo. Mas eu tenho uma marca também, a grande marca do interior. De “Bragança Paulista e Maralinga”, esse é por sinal considero um dos melhores contos que eu escrevi e se passa em Bragança.

Meu livro “A Descoberta do Frio” é um livro um tanto surrealista. Mas na verdade a inspiração da “Descoberta do Frio” é São Paulo. Então daquela ebulição de ideias e contos só se podia se passar numa cidade como São Paulo. Então, a São Paulo dos anos 1950-60 acabou me dando um substrato para eu poder ter material para poder fazer a minha ficção. E essa ficção, ela transborda para a novela “A Descoberta do Frio” e até mesmo em alguma poesia minha aparece São Paulo como passeando à noite na Avenida São Luiz, que está no meu livro “O Estranho”.

Eu já falei para você esse espaço da Avenida Ipiranga até a Rua São Bento, eu considero que em algum tempo da minha vida, a Associação Cultural do Negro foi uma espécie de minha segunda casa. Eu me torno diretor de Cultura da Associação Cultural do Negro com 23 anos. Eu sou um organista, um homem religioso e ex-seminarista – quer dizer eu fui seminarista pelo fato de eu ser religioso e não o contrário. Muitos seminaristas depois que saem perdem até às vezes a fé. No meu caso foi diferente. Eu continuei religioso convicto – então, eu frequentava uma igreja aqui na Rua Jaguaribe, um santuário muito bonito por sinal, chamado Santuário Coração de Maria. E lá tinha uma empregada doméstica chamada Dona Alcina, uma negra. Esta Alcina foi muito importante na minha vida, por meio dela eu soube que estava faltando um organista na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Então eu me apresento, eu já tocava órgão com dezessete anos. Quando eu falo órgão é o harmônio, esse que você vê aqui na minha sala. Na Igreja era o grande órgão de tubo, mas é o mesmo sistema, é com vento, não é igual o eletrônico. Nunca tinha tocado aquele grande, mas o sistema era o mesmo e rapidamente eu aprendi as diferenças técnicas.

Então o que acontece, ela foi ela que me falou que precisava e eu não ganhava nada, eu não tinha trabalho, não podia trabalhar. Então me apresentei, na Igreja do Rosário dos Homens Pretos. Não tinha contrato. Então comecei a tocar, me disseram que me pagariam na época 30 mil réis, era só tocar e ia na sacristia receber. O capelão era o padre Matheus Garcez, irmão do governador. Padre Matheus Garcez que me chamava de Sinfônico, porque eu fazia poesia e tocava órgão. Então: “Ô Sinfônico”, sabe? Era um padre muito inteligente, muito bom, intelectual também. Ele tinha um grande carinho por mim. Ele fez uma gramática de latim. Nunca mais vi, que pena.

Então, ali, num belo dia, eu vejo no jornal o anúncio de um baile na Associação Cultural do Negro. Eu nunca tinha ouvido na minha vida. Eu estava aí nessa altura eu estou com 18 anos e meio, 19 anos, quase. Eu nunca tinha ouvido falar em uma associação, que ligava o negro à cultura. Primeira vez que eu ouvi a palavra cultural e negro junto. É natural, fui criado fora de meios negros. Eu fui criado em Bragança, Poá, Rio Preto. E aquilo me entusiasmou. Eu falei: “Associação Cultural do Negro?” Não pelo baile, o que me chamou a atenção foi a repercussão do nome. E eu fui atrás, consegui o telefone de quem estava organizando o baile, que, na verdade, era uma festa junina. Dona Pedrina Alvarenga, liguei que eu queria conhecer essa associação e foi assim que eu me aproximei da associação, por meio da Dona Pedrina. A Associação

Cultural do Negro ganhou vida na Praça Carlos Gomes, na Liberdade, depois foi para o Martinelli, quando eu conheci já era no Martinelli. Não peguei essa primeira fase.

Pois bem, quando eu chego no prédio Martinelli com a bagagem que eu tinha de ex-seminarista, já tinha um livro preparado, já tinha um livro chamado “Vozes da Montanha” que nunca publiquei, mas já tinha escrito um livro praticamente. Era pianista, tocava órgão, compunha músicas, lia latim, francês, estudei francês, latim e grego clássico no seminário. Fui muito bem recebido.

A Associação queria membros como eu, que poderia agregar culturalmente. Eu tinha acabado de entrar para trabalhar como revisor no Estadão. Eu vou entrar no Estadão, em 1955. Com 18 anos e meio eu passei no teste devido a minha dedicação à linguagem, a escrever. Então, a Associação me recebeu assim como uma dádiva, sobretudo os velhos, os mais antigos que estão beirando aí nessa altura 60 anos, 50 anos por aí, são pessoas maduras, não velhas, mas que já chegaram à maturidade. José Correia Leite estava na casa dos 50 anos. O Tenente Rosário que é o pai da Teodosina. O Jayme de Aguiar que é um pouquinho mais velho só que o José Correia Leite. E mais um grupo de velhos amigos, velho não, de idosos amigos (risos) que foram fundamentais para minha formação.

É o grupo que me inspirou a escrever “A Descoberta do Frio”. Eu me apoio para escrever um capítulo em uma reunião que se dá para decifrar de onde vem o frio, o que é que é o frio? Eu me inspirei muito nesses pretos velhos, nesses idosos que estão ali na Associação Cultural do Negro. Então me receberam muito bem e eu comecei minhas atividades ali. A organizar recitais, comemorava-se muito as datas nossas como o Dia da Mãe Negra que era dia 28 de setembro. O 13 de maio que era uma grande data então. Fazíamos noites literárias, como a Noite Cruz e Sousa, Noite Lima Barreto, Noite Castro Alves que era muito celebrado e etc... E eu então, fiquei sendo uma espécie de poeta e pianista da Associação Cultural do Negro.

Apesar de comemorarmos sempre o 13 de Maio, a primeira a primeira retaliação forte a data do 13 de Maio vai aparecer nesse ambiente. Na verdade, quando o Carlos de Assumpção apresenta o poema “Protesto”, que foi escrito mais ou menos em 1957, foi a primeira manifestação direta que eu vi de crítica ao 13 de Maio. O poema dizia assim: “A liberdade que me deram foi um Cavalo de Tróia, havia serpentes futuras debaixo de um manto de entusiasmo”. Era um espetáculo escutar o Carlos de Assumpção declamando isso aí. Era um exímio orador. Fazia uma poesia que trabalha mais a emoção, não é? Uma poesia que você pega na mão.

Nos bailes da Associação Cultural do Negro havia bastante influência da música norte-americana. Tocava-se jazz, fox-trot, aquelas bandas americanas, que dominavam os bailes do Brasil em geral. Nós não tocávamos samba. No máximo, samba-canção, aquela coisa mais lenta, mais boledada. O samba mesmo era visto como um tanto rústico para se dançar naquela época. Nós fomos acompanhar muito samba depois, na década de 1960, com os festivais. Quando a Record começou a fazer aqueles festivais. Já tinha tido reação antes, eu concordo com o Francisco Alves, Ary Barroso, seria injusto dizer que não. O samba tinha seu nome, mas era o Rio de Janeiro o grande reduto do samba, na verdade.

Eu fazia música para Associação Cultural do Negro. Eu acompanhava musicalmente os saraus. E isso me deu grande vantagem. Não é porque eu era um exímio pianista, não (risos). É que eles não tinham um pianista da coletividade, nenhum. Então eu sou o primeiro pianista que aparece. Depois de mim, aparece um bom pianista chamado Jesus. Ele tinha muita técnica. Depois apareceu uma outra moça que também tinha mais técnica, mais técnica do que eu, porque eu, na verdade, não sou pianista; eu sou organista. Eu fiz conservatório, mas, quando comecei no Conservatório Santa Cecília, na Vila Pompéia, aberto e dirigido por Dona Yolanda Bernardo Gorini, eu já sabia tocar órgão.

Nós não tínhamos nenhuma relação com a África. A África era apenas um sonho, porque ninguém conhecia a África. Ninguém foi à África, nós nunca tínhamos visto um africano. O primeiro africano que apareceu na Associação Cultural do Negro foi o Paulo Matoso e um primo dele, ambos angolanos. Então, foi até espantoso quando nós vimos um africano com sotaque lusitano. Eles eram africanos que estudaram em Lisboa, a família estava fora de Angola também. E, na ditadura salazarista, ele veio como refugiado. Foi o Paulo Matoso que me pôs em contato com os primeiros autores portugueses menos famosos. Aqui conhecíamos Camões, Padre Vieira, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, Almeida Garret, Camilo Castelo Branco, esses nomes mais famosos. O Paulo Matoso trouxe muitos livros que nós líamos, além de alguns autores de língua portuguesa angolanos, como uma poetiza africana que agora eu esqueci o nome. Esse foi meu primeiro contato com a África, eu não tinha noção nenhuma, nenhum de nós tinha. Nós conhecíamos só a África Geográfica, passada, pelos manuais do jeito do europeu. O europeu interpretava a África e nós apenas líamos.

Já o contato com a luta do negro na América é mais simples. A cultura dos EUA vinha através do cinema e na música. Os grandes nomes que nós temos de referência

eram por exemplo, na música, Billie Anderson, cantora. No boxe, Joe Louis, campeão dos pesos pesados. Muitos negros lutavam boxe aqui no Brasil por influência dele.

Todo negro que tinha aspirações literárias, gostava de ler, lia o “Filho Nativo” de Richard Wright, era uma grande referência para a minha geração. O Sérgio Milliet tinha traduzido o poema “Rio Amargo”.

Tudo isso nos dava uma visão, uma visão sobre a América. Então a América no protótipo da realização dele, não a África, que conhecíamos muito pouco, nada praticamente, ninguém podia dizer que tinha ouvido uma música africana. O samba e as festas religiosas, as músicas de candomblé são de influência africana, mas não são africanas. Ninguém podia dizer que tinha ido ao Senegal. Esse contato maior com a África, isso só vai acontecer a partir da década de 1970, que era quando algumas pessoas começam já a ir pra África. O Américo Orlando que era marxista, havia muitos marxistas dentro da associação. Ele era um negro que foi estudar fora do Brasil. Foi a primeira pessoa que eu conheci que ia estudar fora do Brasil. Ele não vai para a África nem América, ele vai para a Rússia.

Eu comecei a falar de África com a revista “Níger”. A própria escolha do nome era uma referência à África. Quando há a morte do Patrice Lumumba, em 1961. Ele foi capa do “Níger”. Mas são coisas episódicas, não era um interesse constante. África não fornecia quase nada para nós. É verdade que a África já estava no Brasil, estava mais no Brasil do que na América, uma boa parte do Brasil é africano, mas isso já estava colocado para gente, não refletíamos e buscávamos as origens africanas da nossa cultura, por exemplo. Nós éramos africanos por naturalidade, sem precisar procurar raiz.

Talvez na Bahia, as comidas, o samba, manifestações religiosas, são coisas de origem africana que foram vividas de maneira mais intensa, mas para mim não. Tive uma formação erudita de padrão europeu. Fui resgatar a África enquanto negro já com uma consciência do movimento negro, mas fui pesquisar por conta, não era algo fácil.

O meu contato no Carnaval foi muito engraçado, porque eu me tornei uma espécie de professor. Eu fui monitor durante 5 anos de escola de samba para ensinar os jurados a julgar os quesitos carnavalescos. Dava curso para jurados. Porque, na verdade, eu sempre tive muito interesse pelas questões populares. Apesar de ter uma formação erudita, eu tenho muito interesse devido à minha origem também. Meu pai fazia música caipira, era um compositor. Então, eu sempre tive grande interesse. Então, dava cursos na LIGA e na UESP, lá no Bixiga. E depois, na Liga também, eu fui jurado. Julguei enredo no grupo de acesso. E as minhas recomendações, que eu fazia a respeito dos

perigos do acadêmico julgar com sua visão em cima de uma cultura popular. E acontecia, muita gente achava que devia mostrar erudição no ato de julgar e eu sempre combatendo isso. Combati sempre esse aspecto de julgar uma manifestação popular muito fascinante.

Escrevi recentemente uma biografia do Lino Guedes. Importante poeta e escritor negro da primeira metade do século passado. A figura do Lino Guedes acaba sendo uma figura ímpar, figura única nesse aspecto e quem vai seguir o padrão da maior parte dos negros que foram apadrinhados, como o Cruz e Sousa, como o Patrocínio, todos eles tiveram um amo branco que propiciou que eles estudassem.

Uma de nossas preocupações era elevar a cultura do negro e fazíamos isso através da cultura e da educação. Tinha cursos de alfabetização, você veja que há 60 anos, a maioria das pessoas do Brasil eram analfabetas. Nossa preocupação era com o negro poder estudar, andar bem vestido, ter um bom emprego, cuidar de sua família, não cair nos vícios. Os ingredientes necessários para conseguir alguma coisa que faltou ao negro. Que é o respeito.

Essa é a palavra fundamental da obra do Lino Guedes. Uma palavra que muita gente não nota, é uma palavra muito importante até na boca de poetas: É respeito. Eu quero ser respeitado. E para o negro conseguir respeito, isso na época passava muitas vezes necessariamente por comportamentos que já estavam segmentados na sociedade branca. Então as pessoas que tinham interesse em que o negro ascendesse entre eles, o Lino Guedes que fez da sua poesia quase que uma ferramenta para isso, era necessário respeito. E o respeito passa por onde? Por um comportamento que é o comportamento ético herdado do cristianismo, não do candomblé. Isso na visão do Lino Guedes. Então, nos jornais negros ele enfatizava que o negro deveria respeitar seu casamento, não que ele fique nos botecos enchendo a cara, mas respeitando a mulher. Ele distribuía esses jornais nos clubes e bailes negros. Veja bem, 50 anos após a abolição, ali perto da Praça João Mendes, onde havia na Rua Clovis Bevilacqua, ali onde haviam aqueles clubes, quem que ia dançar naquela região? Ia dançar aquela empregada doméstica analfabeta, bonitinha, linda, aquele carregador de saco muitas vezes, aquele pequeno funcionário, o mais baixo da empresa. Era esse público que as lideranças negras sempre quiseram atingir.

A ideia do Lino Guedes era formar o que ele chama de uma “elite negra”. Quando ele fala nessa elite, ele realmente assim é um ambiente em que as pessoas conversem, tome seu chá, comemore aniversários. Não aquele ambiente que ele via nos

bailes e parques onde a polícia estava sempre presente, aquelas brigas e aquelas pessoas rústicas sem instrução. E ele se tornou até bem querido em alguns aspectos por isso, porque ele fazia uma campanha. Se você lê um livro dele chamado “Ressurreição Negra”, ali ele até fala que... a carapuça para algumas pessoas da sociedade.

O Lino Guedes também tinha suas contradições. Tem textos dele de clara xenofobia. Contrário à imigração de europeus, pois isso tirava o emprego e a chance de integração do negro. Agora, o negro em 1872, São Paulo tem 30 mil habitantes, perto de 38% é de negros e mulatos, da população. O primeiro recenseamento foi em 1872. Quando está chegando fim do Século XIX, o número de italianos que era 7%, 10%, por aí, vai subir para 27% de italianos, de imigrantes. Trazidos com uma política de branquear o país. E o negro vai baixar para 16. Quase que metade do que havia em 1870 por aí caiu, e o italiano subiu.

Essas Associações deixam de existir, em minha opinião, por volta de 1964. O golpe acabou agitando as pessoas, que ficaram com mais medo de sair. A entrada dos militares, aquela tensão toda, deu medo em todo mundo. Os que eram da Frente Negra já tinham passado isso no Estado Novo. Eu continuei participando um pouco, mas aí casei e também me afastei por um tempo, começaram a nascer meus filhos, eles eram pequenos eu tinha que estar mais dentro de casa. E o ambiente de repressão depois de 1964 começou a assustar. Deu bastante medo, porque a manifestação já não é tão espontânea em questão racial. Muitas pessoas confundiam questão racial com os movimentos comunistas.

Mesmo durante a ditadura não tive problema com a polícia por causa da minha militância com a questão racial. Tinha mais problemas com o jornal do que com isso. No Estadão tinha que dar várias explicações. Mas minha literatura e meus escritos, não. Porque minhas coisas sempre foram muito pacíficas. E tem que levar em conta que toda a minha participação foi sempre ao lado de pessoas mais maduras, de pessoas distintas, eu nunca participei de um movimento jovem, um movimento político radical. Nunca me filiei a partido político. Nunca quis me candidatar a nada.

Você claro, tomava alguns cuidados. Alguns livros que eram correntes nos meios dos leitores, das pessoas intelectualizadas foram escondidos, porque havia um medo. Eu mesmo tive que esconder vários livros. Na verdade eu passei por uma situação. Com a capa do meu livro, “O Carro do Êxito”.

Eu estava participando nessa época de uma palestra literária em uma cidade do interior e meus livros estavam expostos para venda e um policial chegou em mim:

“Espera aí. Que livro é esse? Do que é que é? ” Por causa da capa. Aí eu tive que explicar e ele foi embora. Mas isso colocava medo nas pessoas. Mas não foi o único fator que fez com que a Associação fechasse. Já tinha certo cansaço, a realidade é essa, estou falando daquilo que eu conheço. A situação econômica estava ruim também. A gente dependia exclusivamente do pagamento dos sócios, o aluguel dependia da colaboração mensal dos associados, que também pararam de contribuir. O aluguel ali no centro começava a ficar mais caro, muitas pessoas passaram a se mudar, morar cada vez mais longe.

E eu até diria o seguinte, que todos esses movimentos sempre giram em torno de uma liderança. É necessário que haja algumas pessoas que fiquem à frente. Para mobilizar as outras. No caso da Associação Cultural do Negro, era José Correia Leite, o Jayme Aguiar, Tenente Rosário. Essas lideranças que eram fundamentais, como o Correia Leite, elas se encolheram.

O Correia Leite tinha já mais de 60 anos, a idade começou a pesar. Ele morava no Ipiranga e acabou se encolhendo, voltando para sua casa, ficando mais em casa. Ele nos recebia na sua casa, promovia jantares, mas não saía mais como antes. Eu acredito que teve certo desencanto nele, dentre várias coisas. Ele era uma pessoa que já tinha passado pela Frente Negra, pela imprensa negra, etc. Houve um desencanto dele com a situação política do país. Ele foi da Frente Negra Socialista, ele tinha total consciência do que o movimento de 1964 representava.

Tentou-se em seguida continuar a Associação Cultural do Negro na Casa Verde, com o Eduardo de Oliveira e Oliveira e a aquela advogada, Gislaine. Mas ficou pouco tempo lá. No centro da cidade já estava com pouco movimento, indo para a Zona Norte, estava já bem afastado. Sem também levar em conta que o local em que está o prédio Martinelli era o local ideal, você tinha bastante condução, tinha tudo ali. Agora, a partir do momento que ele se muda para a Casa Verde, acabou. Foi ali o fim. Eu mesmo comecei a frequentar cada vez menos. Eu ainda não tinha me casado, eu estava noivo e ia me casar. Eu estava morando na Alameda Nothmann, na casa da dona Cândida Joaquim.

Você tem que levar em conta que o Eduardo de Oliveira e Oliveira era carioca, era um homem universitário, tinha uma visão universitária, porque o pessoal antigo era toda autodidata praticamente. Então mudou a visão da Associação Cultural do Negro, virou mais um projeto educacional e concentrou-se nas mãos do Eduardo. A gente tinha também outros intelectuais que frequentaram lá, o Florestan Fernandes, que escreveu o

prefácio do meu livro “15 Poemas Negros”. A Associação na verdade era material de estudo para ele, que estava fazendo uma pesquisa grande para a UNESCO na época.

Tinha o Fernando Góes, por exemplo, um intelectual de proa, comunista, que ensinava também, dava conferências, entendia a realidade. Era da idade próxima a do Correia Leite, uns cinco anos mais moço, talvez. Então, ele vai acabar depois chegando à Academia Paulista de Letras. Ele foi apadrinhado pelo José Correia Leite.

Ele chegou em São Paulo em 1915. E pertenceu à imprensa negra, fez nome como crítico, como cronista do Diário de São Paulo. Então, é um elemento que nessa época na década de 1940 e tanto ele está no meio negro ali junto com o Correia Leite, depois ele desaparece.

A única pessoa que vai ter contato com ele sou eu, que vou visita-lo na Rua Santo Antônio. Eu tocava órgão ali na Igreja Ciência Cristã, na Travessa Brigadeiro número 2, que hoje é rua Adoniran Barbosa, uma rua pequenina. Ele morava ali ao lado e eu ia visita-lo. Aí ele me perguntava: “Como é? E o pessoal aí, como é que está? ” “E o Aristides e não sei quem? ” Ele perdeu totalmente o contato com a coletividade. Então eu me tornei uma espécie de mensageiro, dando notícias para ele, que já estava fora. Ele era uma figura machadiana de chapéu de feltro, gravata borboleta, bengala. E o que ele gostava mesmo era de um uísque (risos). Uma figura maravilhosa, eu aprendi muito com ele. Tanto que eu estou dedicando a ele o meu próximo livro. É um livro de poemas, que é uma reunião dos meus poemas, uma seleção com meus mais significativos poemas. E também estou escrevendo um livro sobre o Mário de Andrade, os espaços que ele frequentava. O livro gira ao redor da cor duvidosa de Mário de Andrade, vai dar polêmica! Tomara que dê (risos).

E aí, na falta dessa liderança eu tentei continuar na direção do Níger. Eu me tornei redator chefe com 20 e tantos anos. Mas também não conseguia patrocínio, poucas pessoas ajudando. E aí acabou tudo isso, essa imprensa. A imprensa negra teve aí um período de quase silêncio. O aparecimento da imprensa negra a partir de certo momento ela é capilar, aparece como um fio de cabelo. Saem um, dois números apenas... E muitas vezes não tem continuidade. Isso eu acompanhei bem. Jornais que saíram um número só. Houve jornais que fizeram muito barulho e acabou com poucos números. Eu digo até que a época áurea da imprensa negra foi até os anos 1930. Depois voltou na metade dos anos 1940 passou bem pelos anos 1950... Depois ela vai encolhendo.

O “Níger” mesmo saiu apenas cinco, seis números. O projeto da revista era que o negro fosse respeitado e tivesse a valorização de sua cultura. O “Níger” é uma revista

cultural e noticiosa. A partir do momento que me colocam como redator... É o que eu sei escrever. Sobre cultura e poesia. Tinha redatores aqui em São Paulo e um relacionamento com o Rio de Janeiro. Você pode reparar no “Níger” que tem matéria que fala sobre a cultura negra e agenda cultural no Rio de Janeiro. E é claro, quando aparece o “Níger”, as pessoas de associações de cidade do interior também se aproximam da gente, mandam correspondência. Então o “Níge”r acabava polarizando, trazendo matérias também de fora. Mas a fase áurea da imprensa negra, em minha opinião ela foi... Até 1930 e pouco, ainda quando o Lino Guedes era vivo, ele morreu em 1951. O Gervásio de Moraes. Também tem uma coisa importante, a cidade era outra.

Contribuí com um jornal que eu tinha um número só. Eu lamento que ele tenha sido comido pelas traças. Isso foi no comecinho dos anos 1960, se não me engano. Era um rapaz chamado Osvaldo Borges, que é uma figura de um romance. Ele tinha contatos nos EUA e ele foi naquela ânsia de conhecer, de viver na América. E lá ele conheceu a “Ebony”. Eu vendi muito revistas “Ebony”, que eram da nossa querida atriz, a nossa maior atriz negra, Ruth de Souza. Eu cheguei a vender número um da “Ebony” para pagar um terreno que eu estava comprando. A Ruth recebia a “Ebony” da América e eu vendia para ela alguns números. Quando eu participei desse jornal do Osvaldo Borges ele quis fazer uma espécie de “Ebony” aqui no Brasil. Havia um rapaz que tinha dinheiro, de origem israelita, um rapaz judeu que se empolgou com a ideia. Ele alugou duas salas na Rua Vinte e Quatro de Maio bem naquele pedacinho ali. Na esquina com a Conselheiro Crispiniano. Ele começou aquela correria toda, disse que vinha do Rio de Janeiro, aquelas meninas negrinhas bonitas, bem vestidas, fazendo intercâmbio com o Rio. Era um negócio de arromba, que eu fiquei espantado com aquilo. Eu nunca tinha visto na minha vida. Ter dinheiro pra fazer uma revista negra (risos).

Quem estava à frente como redator chefe era o Odacir Matos, que era revisor de um jornal em São Paulo. Eu escrevi uma matéria, Solano Trindade também escreveu, escreveu uma matéria muito curtinha, mas escreveu. E ficou pronto o primeiro número, com um formato grande, bonito ficou o jornal. Aí marcaram uma festa para lançamento da revista. Na Rua da Liberdade no Centro do Professorado Paulista. Serviram um Coquetel, tinha Coca-Cola e um recital de piano. Toquei, com uma pianista chamada Aurea Arantes. Toquei uma peça minha, uma peça muito tocada nos saraus da época. Hoje eu acho uma peça medíocre (risos). “Lembranças de um Castelo Antigo”, que eu compus quando eu tinha 18 anos. Mas não tem técnica. Eu sou um pouco exigente, não

tem uma riqueza harmônica como eu gostaria, mas... agradava demais, até eu acho. Nesse momento, eu ainda era mais conhecido como pianista do que como escritor. E outra coisa, todas as pessoas ganharam o jornal de graça. Uma loucura a festa!

Então, todo mundo ficou esperando o segundo número, parece que o jornal devia sair a cada 15 dias ou um mês. E cadê o jornal? Não apareceu mais. E o pessoal da revisão do Estadão me cobrando, Oswaldo e aquele jornal lá? Todo mundo gostou do jornal, porque batia de longe o que se fazia até então na imprensa negra. Mas o que asfixiou esse jornal. Uma medida política. Nessa altura, o Jânio Quadros estava como presidente e em guerra com os donos de jornais, que os jornais só batiam nele e ele fez uma resolução subindo o preço do papel. Taxou o papel mais alto. Disse que o lucro das empresas estava muito alto. Deu como exemplo o lucro do Estadão. Era bom trabalhar nessa época no Estadão. Tinha até aumentos espontâneos para a gente. Eu tive aumentos espontâneos, maravilha. Então, o que aconteceu? O rapaz judeu que financiava ele percebeu o seguinte. Gastaram mais com a festa do que com o jornal, do que com a impressão do jornal. Quando ele viu aquilo, ele falou: “Não, não vou continuar não”. E tirou o dinheiro, acabou tudo, ninguém tinha dinheiro nessa sociedade para manter duas salas alugadas e pagar todos funcionários. Mesmo que o revisor fosse graça, eu faria de graça. Mas pagar papel, pagar tudo, não tinha como. Tirou dinheiro, o jornal acabou. A verdade é que foi má administração. Gastaram mais na festa do que com o jornal, mas usaram essa desculpa do papel. Que o Jânio Quadros tinha subido o preço do papel e que devido a isso não havia mais como continuar a publicação.

Eu, como poeta, meus textos eram solicitados às vezes para serem lidos em peças de teatro, saraus. As peças do Solano Trindade sempre tinham algum poema meu. Ele foi na Associação algumas vezes. Também o Dalmo Ferreira, do Teatro Experimental do Negro em São Paulo. Eles me convidavam para recitais. O Abdias, que morava no Rio, mas estava sempre em São Paulo. Uma figura que tem que ser lembrada, o Rodrigues que era também uma espécie de braço cultural do Abdias. Era um homem que conhecia todo o fundamento do cinema, conhecia a negritude, etc. Eu tinha relacionamento muito bom com esses homens todos, com o Solando Trindade, que nós nos encontrávamos na Rua Sete de Abril aos domingos. Ou na Rua Vinte e Quatro de Maio, aos domingos geralmente fazia umas reuniões lá, debates. Era um bar chamado Costa do Sol era um bar da esquina, quase esquina Rua Sete de Abril. O Solano vinha, tomava sua cachaça com a turma, comia – eu não bebia cachaça – com o Aristides Barbosa. O Solano Trindade com o seu Teatro Popular.

Eu estava sempre nesse meio. Fornecendo textos às vezes, poemas. Estou procurando adoidadamente esses poemas para o meu livro e não acho (risos). Todos aqueles recitais que eles faziam em São Paulo e no interior tinha sempre texto meu, principalmente meu poema “Grito de Angústia”. Os mais declamados eram os do Solano. O “Tem Gente com Fome”, o “Negro”, meus foram libertados, Depois o poema “Protesto” do Carlos de Assumpção: “Mesmo que voltem as costas, às minhas palavras de fogo”. E em terceiro lugar o meu poema “Grito de Angústia”, sobretudo na voz da Nair Araújo, que era também do Teatro Experimental do Negro, doméstica. Ela começou com o Solano quando era doméstica, estudou e chegou à livreira, abriu a Livraria Contexto, a filha dela está até hoje está à frente da Livraria.

Uma figura que sempre me encantou e que eu tive contato foi a Carolina. Eu acompanhei a Carolina algumas vezes, as coisas em torno dela que ela nem sabe, quando tentaram publicar o segundo livro dela devido ao êxito do “Quarto de Despejo”... Bom, a editora de um amigo meu que chamava Quatro Artes, publicou o segundo livro dela, “Casa de Alvenaria”. Acompanhei tudo isso. Quando tentaram lançar o “Casa de Alvenaria” ali na galeria Prestes Maia, estava tudo acertado que seria ali o lançamento, aí a Prefeitura proibiu, porque disseram que, se abrisse o precedente para fazer o lançamento dela, teria que abrir para todo mundo. Foi uma frustração para todos nós e um desrespeito à figura da Carolina. Eu acompanhei tudo isso.

A partir dos anos 1970, eu apenas acompanho, não mais participo ativamente, depois nos anos 1980, que meus filhos estavam maiores que eu volto a participar ativamente. Mas até aí minha participação vai ser escassa. Não vou ter nenhuma função de direção, apenas contribuía com textos.

Na grande imprensa também escrevi muito, no Estadão e no Jornal da Tarde. E muitas vezes escrevi sobre o negro, sobre abolição, sobre o Correia Leite, sobre o Quilombhoje. Aquilo que eu estava fazendo na imprensa negra eu estava fazendo no JT. Eu consegui levar o Correia Leite e mais alguns da imprensa negra para visitar nossa redação. Fiz uma matéria de página inteira do Jornal da Tarde sobre o Correia Leite, com entrevista com ele e tudo. Foi aí que nós fizemos o “Encontro de Gerações”, uma exposição na escola Laura Camargo, ali na Rua Barão de Campinas, ali perto da Santa Casa, aquela rua da Santa Casa. Isso foi muito bom. Foi decisivo para a imprensa negra, porque eu consegui nessa época que a coleção de jornais do Henrique Cunha e do José Correia Leite e nós dispusemos toda essa coleção lá para quem quisesse folhear. Algo inédito. Fizemos um churrasco, eu tinha tudo guardado aí, convites, tudo. Então, eu

estava atuando, mas não assim tão atuante. Voltei mesmo com o Quilombhoje e com o MNU. Agora era o contrário. Quando eu comecei lá nos anos 1950, eu era o mais novo. Quando eu estou no final dos anos 1970 voltando a atuar na imprensa negra, eu agora era o mais velho (risos).

Eu estava fazendo um jornal chamado “Abertura” que saiu só um número, infelizmente. O nome era pelo momento que o país estava vivendo. Eu tenho ele guardado aí, porque ninguém sabia desse jornal, todo mundo ficou espantado. Aquela menina que estuda a imprensa negra, a Ana Flávia Magalhães, ela fotografou o jornal. Era uma tentativa de fazer alguma coisa moderna, entrar na modernidade. Fizemos um número só com colaboradores também brancos, eu fazia questão que tivesse várias visões, mas infelizmente a imprensa nanica não se sustenta. Eu ainda consegui rodar o jornal na prensa do Estadão. Eu só gastei dinheiro com esses projetos nunca ganhei um centavo. Então é difícil você manter... Mesmo a grande imprensa hoje você vê o Jornal da Tarde, Gazeta Esportiva, vários jornais que foram importantes e deixaram de existir. E, se esses jornais grandes eram deficientes, os nossos, você imagina como era... Não se pagava.

Era totalmente voluntário. Eu escrevia e fazia a revisão do jornal, por exemplo, o “Novo Horizonte”. A minha primeira experiência na imprensa foi com o “Novo Horizonte”. Ah, mas o “Novo Horizonte”, eu ia fazer revisão lá no Correio Paulistano – antes do Correio ser extinto, eu tinha 23 anos. Ficava lá na gráfica fazendo revisão, escrevia várias matérias. Às vezes chegava o dia de editar o jornal e imprimir, algum colaborador não enviava o texto eu tinha que escrever um texto eu mesmo e colocar ali. Ele era impresso no Correio Paulistano, porque o professor do Vítor Pereira dos Santos tinha amizades lá e imprimia o jornal. Muita coisa que a imprensa negra fazia era devido alguns conluíus de amizades... Por exemplo, o “Níger”, nós não tínhamos dinheiro para manter o “Níger”. Os clichês que nós usávamos para fazer o “Níger” eram feitos no Diário de São Paulo, ali na Sete de Abril. Graças ao Brochado que era da Associação Cultural do Negro e que pertencia à equipe do Diário de São Paulo. Então, sem esses apoios, era difícil, nós não cobrávamos nada, ninguém ganhava por isso, então. Pelo contrário, sempre punha dinheiro do bolso.

No MNU, eu participei estando lá e deixando meu nome como representante do jornal “Abertura” no Ato do Municipal entre as entidades apoiadoras. O primeiro protesto contra o que tinha acontecido foi eu que fiz. Eu escrevi a matéria no Jornal da Tarde sobre os meninos que foram barrados no clube Tietê que desencadeou o protesto

feito no Municipal e nesse protesto fundou-se o MNU. Falam sempre isso: “Na verdade a primeira pessoa a protestar foi o Oswaldo”. Porque demorou o protesto. Teve o caso dos meninos, a matéria que eu escrevi e aí todo mundo tomou conhecimento. Quando eles protestaram, o fato já tinha se passado um mês quase. Não estou querendo nenhum protagonismo. O Movimento que surgiu disso está aí até hoje e é essa é a nossa função como jornalista, denunciar! Porque eu nunca fui muito ligado a esse tipo de coisa mais político-partidária. Eu acredito que eu sou fundamentalmente um solitário, um intelectual, um homem que a vida toda simplesmente quis escrever.

Sobre isso mesmo, anteontem teve um ato comemorando 39 anos do MNU... Mandaram um e-mail para mim, um pessoal ligou aqui em casa para eu ir, mas eu não fiquei entusiasmado, porque eu sou um homem mais de escrever, nesse ponto eu sou meio machadiano, eu sou mais Machado do que Patrocínio (risos). Eu acho que a minha função mesmo é de escrever. Escrever e tentar ser lido também. Não é só escrever de fato, mas conquistar um público leitor.

E porque as associações negras como a Associação Cultural do Negro acabaram, mas as escolas de samba não? Eu fiquei pensando nisso um tempo, quando comecei a dar os cursos para os jurados das escolas de samba. Hoje eu tenho essa consciência que é muito mais fácil lidar com o lazer, com divertimento, junto com a cultura. Esse nosso modelo associativo vai exigir que você seja um homem de leitura, homem de pensamento, algo mais sofisticado. Já nos espaços do carnaval, escolas de samba, é muito mais fácil de levar para frente e o retorno é rápido. A adesão das pessoas é rápida. Uma associação cultural como a Associação Cultural do Negro não tem um retorno visível, a mídia não se interessa muito em trazer à tona “a Associação Cultural do Negro”. Agora, o carnaval é importante porque ele ela traz frutos peculiares. Além do divertimento e da cultura que se aprende lá, tem um viés por trás. Ela traz dinheiro, movimentando muito dinheiro. Uma empresa de cerveja, de bebida, ela investe na escola de samba. Como tem uma raiz evidentemente negra, é difícil você separar o negro dessa questão do lazer negro, do carnaval, de certas danças, etc. Aí se explica em parte o sucesso também do Solano Trindade. Ele entendeu isso primeiro que todo mundo. Ele foi até para a Europa e se apresentou por lá. Acho até que ele deve ser mais reconhecido lá fora do que aqui, o que acontece muito. Ele apresentava um teatro folclórico e popular do Brasil.

O carnaval é um campo em que a temática negra vai aparecer, eu até acredito que a divulgação de certos temas negros se deve muito ao carnaval. Homenageando

alguns personagens, trazendo textos de cultura negra, sobre candomblé, sobre cultura popular. E houve alguns sambas enredos fabulosos nesse aspecto. Então, é uma outra leitura que eu acredito até que chega a ser um tanto intelectualizada. Um enredo de uma escola de samba também se aproxima da literatura. Em alguns aspectos acaba sendo parceira da literatura. E você vai encontrar aí nomes que vão dar uma colaboração excepcional para a poesia e a literatura brasileira como Paulinho da Viola, não é? Paulinho é um grande poeta. Eu tive a honra de entrevista-lo em sua casa, em 1988. Eu fui à casa dele no Rio de Janeiro entrevistar o Paulinho da Viola e acabei entrevistando também o Grande Otelo (risos). Eles eram grandes amigos e estava lá na casa do Paulinho. Grande Otelo, apesar de ser ator, até compôs um samba falando sobre as mudanças no carnaval que é o “Vão acabar com a Praça Onze” e aquela coisa toda. Então, a partir de certo momento de fato alguns nomes que já são mais midiáticos, estão colaborando com o carnaval. Eu vejo nisso até certo paralelo com a literatura.

As escolas de samba trouxeram várias temáticas negras para as praças, para a mídia, para as ruas. Isso é extraordinário. Atinge muita gente. Alguém vai ficar interessado e dizer: “quem foi essa pessoa?”. Não é? Então vejo isso aí uma conquista muito grande, impensável quando Lino Guedes estava vivo, quando esse pessoal todo fazendo aquela imprensa lá na década de 1930-40. Ou então, nesse aspecto eu acho que houve sim um enriquecimento até um tanto transbordante dessa questão negra. É necessário levar isso com mais afinco e olhar de outra maneira para isso. Se uma escola trazer um enredo sobre o Lino Guedes, todo mundo vai conhecer ainda que superficialmente quem foi o Lino Guedes.

A população negra, quando eu cheguei a São Paulo, morava em vários lugares, normalmente nos espaços do aluguel mais barato, haja vista a Casa Verde, Peruche. Quando há um acesso de pessoas negras, mulatas, quanto mais empobrecidas, mais fortes criam-se laços e com mais igualdade. Não é à toa que o Vai-Vai está no Bexiga. O Bexiga foi um reduto negro e que se perde lá no passado, lá na Saracura.

E por que é que aqui não tem? Porque aqui é o reduto de portugueses, o Luazane. Já tentei fazer alguma coisa aqui, mas imagina. Não há como pegar carnaval aqui nesse pedaço, não há como. Um bairro de classe média, as pessoas não se interessam muito. A classe média quer se isolar, não se integrar (risos). De uns anos para cá com esse shopping pegou sim, uma feição mais de classe média. Mas eu aprecio muito essa mistura, eu gosto muito daqui porque parece interior, não é? Então eu gosto muito dessa ruazinha, aqui parece com interior, aqui em cima tem um botequinho, eu

gosto muito dessa coisa. Aqui é sossegadíssimo. E ganhou vida também porque agora aqui tem muita criança... Da creche ali no fundo. Com o número de crianças, dá mais segurança. Nenhum carro entra correndo aqui mais.

Porque era perigoso antigamente. Tinha carro correndo podendo atropelar alguma criança. Acabou isso! Aquilo que eu achei que era ruim acabou sendo bom. Eu fui contra porque na verdade, quiseram fechar aqui para impedir as crianças ali de passarem, não é? Aqui é passagem de crianças pobres da creche, do Cingapura, pretinho, mulatinho, pobrezinho, maior parte. Então quando os vizinhos falaram em fechar lá na frente eu fui contra, minha mulher também foi contra. Mas depois, com o tempo, eu fui percebendo que acabou sendo bom. As crianças continuaram circulando pelo portão pequeno e os carros pararam de circular.

Quando eu começo a me misturar mais com o jovem, 15 anos mais novo do que eu, foi no Quilombhoje, o pessoal de Quilombhoje tinha 15 anos menos do que eu, eu era o mais velho do Quilombhoje. Aí se explique talvez um pouco de atrito de geração. Nos dávamos muito bem, mas sempre tem aquela visão diferente de geração. É natural, eu tinha quando estava com 23 anos na Associação Cultural do Negro e o Correia Leite era 30 anos mais velho que eu. No Quilombhoje maior parte lá vinha com 23 eu estou com 45. Hoje, o Cuti, que era dos mais aguerrido está com 65 quase. Eu estou com mais de 80. Então você vê que já foi filho e agora tem que ser pai.

Para mim foi uma experiência muito rica o Quilombhoje, porque foi a ocasião de me redescobrir com os mais jovens. Vou ser sincero, na minha opinião, os cadernos nem sempre tinha um conceito bom de literatura. Era algo mais direto, militante, que às vezes pecava pela falta de estilo. Porque uma literatura não é só escrever, é ler, é conhecer, é ter técnica, ter humildade, para saber que não é o primeiro rabisco que é válido. Tem que trabalhar muito em cima do texto, ler muito. Muitos começaram a participar na verdade pelo ato de publicar, era pagar e publicar, e nisso fui contra. Literatura tem um crivo editorial.

Eu cito muito o Drummond, ele é absolutamente do reino da palavra, tem aquela frase dele famosa: "Você trouxe a chave?". Mas isso não se aplica apenas à literatura, aplica-se até a música popular, ele tem uma técnica para tocar o tamborim. Põe um tamborim na minha mão, eu vou tocar? Posso bater nele, mas não vou conseguir dar expressão. Tamborim tem uma linguagem também. Então, é isso que eu brigava muito e aí nessas brigas dava a impressão que nós queríamos abafar o pessoal. Não era abafar. Era uma preocupação estética, com a qualidade do texto. Carolina, porque ficou tão

conhecida? Porque tinha um estilo literário sofisticadíssimo. Tiveram muitas outras pessoas de situação de rua ou de favela que publicaram livros, porque nós só lembramos da Carolina? Porque o livro dela é muito bom. E na época muita gente achava a palavra estética palavra de branco.

A grande falha em minha opinião foi achar que literatura negra não tem nada a ver com branco, como a grande literatura era visto por muitos deles. Diziam: “a cultura do negro é bater no tambor, é bater no tamborim, isso que é cultura negra”. Errado. Isso é também. Mas não só isso. Não existe uma cultura que não seja misturada. Até na Europa. Nas artes plásticas. Alguns casos que são casos canônicos, como o da influência das máscaras africanas nas obras do Picasso e de outros autores. E também a África recebe influência da Europa. E isso vem de muito longe. Por exemplo, Homero, Homero tem textos em que ele está usando personagens africanos como Menon da Ilíada. Ele colocou lá na guerra de Troia uma figura preta, no meio. Então, é misturado, a própria Bíblia. Toda vez que na Bíblia aparece a palavra “cuxita”. “Cuxe”, refere-se a negros. É uma palavra etíope. O Egito não é o da Elizabeth Taylor. Tem dinastias de faraós que são negras como eu, com nariz chato. É uma questão de status, ser africano não tem status, agora ser árabe tem status, eles se definem como árabes.

O grande tema da literatura negra é a Igualdade. Igualdade é o grande tema. Só queremos ser vistos como iguais. Que a igualdade ela abarca o racismo também. Ela abarca e tem outra coisa que eu levantei no meu livro “A Descoberta do Frio”, e que é fundamental, a indiferença. A indiferença eu considero um dos cavaleiros do apocalipse. A indiferença, ela pode pegar brancos e pretos. E a indiferença faz com que a pessoa permaneça tranquila, sem maus sonhos à noite, ela não vai sonhar mal porque eu estou na rua, ela passou perto e pensou isso não diz respeito a mim. Portanto não a afetou em nada. E ela sai tranquila. O humano, a pessoa que comete um ato de racismo ela pode depois talvez se arrepender “opa, puxa vida”. Mas uma pessoa que é indiferente ela permanece indiferente. Há um autor francês que chama a indiferença de “o sono da alma”, a alma está dormindo. Eu tenho alertado muito sobre isso, a indiferença. Não ser indiferente. Minha produção é sobre isso, a igualdade e a indiferença. E a situação do Brasil chegou a esse ponto na questão racial, também por causa da indiferença. A própria igreja católica – eu sou católico – a própria igreja é indiferente. E na Bíblia está escrito que os indiferentes não herdarão o reino do céu. Eu não posso ficar indiferente. Um cristão não pode ser indiferente. A indiferença leva à mornidão e no plano religioso Deus diz claramente “Seja quente ou seja frio, não seja morno que eu te vomito”, o

texto Bíblico do Apocalipse, Capítulo III, Versículo 16 diz assim: “Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca”. A pessoa não é ruim, não é boa, mas é melhor na sua vida e está feliz com ela mesmo. Não reflete, não pensa, só vive. Igual uma planta.

E dentro do movimento negro mesmo sempre foi terrível, tinha de tudo. Nos anos 1930, na Frente Negra, monarquista patrianovistas, como os irmãos Veiga dos Santos, socialistas, integralistas, varguistas (risos). Com o passar do tempo e sobretudo após a abertura constante do movimento, passou majoritariamente para a esquerda. Eu olhando os aspectos em que eu acredito, mesmo sem nunca ter assumido ser politicamente esquerdista, eu sou esquerdista. Pelo menos no contexto geral do que é ser de esquerda, de não aceitar desigualdade e acreditar que o Estado tem obrigações com as pessoas. E não é à toa que os grandes estudos feitos sobre o negro, modernamente foram feitos por intelectuais de esquerda. Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Clóvis Moura, Abdias do Nascimento, são todos homens de esquerda. Os padrões da dita direita faliram. Fazer o quê? Agora, tem até a esquerda pegajosa, que é o perigo da esquerda também. Ser muito radical, querer tudo e não aceitar e reconhecer melhorias concretas que estão sendo feitas, ainda que de maneira tímida.

LIBERTO SOLANO TRINDADE

Nome: Liberto Solano Trindade

Data de nascimento: 01/01/1943

Local: São Paulo

Profissão: Ator e bancário

Data da entrevista: 18/07/2017

Local da entrevista: Residência de seu Liberto no bairro da Casa Verde, Zona Norte de São Paulo- SP

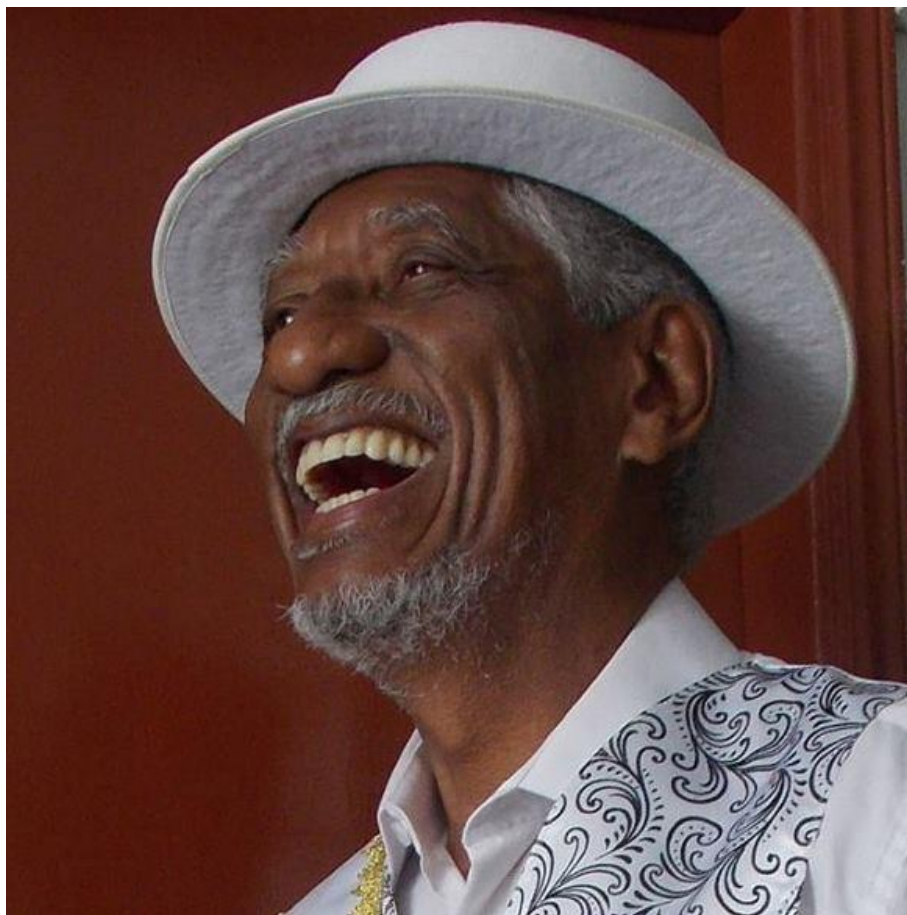


Foto: Acervo pessoal Liberto Solano Trindade

Estou na luta há 60 anos. E a gente na vida perde a batalha, não perde a guerra.

Meu nome é Liberto Solano Trindade, filho do poeta recifense Solano Trindade, o Velho Poeta, nascido em 1908, e da dançarina, coreógrafa e terapeuta ocupacional Maria Margarida Trindade. Eu vivia desde sempre as manifestações populares, teatro, música, muitos intelectuais vinham na minha casa conversar com papai. Lembro que era muito pequeno. Eu tinha sete anos de idade quando ele, Edson Carneiro, o sociólogo Edson Carneiro e Maria Margarida Trindade fundaram o teatro popular brasileiro. E eu tinha assim, mesmo sem saber, tinha contato com Grande Otelo, muitos artistas que frequentavam minha casa. O crítico Sérgio Milliet, mas eu tinha apenas sete anos de idade.

Tinha acabado de sair de um problema de saúde, o meu ouvido sangrava e tinha muita febre. Eu tinha uma saúde muito debilitada. E eu pensei que eu não ia sobreviver, ou que não continuaria a vida e chegaria à idade de homem com uma família, porque era muito doente mesmo. Mas com o tempo, na adolescência, com 13, 14 anos, eu já estava me recuperando. Então, na verdade não se entendia nada do que estava acontecendo dentro do Rio de Janeiro. Eu passei a ter uma consciência a partir dos 14, 15 anos. Aí meu pai já estava em São Paulo e minha mãe mudou de Caxias para Sampaio, que era uma estação que fica entre Riachuelo e Cascadura. A estação do lado era Engenho Novo, a outra era o Méier, Todos os Santos e Méier. E depois fomos morar no Engenho de Dentro. Lá no Engenho de Dentro eu conheci o Glauco, o Glauco do “vai se quiser”.

Eu já tinha 13 anos, 13 para 14 anos, e teve um lance que me despertou preocupação. Até com os meus colegas branquinhos, que moravam numa viela. Tinha uma curva que saía lá na rua onde passavam os bondes. E naquele trecho até a esquina tinha um bar, passando o bar um campo e uma carvoaria que tinha esquina. E depois a estação de bondes. Aquele trecho ali era o Campo do Galitos Futebol Clube. Era o campo de futebol do bairro. Havia muitos ao redor. E o pessoal do clube de futebol resolveu um dia sair, botar um bloco na rua.

E como era muito comum esse bloco foi discriminado. “Ah, não vou lá porque só tem negros” e não sei o quê. E eu estava escutando tudo isso. Eu estava lá vendo o bloco dos caras no meio da rua, quem assistiu, e aí eu te juro por Deus, rapaz, falei pra eles pra dar força: “Daqui a alguns anos nós vamos estar batendo palmas para vocês”. “Um dia nós vamos bater palmas para vocês na avenida”. E eu já tinha, assim, uma noção da importância daquele bloco na rua, que é uma cultura nossa. Das pessoas preservarem o samba num bairro que se dizia de classe média, uma classe bem baixa

que se acha no topo. Aí eu guardei isso. É por isso que eu falo, eu chego lá na USP eu vejo meninos lá, os estudantes batucando o tempo todo, em cada lugar tem uma bateria e eu falei isso lá no Rio de Janeiro, em 1958, por aí. Eu mudei para lá na primeira copa ganhada pelo Brasil. Aí comecei a sentir que eu tinha alguma coisa a ver com essa cultura.

Mas anteriormente, voltando lá para Caxias, eu frequentava já alguns bloquinhos, ia a algumas escolas. Os Cartolinhos, que ficava a cem metros da minha casa. Ficava lá no Fundão a Unidos de São Luís. E mais para a esquerda tinha a União de Centenário. Na época tinha a União do Centenário, tinha a União de Jacarepaguá, tinha a Aprendizes de Lucas. Da Unidos de São Luís, os Cartolinhos e União de Centenários formaram a Grande Rio. E eu desfilei três anos pelo bloco Vai se quiser e na época já existia o Arrango e o Água Santa.

E eu vim em 1962 para São Paulo, que eu estava a fim de ter um lugar onde o campo de trabalho era maior; era São Paulo. Evidentemente era um local certo. E eu, logo que eu cheguei, eu conheci o Gianfrancesco Guarnieri no dia 30 de abril de 1962. Eu entrei num restaurante chamado Costa do Sol, que ficava em frente aos Diários Associados. Outra escola... Era o jornal do Assis Chateaubriand. E tinha o IAB que ficava numa daquelas ruas ali depois da Rêgo Freitas – acho que é Rêgo Freitas – e enfim, e ali no Costa do Sol estava lá Randal Juliano, Gianfrancesco Guarnieri e o Juca de Oliveira. Eles tinham acabado de encenar *Eles não usam Black-tie* no Teatro de Arena. Então isso para mim, aliado à cultura negra, me deu uma aula de consciência. É tudo ao mesmo tempo. Embora a gente até hoje lute pela cultura negra, porque o regime escravista foi muito perverso, muito violento. Então daí existem ainda... As marcas muito vivas. E as pessoas não estão nem um pouco interessadas em discutir. Na sua maioria as pessoas não querem discutir isso, sabe?

Meu pai que anteriormente morava na casa do físico Mario Schenberg foi convidado pelo Claudionor Assis Dias para fazer aquele movimento de Embú. Tinha terrenos lá em Embú e alguns artistas estavam indo para lá. E ele encontrou o Tadakio Sakai, escultor japonês, Cássio M'Boy e juntos com papai fundaram aquele movimento e depois se tornou internacional. Ficou famoso no mundo inteiro.

Eu vim direto para morar na casa de meu pai lá em Embú. Isso é curioso e eu quero que as pessoas saibam que eu morei no Embú, acho que por dois anos. Dois anos, eu morei, porque eu tinha uma necessidade de trabalhar. Minha irmã Raquel mora até hoje lá. Eu ia trabalhar, mas final de semana eu estava lá ajudando, varrendo,

participando das reuniões, das apresentações. Tanto é que dia 5 de maio de 1962 foi a primeira participação junto com o meu pai. Aí que começou minha trajetória junto com meu pai, nós dois juntos. Eu olhando tudo aquilo que meu pai falava e fazia, escrevia. E foi indo, aí participei de lançamento de livro, artes plásticas, eu vi papai fundando aquele movimento de arte que tinha na Praça da República, além do movimento de arte do Embu. Então eu participei de um monte de coisas, eu fui para o interior para apresentação como ator junto com o Teatro Experimental do Negro, que era dirigido por Dalmo Ferreira. A peça tinha também o Rubens Campos, a Eunice Pereira... O TEN começou com o Abdias lá no Rio, em 1944, se não me engano, e o Dalmo deu continuidade aqui em São Paulo.

A gente se apresentava em todo lugar, o pessoal do teatro. Fazíamos muita apresentação em bares. Na época, tinha os bares mesmo de negros, assim como tem nos Estados Unidos. O Garitão, o antigo, já na época antigo, o 28 e o Som de Cristal no Campos Elíseos.

Tinha uma coisa muito importante nesses bailes lá que você encontrava esse grupo, dos cordões, das escolas de samba. Existia um grande movimento e uma concentração com a presença do Solano, Vidal, do velho Santos. Era na Igreja dos Pretos do Paissandú, foi um grande centro de concentração dos negros ali. Por isso sempre arrecadávamos dinheiro para o grupo de teatro ali. Dava gosto de ver...

Outra concentração dos negros era na frente do Mappin, ali é que eles faziam as divulgações, tinha contato com o pessoal, ali eles se reuniam. Perto do Teatro Municipal. A gente passava lá com o Solano, com o Dalmo, com o Geraldo Filme, aí conseguia ter contato com esse pessoal. E os lojistas dali viam esse pessoal que começou a ser chamado de vagabundo e obrigado a ir para um lugar mais longe. Aí o papai começou a reunir o pessoal na Praça da República, aí começaram umas pessoas a trazer artesanato pra vender, uma coisa ou outra, comida, e começou a feirinha da Praça da República.

E também houve uma resistência muito grande da época, da parte dos poderosos, de que o negro tinha que sair dali... O Geraldo Filme até defendeu que se voltasse para a frente do Mappin, mas que deveria ocupar a Praça da República no final de semana, ou no feriado, mas não podiam sair dali. Tanto que a manifestação depois já em 1978, a manifestação do MNU contra o caso dos meninos lá no Clube Tietê foi ali nas escadarias do Teatro Municipal. O MNU nasceu ali.

Infelizmente, o negro foi perdendo espaço. Isso é a ditadura, que causou isso. Eliminou. Tinha a Ponta da Praia, onde os negros se reuniam... A Ponta da Praia ali na esquina da São João com o Anhangabaú, perto do Martinelli. E tinha o Largo do Arouche, lá tinha um bar, Bar do Redondo. Não tem a concentração dessa turma toda que se reunia e conforme surgindo da vida, que tinha no centro da cidade, na Ladeira da Memória que foi ali que se concentrou a tortura aos negros, pois ali que era o Pelourinho de São Paulo. Tinha o Grupo 220, eles faziam o concurso da Bonequinha do Café, a Associação Cultural do Negro, era tudo ali.

Nós tínhamos ali o Aristocrata Clube, que tinha uma meia dúzia de pessoas eram de luta, o Pelegrini, por exemplo, era um cara que ninguém esquece dele. Foi o grande batalhador. E o Solano, na verdade, comandava tudo isso. O velho comunista orientava todo mundo. Todo mundo consultava o Solano. No Embú, por exemplo, muita gente ia procurar ele, como procuram a Raquel até hoje. A Raquel também é uma grande batalhadora, brigou lá com o prefeito. O cara foi até preso lá esses dias, estava foragido da polícia e virou prefeito. Foi nomeado por procuração... Não apareceu na posse pra não ir em cana. Mas não é de hoje isso não. O que está acontecendo no Brasil hoje é uma coisa que está acontecendo desde que o Brasil é Brasil. O que houve foi um escancaramento...

Existiam algumas diferenças entre o Teatro Experimental do Negro e o Teatro Popular de Cultura. O Teatro Experimental do Negro tinha uma preocupação muito maior com a dança e com o texto encenado. Eram sempre peças com um texto muito bom. E o Teatro Popular Brasileiro tinha com o canto, com a poesia... As declamações, que faziam parte de um quadro. Solano apresentava desde o pregão do Nordeste até o candomblé, tinha frevo, maracatu... O Milton Gonçalves explica como era o TEN. Tinha até alguns monólogos e sempre textos baseados na problemática negra, dos problemas que temos, eu acho muito legal esse tema.

O Teatro Popular Brasileiro era mais ligado à dança, aos livros que papai escrevia, à exposição de artes plásticas. Era comum apresentar danças folclóricas nas praças, congadas, por aí vai. E aquele monte de gente trabalhando, o importante é isso: muita gente trabalhando, muita gente dando a contribuição. Mesmo aquelas pessoas que não sabiam dançar, que não sabiam cantar, estavam lá de uma forma ou de outra, engenheiros, advogados, estavam lá encourando tudo, aprendendo com humildade. Papai não tinha essa coisa de negros, brancos e tal. Todos nós, seres humanos somos iguais.

Ele era muito, mas muito humano. Meu pai não deixava essa coisa do preconceito proliferar. E todos eram trados igualmente. Se o sujeito tinha dinheiro para beber uma pinga ou uísque, o aperitivo que pudesse, podia beber o que quisesse. Ninguém olhava. Não tinha essa frescura de só porque era rico não punha a mão na massa. Todos eram iguais lá dentro. Porque ele achava tudo isso uma besteira, tudo uma idiotice, que tinha uma coisa mais séria para tratar se o cara bebe pinga ou se bebe uísque, se torce para o Corinthians ou não (risos).

Eu entendo que o racismo sempre existiu e existirá. E digo que quem nos colocou nessa situação não vai nos tirar. Então tem que ter uma participação ampla e irrestrita dos negros saírem por conta própria. Quem acredita que o dinheiro vai mudar alguma coisa vai ficar acreditando. Eu digo que só o dinheiro não vai resolver o problema. Se nós não tivermos cabeça, se a gente não conhecer a nossa própria cultura... Nós temos que sair de negociado para negociador. Nós temos que pensar que lá na frente não podemos ser como os poderosos. Não adianta ter um negro rico. Temos que lutar para as pessoas serem todas iguais. É isso que nós temos que pensar. Nós temos que andar pelos próprios pés unidos ali e não da boca para fora.

Pasmem, até essa questão da passagem do ônibus tem alguma coisa a ver com a falta de recurso que o negro tem. Quanto mais aumenta a condução mais o negro fica impossibilitado de se deslocar de um lado para o outro e isso é proposital. As pessoas que têm o seu apartamento da COHAB colocam a mão para o céu e procuram estruturar seu bairro, a sua cidade, porque vai chegar um momento que tem gente que é doido para vender seus apartamentos, não façam isso. Porque quem tem melhor poder aquisitivo vai chegar um momento que não está muito longe, de as pessoas comprarem dois, três apartamentos e fazer um só e fazer seu império com as casas da COHAB. Então esse ponto de vista que eu quero que as pessoas tenham. Estou falando isso para os negros. O Betinho da escola de samba Nenê de Vila Matilde, filho do Seu Nenê, eu estava com ele em um ônibus lotado e ele brincou dizendo agora é a prova, que o Navio Negreiro não pertence só a negro, mas os negros continuam sendo a maioria transportada para o trabalho. O negro continua vivendo mal... É na nossa gente que temos que chegar. Não adianta mais a gente buscar no governo soluções para os nossos problemas. Nós vamos ter que resolver isso.

Com o golpe militar, o movimento enfraqueceu. Na composição, por exemplo, lá do Embú, a maioria era negra. E o negro sempre teve problemas. O negro sempre viveu sob a ditadura da polícia, dos poderosos, da classe dominante. A polícia antes e depois

da ditadura sempre invadiu favelas, invadiu a casa das pessoas e tratou o negro com desrespeito, como criminoso. Meu pai enfrentou duas ditaduras, a do Estado Novo e a Militar, de 1964. Mas mesmo durante a República de 1946 houve perseguições. Teve uma vez que eu era menino durante o governo Dutra e a polícia invadiu e levou um monte de livros lá de casa. Eu ia fazer dois anos de idade quando entraram em casa. Eu mesmo não lembro, mas foi algo traumático para meus irmãos mais velhos, que já entendiam alguma coisa.

Claro que com o golpe as coisas ficaram piores. Ainda em 1964, meu irmão Francisco foi torturado e morto pelos militares. O que acontece é que com a ditadura militar essa realidade que a gente sempre viveu foi vivenciada pela classe média...

Com o golpe dá uma estagnada em tudo, já não tem aquela mesma força que tinha anteriormente. E mesmo porque durante a ditadura houve uma avalanche de desempregados. Na ditadura teve também uma avalanche de venda de empresas brasileiras para o capital estrangeiro, para as multinacionais. Houve momentos difíceis para a população, sempre para a população, nunca para quem governa esse país. E o que eu acho que enfraquece a gente é a falta de conhecimento. A nossa população, sempre ela, é analfabeta de tudo. Sem educação, sem democracia a gente perde a força, vai perdendo a força. Aí depois que você tem que recomeçar, né? E a ditadura foi um período muito difícil, muitas cabeças importantes foram torturadas na política, política sindical etc... E a população, por outro lado, não sabe o que estava acontecendo. Em 1969 eu trabalhava na Supergasbrás, na Rua Cariri aqui na Mooca e encontrei lá o Hamilton que era do Teatro Experimental do Negro, ele falou: “Liberto, eu não sei se eu vou sobreviver hoje”.

O movimento negro é muito forte. É que ele é regido – digamos assim – por poucas pessoas. Essas poucas, por exemplo, os negros do sindicato, têm uma grande participação no movimento sindical e conseguem segurar determinados benefícios já conquistados. E vai além da questão do negro. Na questão salarial, na questão trabalhista, das mulheres. Agora, esses movimentos são feitos por poucas pessoas, eles não são divulgados. É a arte no Brasil. Os movimentos sociais... É tão significativo, mas se não tiver um órgão da comunicação que divulgue isso fica difícil para o grande público tomar conhecimento.

Os movimentos de esquerda do Brasil sempre foram fortes. As revoltas que houve no Brasil, e os caras falam em cinco ou seis, tiveram mais de 200 revoltas no Brasil que não são ensinadas na escola, nem pesquisadas na Universidade. Não foram só

os Malês, a dos alfaiates ou a dos emboabas, nem a de Tiradentes. Foram mais de 200. Sabe-se que as ações negras, quando o negro esteve lá na guerra do Paraguai, esses negros voltaram tão enfurecidos e lutaram pela abolição imediata. Essa coisa assinada pela Princesa Isabel foi feita pela pressão dos abolicionistas, por revoltas de negros no Ceará que se recusavam a serem vendidos. Preferiam morrer e lutar a aceitar ser vendido para São Paulo.

O resgaste, por exemplo, de Zumbi dos Palmares, a minha mãe já falava isso no Rio de Janeiro, nos comícios, e eu era pequenininho, mas lembro da minha mãe falando de Zumbi dos Palmares no começo dos anos 1950. Ela pegava, a minha mãe aonde ela ia ela levava a gente no braço, xingava para caramba, brigava com a gente pra chuchu. A mulher era guerreira.

Nós acompanhávamos o que ocorria no movimento negro americano e na África basicamente através de jornais. Nós tínhamos o Diário de Notícias, Diário de São Paulo, Última Hora, Folha de São Paulo e um pedacinho só do jornal O Dia. Tinha como saber através de livros. Livro era forte. Meu pai mesmo foi uma pessoa que tinha muitos livros em casa. Conhecia muitos intelectuais, então tínhamos livros em inglês, francês, em espanhol em casa, livros sobre a África. Essas coisas não eram divulgadas aqui no Brasil. Aqui já existia então há séculos a luta do negro. Mas a luta do negro nos Estados Unidos que ficou famosa. Porque todo mundo sabe o que acontece lá. O movimento dos Panteras Negras e outros nomes, o Malcolm X, Martin Luther King... Tem um monte de negros brasileiros que sabem todos esses nomes, mas não conhecem o nome de líderes do movimento negro brasileiro. Meu pai precisou ir para a Europa para ser um pouco conhecido aqui também. A Europa, se falar de Solano Trindade até hoje o pessoal lembra. Coloca no Google o nome de Solano Trindade e vê o tanto de páginas em outros idiomas que aparecem.

Por que, sabe o que acontece? Eu ia te contar isso. Eu nunca votei em partido da direita. Eu comecei a votar em 1962, votei no PTB, o PCB estava proscrito. Depois votei no MDB que era tido como esquerda na época. Depois com a volta dos partidos eu votei para o Lula pra governador. Depois votei nele pra presidente também contra o Collor. Eu pegava sempre santinho de candidatos negros, eu pegava sem o cara saber porque eu estava já aberto a ele. O importante era votar num negro no parlamento. Coisa que a gente quase nunca conseguiu. Teve uma eleição que fiquei na porta do colégio e ao meu lado um cara com santinho do Maluf e eu com o Hélio Santos. Eu trabalhei para o Hélio Santos, pra deputado, mas ele não conseguiu se eleger. As

peças negras recusavam o santinho do Hélio e pegavam o do Maluf. O racismo é muito forte.

O MNU foi há 39 anos, em 1978. E eu tive uma participação, assim, não direta. Os que estavam lá discursando foi o falecido Antônio Leite... Rafael Pinto. Essa turma toda, o próprio Milton Barbosa. Eles que tinham, assim, uma voz da palavra, o poder da palavra. Eu ficava mais nos bastidores, dando apoio indireto. Nessa época eu era mestre-sala na Mocidade Alegre, seu Juarez me chamou pra ser mestre-sala lá. Minha família toda é Vai-Vai. Meu pai foi enredo no Vai-Vai, mas ele me chamou e disse: “Solzinho a gente precisa de um mestre-sala bom esse ano, vem pra cá”. Porque no samba todos me conhecem como Solzinho, não como Liberto. Aí eu estava lá na Mocidade e levei um pessoal da Mocidade que eu tinha mais proximidade para reuniões do MNU, do movimento negro. Mas de maneira não sistemática. Minha primeira atuação como sindicalista foi em 1988, já. Eu fui trabalhar na SABESP e fui eleito dirigente do SINTAEMA. Estava no PCdoB e depois rompi com o PCdoB, os caras fizeram uns acordos em greve que eu era contra e eu fui para o PSTU. E até hoje eu estou. Eu cheguei à diretoria do sindicato e depois fui eleito vice-presidente da Beth Tortolano. Mas eu sempre contrapunha as ideias deles. Porque tinha muita coisa errada. Primeiro, eu não tolero as pessoas ficarem tanto tempo em um cargo, seja ele qual for. Tem gente que se perpetua no poder. Tem gente que está até hoje no sindicato. Da minha época. Faz 30 anos que está ali. Eles se aposentam, mas eles continuam (risos). Tem gente desde aquela época no sindicato, que já estava lá quando eu cheguei.

Há uma deficiência para compor uma base, tem que pelo menos ceder para outra pessoa, trazer novos quadros, formar novas lideranças, fazer uma composição diferente. E as pessoas com novas ideias, novas investidas para o setor, e que eles não deixavam. Aí começaram a compactuar com o patronal... Tanto é que toda vez que se falava em greve, diziam “não, que vai prejudicar o trabalhador”. Mas a greve é a melhor arma do trabalhador. Eu pedi uma coisa simples, para eles botarem logotipo no carro, identificarem o carro do sindicato. Porque a gasolina é paga pelo imposto da nossa categorial. E saiu todo mundo da sala. Os falsos sindicalistas agiam como se fosse o carro particular dele. O cara ia para trás, levava a mulher para fazer compras, ia para a praia com o carro do sindicato que era pago pelos trabalhadores. Outra crítica que eu fazia era que a diretoria pouco ia à base. A base é o local de o cara chegar e bater o cartão. Sabe? A primeira coisa que eles tinham que fazer era ir até a base. Aí antes de terminar meu mandato eu saí do PCdoB. O dissídio que conseguiu dividir a categoria.

Eu achava que não deveríamos aceitar a proposta e fazer greve para conseguir mais e então fui para a oposição e depois me filiei ao PSTU. Não com a intenção de me candidatar a alguma coisa, nem no sindicato, nem nas eleições. Até porque nós do PSTU somos contra a eleição burguesa. A ideia do partido é que se mude o regime para a gente poder aplicar as ideias que realmente a gente quer, que é o socialismo. Se candidatar e eleger com esse sistema de hoje não vai adiantar nada. Enganam-se aqueles que acreditam que muda alguma coisa.

O Sarau que eu faço aqui em casa conta história de personagens importantes do movimento negro. Começamos com o Solano, agora estamos contando a história da Margarida. A maneira que eu estou fazendo é semelhante ao que eu pude captar do Teatro Experimental do Negro. E estou sempre procurando registrar tudo. Infelizmente quase não temos registros do Solano. Já pensou se tivéssemos registrado uma palestra dele? Meu pai fazia essas palestras de uma a duas horas. Perdemos tudo isso. A gente guarda sim, algumas coisas. Mas o tempo passa, a gente vai esquecendo. Tem que haver na história uma sequência, sabe? Tem que ter os pontos que você tem que destacar preservar. Senão tudo se esvai!

Eu estou num momento de recomposição da minha cabeça, eu estou num momento de saber o que eu fiz de certo, o que eu fiz de errado, ou se o meu desempenho, o que eu estou fazendo hoje está na direção correta. Eu estou fazendo uma avaliação de onde que a gente era, etc. E estou muito envolvido com o projeto da Rádio Casileôca. Hoje eu posso pegar algumas coisas através de fatos que aconteceram e que tranquilamente e com toda a certeza você pode falar no rádio. E o rádio tem esse poder de lembrar os artistas que a gente quer lembrar. Eu tenho um programa chamado Popularizando que não está no ar ainda, ainda vou montar, vou fazer uma montagem dele. Ele vai abranger todas as culturas, não só a negra. Todas... Eu quero que as pessoas conheçam artistas antigos, é importantíssimo isso. Veja o Youtube, acho importante essa plataforma. Eu pego as músicas para o programa lá. Você põe lá o Luiz Gonzaga, tem ali do ladinho o Jackson do Pandeiro. Outro dia eu estava lembrando da Yma Sumac aí botei lá O Francisco Lara, Sarita Montiel. É importante a gente lembrar disso, são minhas memórias. Por exemplo, em 1960 assisti um filme com Sarita Montiel que é La Violetera, que faz com que eu me lembre de várias coisas do meu período. Uma coisa puxa a outra.

Agora eu vou te dizer o melhor lugar que o negro podia ir, o melhor lugar que existiu... E que jogaram fora! Eram as escolas de samba. Tanto é que eu acreditava que

era um modelo nacional democrático. Hoje eu não acredito mais. Eu posso até acreditar se voltarem algumas coisas, se alguém tiver novas ideias, nós vamos entender que a escola de samba é um modelo nacional da sociedade brasileira. Todas as classes estão nas escolas de samba até hoje. Tem médico, faxineira, tem policial... E também tem maconheiro, tem drogado, tem o diabo a quatro lá dentro (risos). Porque os negros que estavam lá são os negros que pensavam. Hoje eles não querem nem saber de cultura. E a manifestação do carnaval dava a possibilidade do cara estar lá quando ele quisesse.

Com as escolas de samba o negro saía às ruas, ocupava o espaço público, é superimportante o samba. Na ditadura ninguém podia ocupar as ruas, só as escolas de samba. Não é uma conquista pequena. É muito importante que as pessoas observem e cultuem esse lugar. A escola de samba foi o único e verdadeiro espaço do negro ir e vir. Não tem outro, não existe esse outro espaço. No futebol, o negro vai lá e ganha dinheiro, mas não ele não aprende nada. Ele só aprende que ele tem que jogar futebol e falar errado no microfone (risos). Esse é o espaço que ele tem. E o samba, como a cultura como um todo, não tem a oportunidade que o futebol tem na televisão, no rádio, os caras todo dia, toda hora falando de futebol. E isso tinha que ser com o samba, com as outras culturas brasileiras e os caras não dão a mínima. Não é? E tudo o que é falado dentro de uma reunião, você chega na rua é uma outra realidade, você encontra a maior parede; o maior adversário é a população que não tem acesso à cultura.

Eu cheguei uma vez no PSTU e falei assim: “Gente, vamos fazer o seguinte? Vamos botar uma camisa vermelha escrito PSTU. A cada 15 dias, a cada 30 dias vamos sair pela rua, pelas casas, grupos pelas feiras, teatros. E vamos até Embú, vamos até Itapeverica, vamos até a Cidade Tiradentes”. A pé... Até onde der, até quando acabar o domingo. Deu seis horas do domingo, cada um vai para a sua casa, mas a gente deixou nossa mensagem. A gente entrega um panfleto na mão. É a única saída. Os caras estão vendo a gente discutir, quem estiver interessado, e é muita gente, vai participar da nossa conversa e a gente vai discutir toda essa mazela que existe no mundo, no Brasil. Você está entendendo? Porque muita gente desiste por causa disso, porque os caras não conseguem ouvir essas ideias que são modernas. As ideias de Marx são modernas. Porque existe a exploração. O Engels, o Trotsky. Sabe? Nunca se pode esquecer da palavra desses homens, da escrita desses homens e o recado desses homens. Mas temos que chegar de forma mais direta e mais simples para o povão. O povo quer saber como cuidar da família sem deixar de dar o pão, a educação dos filhos. Tem que deixar, é fácil, é tranquilo, isso. Mas vamos. Tem que ir, é na rua que nós vamos dar o recado. É

na rua que a gente vai encontrar o povo. É no campo de futebol, é no samba, é em todo lugar. E o pessoal não quis ir. Muitos se dizem socialistas, mas não conseguem se comunicar com o povo. Todo mundo dá uma desculpa: “Eu tenho que fazer não sei o quê”. Mas tem mais campo. A saída é essa.

Vamos denunciar o que acontece em Brasília, vamos denunciar o que acontece na Lúbia. É na rua, bicho. Porque ninguém vai vir, ninguém vai perder tempo de ficar na reunião. A reunião não é perda de tempo, mas para o povo é perda de tempo. Tem aquela música do Milton, “o artista tem que estar onde o povo está”, não é? A sua filha está namorando, conversa com ela, com o namorado. Começa a mudança na sua casa. Tem que mudar essa cabeça, as pessoas precisam ouvir, rapaz. A gente está há tanto tempo no movimento, a gente vê que isso que é necessário se fazer. E nós não temos mídia, nós não temos a grande comunicação na mão. Nós temos o quê? Essa rádio que nós todos estamos construindo e outras webrádios que existem pelo mundo afora. E vamos explorar isso. Eu estou chamando as escolas de samba para fazer um trabalho aqui pelo rádio. Se cada componente vier aqui, cada componente conhece duas mil, três mil pessoas. Ele vai falar com essas três mil pessoas. É isso que nós temos que fazer. As pessoas ficam sonhando com o dia do carnaval.

A Globo comprou todo o carnaval no Brasil e não passa nada, ela não permite nada. Ela não divulga nada. O samba de São Paulo deixou de desfilar no domingo porque lá no Rio desfila domingo e, para não atrapalhar o Rio de Janeiro, aceitaram desfilar... De sexta e sábado. Isso é vexatório. Você tem cinco, seis grupos, mas ela só mostra o Especial. As pequenas escolas não têm visibilidade nenhuma. Os blocos afros, os afoxés da Bahia, os Ilús estão lá, às moscas. Só Recife que não abre mão da cultura e consegue ser notícia no mundo inteiro.

O Rio não é melhor que São Paulo. Eu falo com convicção, não é melhor que São Paulo. São Paulo ainda tem o calor da plateia, tem hoje. Lá no Rio é frio. Um ou outro samba empolga lá no Rio de Janeiro. Uma coisa só é diferente, a organização do Rio de Janeiro. Eles têm renome, é claro, nós tínhamos antigamente várias escolas que a gente podia destacar como grande. Apresentava um espetáculo maravilhoso, a Mocidade era o poder de bateria, a Capela também bateria e samba-enredo, Unidos de Cabuçu, União da Ilha, a própria Beija Flor... Sem falar de Império Serrano, Portela, Mangueira e Salgueiro. Isso sem falar das quatro. Hoje tá tudo muito igual, padronizado. Não é? Tinha o potencial, como até hoje tem. São Paulo tem potencial. São Paulo tem uma escola de samba que é o maior quilombo do Brasil. Urbano! É a

Vai-Vai. É a Vai-Vai. O maior quilombo urbano do Brasil, é a Vai-Vai. Então essas coisas têm que ser vista com carinho. É... a vida. Estou na luta há 60 anos. E a gente na vida perde a batalha, não perde a guerra.

RAFAEL PINTO

Nome: Oswaldo Rafael Pinto Filho

Data de nascimento: 28/04/1949

Local: São Paulo

Profissão: Sociólogo e bancário

Data da entrevista: 16/08/2017

Local da entrevista: Residência de seu Rafael no bairro do Ipiranga, Zona Sul de São Paulo- SP



Foto: Acervo pessoal de Rafael Pinto

Nós enterramos o mito da democracia racial

Meu nome é Osvaldo Rafael Pinto Filho. Eu tenho 68 anos, sou bancário aposentado e nasci aqui na Rua Oliveira Melo, no bairro do Ipiranga. Meu pai era pedreiro, fez até o segundo ano primário, minha mãe empregada doméstica, fez até o terceiro ano. Um pedaço da minha família está todo espalhado aqui nessa região no bairro do Ipiranga, onde nasci, mas a minha origem de família mais remota é do Bexiga, da região do Vai-Vai. Minha família participou do início do Vai-Vai, quando era cordão. Quando o Vai-Vai completou cinquenta anos em 1980, minha família saiu no desfile histórico.

O Pé Rachado, ex-presidente do Vai-Vai e fundador da Barroca Zona Sul, foi amigo de juventude do meu pai. Um primo meu depois em uma dissidência do Vai-Vai criou o cordão Fio de Ouro, ele era casado com a Luzia, uma prima minha. A maior parte da família ficou no Vai-Vai, mas muitos foram para o Fio de Ouro. Então eu desde menino ia para a Bela Vista. Então eu via o Vai-Vai saindo ali da Rua 13 de maio, via minhas primas, o pessoal sair. Minha identidade com o Vai-Vai é essa, desde menino.

Tem uma questão muito importante que é uma presença negra significativa nessa região (Bairro Ipiranga) a partir dos anos 1930 e 1940. Pensa no tamanho de São Paulo, quem morava no Bexiga, na Bela Vista olhava aqui como periferia, aqui era periferia. A minha infância foi nessa região. Onde você vê hoje a Chácara Klabin era a favela do Vergueiro.

Na região beirando a Avenida Ricardo Jafet eram chácaras, onde está o mercado aqui na avenida era a Cerâmica Klabin. Você imagina, com aquela cerâmica funcionando poucos metros aqui em baixo você tinha uma vilinha operária, aqui até 2004 tinha as casinhas da vila operária, que foram destruídas para construção do mercado e da loja de materiais de construção que é tudo do mesmo grupo, era do Abílio Diniz, agora é de um grupo francês.

Você vai perceber aqui no Ipiranga várias escolas de samba, aqui na rua de cima tem a Caprichosos da Zona Sul. O Império do Cambuci ficou um tempo ensaiando aqui mesmo na rua de casa. E a população negra sempre realizou muitas festas. Hoje por exemplo se fala Festa Black. Mas no período não era isso, a cidade era demarcada no campo das relações sociais. No mundo do trabalho você encontrava os brancos, mas você tinha de fato um mundo negro. Um espaço onde vivia só a negrada. Pra você ter uma ideia aqui no Ipiranga, eu estou aqui no número 745, no 1060 minha avó nasceu. Ali no 1060, quando minha avó dava festas ia muita gente, negrada da cidade inteira, do Bexiga vinha todo mundo pra cá. A principal era o 13 de junho, que era aniversário da

minha avó e dia de Santo Antônio. Você tinha a vitrola com aqueles discos pesados de 78 rotações na qual você tocava Little Richards, Bienvenido Granda, Jamelão, Elza Soares, Miltoninho... Só pra ter uma ideia do que era tocado nessas festas, com o toca-discos na sala. E no quintal rolava um sambão, uma batucada e cantava sambas da Mangueira, do Vai-Vai, porque vinha à turma de lá.

As festas eram todas familiares. Só aqui nessa rua tinha umas três festas. As famílias negras faziam festas e um retribuía a visita do outro. E era festa com muita música. Nosso saber musical era bastante sofisticado. Quando você vê um Luiz Melodia dando entrevista ele fala: - Meu pai gostava de blues.

O cara morava lá no morro do São Carlos, no Estácio, e o pai dele escutava blues. Tinha inúmeras festas assim na minha casa. Esse bairro que se transformou em bairro de classe média, mas há quarenta anos tinha um monte de barracos. E tinha cara que escutava jazz. Eu mesmo, sempre gostei de jazz, de piano. Com 10, 11 anos escutava com meu pai um programa de jazz na rádio Eldorado, piano ao cair da tarde. Nessas festas eu escutava Louis Prima, Jonah Jones, Louis Armstrong, Ella Fitzgerald, Duke Ellington. E muitos músicos negros da minha geração cresceram ouvindo isso. Os caras sempre tiveram um conhecimento absurdo de música negra do mundo inteiro.

Na minha juventude, por exemplo, junto com um amigo meu, o Paulo Inglez, assisti a diversos shows de artistas internacionais. O Paulo trabalhava no aeroporto e era intérprete. Com ele eu fui assistir ao show do Ray Charles, da Ella Fitzgerald, tenho fotografia com o Dizzie Gillespie, que tocou em um festival em São Paulo no final dos anos 1970.

Mas como se dava isso? Como a cidade era menor há 40, 50 anos atrás, os artistas norte-americanos vinham para cá e depois eles queriam transitar nesse meio negro de São Paulo. E tinha um cara que era o tradutor e cicerone desses artistas, esse meu amigo, o Paulo Inglez. E ele trazia esses grandes nomes da música americana aqui perto em clubes negros. Um dos principais era o Aristocrata Clube que tinha uma classe média negra. O Ray Charles tocou no Aristocratas quando esteve em São Paulo. Eu tenho um primo meu que tem uma fotografia no colo da Ella Fitzgerald. O Paulo trazia esses artistas nos clubes e também na casa dos pretos. Eu peguei na minha apostila do Universitário um autógrafo do Muhammad Ali. Estive com ele no Aristocratas e na casa de um conhecido. Eu estive com ele, assim na minha frente, assim como estou com você, com o Angelo Dundee, treinador do Ali, depois treinou o Maguila. Estive com o James Brown, Diana Warwick, o Stevie Wonder. Eles vinham para os seus

compromissos, shows pagos em grandes casas e depois eles queriam saber onde é que estavam os negros aqui. E o Paulo os levava em algum clube, na casa de alguém, ele era o intérprete. Você imagina o peso que esses artistas têm no mundo hoje, mas eles faziam isso, queriam conhecer os espaços negros de São Paulo. O acesso era muito mais fácil.

Vou voltar para minha trajetória. Com uns 14 anos, por influência da luta pelos direitos civis nos EUA, que eu fiquei sabendo através da imprensa, notícias pelo rádio, comecei a me interessar pelas questões raciais. E depois aos 16 anos, já como secundarista comecei a participar de atividades do movimento estudantil, como a briga contra o aumento da condução, da passagem do bonde. Essa briga está até hoje com o Movimento Passe Livre. Essa foi a primeira passeata que participei, nessa época eu estudava no Alexandre de Gusmão, os professores foram também. Isso foi despertando pra luta. Foi o Milton Barbosa, que foi meu amigo de adolescência. Fizemos cursinho no ano seguinte, ele no Objetivo na Paulista, na Gazeta e eu no Universitário, lá na rua São Vicente, no Bexiga. E a gente se encontrava na Brigadeiro Luís Antônio e conversávamos. Fazíamos planos.

Vamos fazer um curso de alfabetização? Vamos fazer alguma coisa pra negrada. Nós pensávamos em fazer isso no Vai-Vai, mas não deu muito certo. A quadra do Vai-Vai era muito precária. Isso foi em 1974, ano que entrei na USP, nas Ciências Sociais e o Miltão entrou na economia.

É interessante compreender isso. O Ivair Augusto, o Henrique Cunha, Milton e eu. Éramos em poucos negros na USP. E começamos a andar e a dialogar com a velha guarda do movimento negro nesse período. Seu Eduardo de Oliveira, que era professor e poeta, o Eduardo de Oliveira e Oliveira, sociólogo. E o Eduardo de Oliveira e Oliveira nos leva na Associação Cultural do Negro, lá na Casa Verde, lá eu conheci mais pessoas como, por exemplo, o Oswaldo de Camargo que escreveu a Descoberta do Frio e o Carro do Êxito. Tínhamos contato com o Solano Trindade. Nessa época era ditadura, então não tínhamos acesso aos livros, principalmente os livros de orientação marxista. Líamos muito por orientação desses militantes mais velhos.

Nessa andança do movimento negro, eu já estava com uns 24, 25 anos. Fomos um dia na casa do senhor José Correia Leite, aí fui ver onde morava o Correia Leite, era na Rua Vergueiro, três quadras daqui de casa. E minha tia era vizinha do senhor Correia Leite, a casa dela era ao lado. Para conversar com o José Correia Leite já fui mais

preparado. Já tinha lido a Integração do Negro na Sociedade de Classes do Florestan Fernandes, tinha lido Otávio Ianni, Arthur Ramos, alguma coisa do Roger Bastide.

Aí foi aquele impacto. O Correia Leite morava ao lado da minha tia, passei pela casa dele inúmeras vezes. Conversei muito com o Henrique Cunha e com todo esse povo que construiu a imprensa negra e o jornal Clarim da Alvorada, mas também estiveram na Frente Negra Brasileira nos anos 1930.

Um dia, meu pai vê o senhor Henrique Cunha me chamando no portão de casa. Ele fala pra mim, é com esse aí que você está andando? Vê com quem você anda... Meu pai então fala pra mim, toma cuidado, porque eu fui da Frente Negra Socialista e lutei na Legião Negra. Até então ele nunca tinha dito isso pra mim. Naquele momento não tinha nada escrito de Legião Negra. Foi justamente um braço que a Frente Negra criou para a Revolução de 1932. É interessante isso porque meu pai e meu avô Januário lutaram no batalhão de negros da Legião Negra. Meu pai contava algumas histórias dele na Legião Negra, no campo de batalha. Era até interessante que meu pai disse que quando ele chegou em Itapetininga meu avô estava preso porque levou o Batalhão de Negro cantando samba, ao invés das marchas e hinos militares, consideraram isso um ato de indisciplina e o prenderam.

Essa história da Legião Negra eu recuperei apenas quando estudava na USP. Um dia conversando com o professor João Batista Borges Pereira, eu disse, a gente precisava trabalhar sobre isso. Ele disse para ficar tranquilo que ele tinha interesse em registrar isso. Posteriormente, uma orientanda dele a Ana Lucia Farah Valente fez uma pesquisa sobre a Legião Negra, um mestrado se não me engano.

A nossa ideia de fazer a ação lá no Vai-Vai não deu muito certo, mas nós nos preocupávamos já naquele tempo com a ideia de que as escolas de samba precisavam trabalhar com os temas afro. O Rio de Janeiro já estava trabalhando com isso. Um impacto para nós foi o enredo “A criação do mundo segundo a tradição nagô”, da Beija-Flor, feito pelo Joãozinho Trinta. Isso era muito importante. No contato que tivemos na Associação Cultural do Negro, com o senhor Oswaldo de Camargo, eles estavam preocupados em criar uma dramaturgia negra. Esse é um debate que até hoje se mantém da ausência do negro no teatro. Naquele tempo nós pensávamos já em fazer isso e somamos força ao Cecan, em sua primeira versão com a Thereza Santos e Eduardo de Oliveira e Oliveira até 1974. Tive também algumas experiências com teatro amador, grupo de criação coletiva, além de cinema e televisão. Nesse grupo de teatro montamos peça, escrevemos, pegamos muito a experiência do Teatro do Oprimido do Boal.

Fizemos apresentação em escolas de samba, em casas de candomblé. E com a experiência do FECONEZU isso se disseminou. Vários grupos surgiram nesse período com muitas peças que tratavam da questão do negro.

Posteriormente, lá nos anos 1980, com outro foco, eu já tinha fundado o MNU, fui chamado pelo Babenco para participar do filme Pixote. Também participei do Encalhe, filme do Denoy de Oliveira. A Globo antigamente na Copa do Mundo ela apresentava personagens que faziam chamadas da Copa. Na Copa de 1986, no México, o Barros Freire fazia um personagem que era Arakén, o gol man. E me chamou para contracenar com ele, eu e o Giba Gonçalves, um grande percussionista da Bahia.

Depois em 1975 voltei para o Vai-Vai e montamos uma chapa de oposição no Vai-Vai, com todo mundo do movimento negro. A chapa e depois Ala Fuzuê. Colocamos como presidente a Dra. Iracema de Almeida, o Eduardo de Oliveira como diretor cultural, o Ciro Nascimento, eu e o Miltão. Disputamos a diretoria da Vai-Vai contra o Pé Rachado. Foi uma disputa política. A Dra. Iracema era uma médica, militante do movimento negro e criadora do GTPLUN (Grupo de Trabalho de Profissionais Liberais e Universitários Negros). Disputamos e perdemos, mas nos tornamos respeitados dentro da escola. Os negros velhos respeitando os moleques, então todo mundo me respeitava como filho do Amaral, que era meu pai. Fomos absorvidos pela escola e passamos a nos envolver com as escolhas dos enredos da escola, começamos a brigar por enredos afro dentro do Vai-Vai.

Naquele tempo, o partidão, o PCB, na clandestinidade, entra na escola de samba. E o Vai-Vai sempre foi de negros, então tinha aqueles velhos comunistas por dentro do Vai-Vai operavam o Vai-Vai. Não estavam na presidência, mas nas diretorias e informalmente construam as relações políticas e pessoais dentro da escola. Tinha até militantes do samba que trabalhavam na TV Globo e era do partidão, que era o caso do Renatão, primeiro presidente da UESP e do Dalmo Ferreira, que era um diretor de teatro negro da turma do Solano Trindade. Tinha participado do Teatro Popular Brasileiro com o velho poeta. Quando o Solano faleceu, foi muito triste. Aí apresentávamos várias ideias para a diretoria, dentre elas, um enredo para homenageá-lo. Toda diretoria aprovou. Aí quem concebeu o desfile foi o Caio, um arquiteto que era carnavalesco do Vai-Vai. A Raquel Trindade, filha dele, falecida recentemente, nos deu uma consultoria, auxiliou muito na concepção plástica do desfile, junto com a turma de artistas de Embú e nos emprestou bastante material.

Foi nesse período inclusive que o Geraldo Filme volta para o Vai-Vai. O Geraldão nesse momento tocava a Paulistano da Glória. Ele me falou:

- Esse ano vocês vão homenagear o Solano que era um grande amigo meu eu vou desfilar no Vai-Vai. Tem um aspecto muito interessante, Geraldo Filme e Solano Trindade eram todos caras do partidão. Eles passaram pelo partidão. Tem uma coisa muito interessante que os comunistas sempre fizeram foi essa ideia da cultura popular penetrar dentro das escolas de samba.

O Paulo da Portela, Silas de Oliveira, Martinho da Vila no Rio de Janeiro eram militantes do PCB. E a mesma coisa em São Paulo. Mesmo com o partidão e a esquerda em geral tendo muita dificuldade de tratar da questão racial, eles ainda passavam aquela visão tradicional stalinista que a questão de raça e de gênero dividia a luta de classes. Isso foi um grande problema. Você olha no Brasil, o projeto de democracia racial gilbertofreyreano do “Casa-Grande e Senzala” influenciou demais a esquerda no Brasil.

É importante para o movimento negro hoje saber que Solano Trindade era comunista, o Geraldo Filme era comunista, o Paulo da Portela, Silas e Martinho eram comunistas. E mesmo durante a ditadura militar você sempre teve comunistas nos quadros gestores do Estado, em cargos de 3º e 4º escalão, assumindo cargos por concurso público. Sempre foram quadros gestores. Isso eu convivi desde o movimento estudantil secundarista. Você me pergunta como você conseguiu fazer uma assembleia? Eu tinha um professor comunista que liberou o espaço, liberou material pra gente. Ele era amigo do Solano Trindade, do Mário Schenberg. Eu estou falando isso porque estou olhando no retrovisor. Na época eu não entendia porque aquele professor tinha ajudado a gente se ele não falava abertamente de política, era sempre na dele. Mas com o tempo você sabe o comportamento do militante, você vai aprendendo.

O Vai-Vai até hoje é uma escola negra e um espaço de disputa. Você tem lá dentro os comunistas do PCdoB, policiais, pessoas ligadas à contravenção, gente da direita. Mas olha como são as coisas, o PCdoB neutraliza a direita. Quando o PCdoB filia o Thobias da Vai-Vai, o Netinho, você neutraliza a direita. Sem fazer enfrentamento, você neutralizou. O Netinho de Paula era um cara que estava nas mãos da direita. O PCdoB trouxe o Netinho para o campo da esquerda. Ele foi um cara que iniciou sua trajetória lá na COHAB de Carapicuíba nos anos 1980, aí no começo dos anos 1990 começou a participar de rodas de samba e de festivais de pagode promovidos na quadra do Camisa Verde e Branco, ele tem contato lá no Camisa com o William, com o Mano Brown. O primeiro disco que o Negritude Júnior grava é pela Zimbabwe.

As equipes de baile promoviam muitos bailes black nas quadras das escolas de samba no final dos anos 1970. Na Barra Funda surgiram as duas maiores equipes de bailes de São Paulo, a Chic Show e a Zimbabwe. Essas equipes começaram depois a ter programa de rádio, pois eles traziam os discos de música negra de fora, tocava na rádio e depois todos iam dançar no baile. A Chic Show mandava um representante para as lojas de discos dos EUA pra trazer os discos direto de lá. Para eles terem o que era tocado nas rádios e nos bailes negros dos EUA. Nesse processo de comprar os discos eles começam a ter contato com gravadoras, empresários e começam a trazer para o Brasil diversos artistas internacionais. O James Brown fez vários shows aqui no ginásio do Palmeiras com realização da Chic Show. E depois dos shows eles iam para os redutos negros de São Paulo. Hoje, a comunidade negra não consegue mais ter nem acesso a esses artistas. Não dá pra equipes independentes trazerem nomes de ponta da música negra norte-americana.

A Rádio Transcontinental surge com esses programas de equipes de baile. E com isso ela começa a ter uma penetração na periferia. Se você andar até hoje na periferia da cidade verá um monte de música que toca por ali e que não toca nas rádios. Um som diferenciado, de vários ritmos negros. Isso sempre ocorreu. Eu andando na periferia escutava sons do Ray Charles. E isso acontece até hoje. Há uma produção musical da periferia e que tem recepção na própria periferia e que quem não frequenta esse circuito não conhece.

Eu fui há uns 10 anos atrás em um baile da Chic Show de Dia dos Namorados, ali na Casa de Portugal. Quem aparece para dar uma canja? Billie Paul, que estava fazendo shows em São Paulo.

Em 1974, nós ficamos muito próximos do Odacir de Mattos, jornalista que fez uma matéria sobre preconceito racial nos EUA e no Brasil na revista Realidade. O Odacir era um cara mais velho, mas que ficava próximo da gente, mais jovem, como um mentor. Um dia nós saímos do Vai-Vai junto com o Odacir e fomos para a casa da Thereza Santos e ela nos contou que já havia encerrado a participação em uma novela e que iria viajar para Paris.

A Thereza disse que não ficaria na França. Só iria ficar lá um tempo a trabalho, mas que iria mesmo se estabelecer em Angola. Tinha acabado de ocorrer o processo de independência angolana e ela foi para lá. Ela deixou para nós um atabaque e um estatuto e falou pra gente: - Olha, vocês tocam o CECAN. Nesse momento o CECAN tinha feito uma peça: Agora falamos nós, e também uma experiência com um coral. Aí entramos

na segunda fase do CECAN, com uma sede que montamos ali na rua Maria José e começamos a fazer algumas ações no CECAN, e voltamos com a ideia de fazer o curso de madureza. Aí pensamos com quem vamos conversar? Fomos falar com o seu Inocência Tobias, presidente do Camisa Verde e Branco.

Existiam muitas atividades no Camisa Verde e Branco. Era o grande polo da cultura negra em São Paulo. O Tobias, filho do velho Inocência era nosso amigo, da nossa geração. Aí fomos lá o Miltão e eu conversar com o seu Inocência na quadra da James Holland. Ao lado da quadra do Camisa na época tinha uma favela, chamada Ordem e Progresso. Os frequentadores da quadra e os moradores dessa favela é que viraram nossos alunos. Mais o pessoal da favela, mas tivemos músicos e produtores também.

Seu Inocência nos autorizou a fazer o curso e cedeu pra gente duas salas na quadra. E também deu pra gente de presente dois abridores de garrafa. Um pra mim e outro pro Miltão. Sabe aquela coisa bem da cultura preta mesmo! Muito legal! Pô, ganhar um presente do seu Inocência! Aí começamos a fazer o curso. Quem ministrava as aulas eram: Henrique Cunha que dava Matemática, Miltão dava aula de História do Brasil, eu, que dava História do Negro no Brasil e trouxemos o Fred cujo nome é Frederico Firmo de Souza Cruz, físico. Hoje, ele dá aula na Universidade Federal de Santa Catarina. Ele dava aulas de História da África, porque naquele tempo livros sobre História da África eram ou em inglês ou em francês e o único que lia bem inglês e francês era o Fred.

E quem participava do curso, como alunos mesmo: o Boca Nervosa, compositor, Willian, que montou uma equipe de baile e depois uma gravadora, a Zimbabwe, maior gravadora de rap e Hip-Hop nacional, lançaram, por exemplo, Racionais Mc. O nome Zimbabwe ele escolheu durante uma aula com o Fred, muito louco isso! Ele durante nossas aulas tem essa consciência, lança a equipe e faz o sucesso que ele fez. Ele foi responsável por gravar, por inserir no mercado fonográfico toda uma geração de jovens artistas da periferia nos anos 1980, que não viam mais o samba como música de contestação social, mas como música de coroa.

E o que acontece também que é muito rico. Com o CECAN nós voltamos a experiência da imprensa negra. Nós lançamos o Jornegro. O Tobias Filho, filho do seu Inocência, contribui e não só com ideias, mas contribui financeiramente para lançarmos o “Jornegro”. O “Jornegro” vai ser um jornal que vai fomentar o FECONEZU, Festival Comunitário Negro Zumbi que existe até hoje. E no Festival também tinha a mão

pesada do Tobias Filho que junto com o CECAN e o Camisa Verde e Branco fazem essa articulação.

Temos que falar de algo muito fundamental que é a relação da Frente Negra com a escola de samba Nenê de Vila Matilde. O senhor Francisco Lucrécio um dos principais nomes da Frente Negra Brasileira é um dos fundadores da Nenê e sempre foi uma presença constante na quadra. O Francisco Lucrécio acompanhou a formação do Betinho, foi tio e um mentor do Betinho. Eu tive muita amizade com o Betinho e foi ele quem me disse isso. O Tobias Filho e o Betinho tinham uma consciência muito grande da situação do negro no Brasil, eram lideranças importantes porque eram filhos de fundadores de escolas de samba e as escolas são organizações familiares. Eram caras que atuavam no movimento negro. Eram duas lideranças jovens filhos de lideranças históricas das escolas, com legitimidade, consciência racial e que morrem muito cedo.

Imagine hoje, com esse vácuo de lideranças nas escolas, cheio de gente de fora do samba, o Betinho e o Tobias, vivos e com saúde. Poderiam ter conduzido essas negociações para outro lugar. O Betinho fez até escola formal na quadra da escola, o projeto Nenê do amanhã que atende muitas crianças. Hoje é uma EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil). A mulher do Betinho é uma pedagoga. A Nenê ao lado do Camisa Verde e do Vai-Vai sempre formou grandes dirigentes de escolas de samba. O atual presidente da UESP, que também tem o apelido de Nenê é de lá da Vila Matilde, é familiar do seu Nenê.

Esse era um trabalho que os comunistas faziam dentro das escolas, das associações de bairro e de outros espaços dentro das comunidades. Um trabalho de captação de quadros, como fez com a Leci Brandão, que já era da esquerda, e o Netinho. O PCdoB fez um belo trabalho de trazer o Netinho para o campo da esquerda. O Netinho estava na mão da direita e o PCdoB trouxe o Netinho para a esquerda. Originalmente o Netinho é um cara da Cohab de Carapicuíba, que aparece nos encontros de samba e festivais que tinham na Quadra do Camisa Verde no final dos anos 1980, começo dos anos 1990. Lá no Camisa Verde que ele estabelece relação com o Mano Brown, com o Willian da Zimbabwe que também era a gravadora dos Racionais. O próprio nome Negritude já mostra a preocupação que ele tem com a questão racial.

Outra experiência muito interessante foi o Chic Show, que organizava festas no Palmeiras com o James Brown. Pensa nisso? Durante o Movimento Black nos anos 1970, aqui e no Rio, os pretos faziam festas com James Brown. Os principais

discotecários das equipes de bailes iam para os Estados Unidos comprar discos para usarem nas festas e faziam essa ponte com os empresários dos artistas. Aí os empresários traziam os artistas para o Brasil e amarravam shows em várias cidades com turnês só em festas negras. E tinha os artistas negros do mainstream que se apresentava nos grandes palcos, como o Teatro Municipal, grandes casas de shows e iam nas festas negras como falei.

Nos anos 1970 eu já estava com quase 30 anos, casado e com uma dedicação maior à militância política, eu fui aos poucos me afastando dessas festas, ainda ia, mas em algumas só. Eu frequentava mais nessa época a Praça da República, que nós nos encontrávamos aos domingos com o sociólogo Aristides Barbosa, Oswaldo de Camargo, Solano Trindade, o filho dele Liberto, Ciro, Jangada. O Geraldo Filme também ia lá, mas não era frequente, tinha outras tarefas. Nós ficávamos discutindo política, esse grupo em volta do Solano que expunha lá. Foi o Solano que começou com a feirinha de artesanato na Praça da República. Tinha um grupo que eu encontrava também na Casa Verde Alta, com escultores e pintores. Frequentava a Raquel Trindade, o Vicente, marido dela, o Caximbo, que foram fundadores da Unidos do Peruche e a Maria Auxiliadora.

Nosso foco era de discussão política. Um grupo totalmente de esquerda. E bem plural. Sempre houve uma briga entre stalinistas e trotskistas. Mas convivíamos muito bem. Eu era da 4ª Internacional, da Liga Operária, de orientação trotskista. Entrei na Liga em 1975, um ano após entrar na USP. Tínhamos muito respeito por esses militantes. Essa Velha Guarda era do partidão, prestista, mas isso não afetava nossa relação. A questão racial nos unia, porque mesmo eles não tinham espaço pra discutir a questão racial dentro do partidão.

A minha geração, Milton, eu e Ivair, foi a geração que começou a fazer a crítica da esquerda a partir da criação do MNU. Bebemos de todas as fontes, da luta contra o apartheid, do movimento dos direitos civis nos EUA, do movimento hippie e movimento de mulheres. A partir disso começamos a organizar o movimento negro com o foco da luta contra a exploração racial e de classe, sem fazer a dicotomia que luta de classes é uma coisa, e luta pela igualdade racial é outra.

O raciocínio da geração lá dos anos 1930, da Frente Negra trabalhava de maneira dicotômica. No nosso caso não, nós entramos na esquerda, fizemos a crítica e discutimos o nosso protagonismo dentro da esquerda.

Uma coisa muito importante é que nós, mesmo sob a ditadura, construímos um movimento negro com um discurso e uma atuação antiburguesa.

Nossa geração não queria mais ser aceita na sociedade capitalista, queria a construção de uma nova sociedade, socialista e igualitária. Com igualdade racial e social. E com isso houve um fortalecimento do movimento negro. Ele volta a se fortalecer no final dos anos 1970, no início do processo de distensão política e esse fortalecimento se dá pela esquerda.

Para nos contrapormos a um movimento negro de caráter mais conservador. Que até mesmo defendia a ditadura militar ou que tenta fazer um discurso de formação de uma pequena elite negra de caráter burguês. Alguns negros começaram a se tornar funcionários públicos, a participar da Escola Superior de Guerra, alguns negros vão para a universidade. Nós fomos para a universidade, mas fazendo a crítica de que éramos uma minoria e o racismo estrutural continuava a operar.

No Brasil e mesmo na África, há um movimento negro que luta por igualdade racial e representa uma afro-direita e que tem um projeto econômico liberal e tem um discurso de ampliar as oportunidades e que valoriza a meritocracia. E isso refletia na época, com candidatos negros dentro da Arena e depois no Malufismo, como o próprio Celso Pitta, que foi até hoje o único prefeito negro de São Paulo. Na Bahia, o Edvaldo de Brito foi uma importante liderança negra, grande intelectual e foi nomeado prefeito de Salvador pela ditadura.

O seu Eduardo Basílio, da Rosas de Ouro, foi uma liderança negra conservadora e ligada ao Malufismo. O seu Eduardo Basílio foi administrador regional de Pinheiros na gestão Maluf. Uma grande coisa ele fez, conseguiu negociar pra levar asfalto e várias linhas de ônibus para a região da Brasilândia. E dentro da sua escola, ele fez uma transição que várias escolas se espelharam: levar um público de classe média e alta para frequentar a quadra e as atividades da escola. E claro, com isso há um processo de branqueamento da escola. Entra mais dinheiro, mas o público passa a ser cada vez mais branco, ainda que o pessoal do fundão da Brasilândia não tenha abandonado a escola. Saíram algumas lideranças, mas o pessoal continua tendo o Rosas de Ouro como uma referência e que colocava lado a lado, o cara da Vila Madalena e dos bairros mais ricos da Zona Norte com a galera pé no chão que vinha lá do Carumbé.

E é justamente a quadra da Rosas de Ouro que faz esse processo de enraizamento. As escolas que mudaram as quadras, foram migrando de bairro ou de local de ensino, foi perdendo essa comunidade, que muitas vezes não a acompanhava.

Até pode ganhar-se uma nova, mas identidade é algo difícil de ser conquistado. E sem comunidade não tem escola de samba. Essa cidade do samba que foi construída para abrigar os barracões das escolas tende a virar um espaço turístico e espaço de trabalho para confecção do desfile pelos profissionais contratados pela escola, mas não local de sociabilidade. E é a sociabilidade da comunidade que ergue uma escola. Isso só acontece na quadra. No Rio de Janeiro esse processo é um pouco diferente porque a geografia da cidade favorece isso. Você tem a elite concentrada na Zona Sul e na Barra e as escolas quase todas na Zona Norte. E aí jamais a Mangueira vai sair do morro, a Unidos vai sair de Vila Isabel.

Ao fazer o ato público de 1978, com a fundação do MNU, nós viramos essa página. Enfrentamos muita resistência, mas fizemos a luta que continua até hoje, com a dificuldade para se aplicar e para operar as políticas de ação afirmativa mesmo na esquerda, na mídia.

Geraldo Filme levantou temas importantíssimos da história dos negros de São Paulo em seus enredos na Paulistano da Glória, como Tebas, Tradições em Pirapora, José Maurício. Enquanto nós estávamos brigando lá, o Geraldão estava fazendo a mesma coisa. O Geraldo Filme era maravilhoso. Para você ter uma ideia, estávamos o Miltão e eu andando na Avenida Liberdade, pra ir a um bar perto da praça da Liberdade, onde todo mundo do samba se encontrava lá e cruzamos com o Geraldo Filme na rua. Isso em 1975. Ele me chamou e falou:

- Olha Rafa, esse ano o enredo de vocês é o Solano, vocês estão homenageando o Solano, ele era muito meu amigo, quero participar! Pra entrar na ala de compositores e competir na disputa de samba-enredo tem que fazer um samba de quadra? Eu disse: - Sim, tem que fazer. Aí ele disse:

- Já estou fazendo um samba de quadra para entrar na ala de compositores. Eu já falei com o Osvaldinho e eu vou pra lá.

Para você ver o rito que existia. O Geraldo Filme para entrar na ala de compositores do Vai-Vai tinha que fazer o mesmo rito que qualquer outro. Aí ele me falou:

- O refrão está pronto, escuta o refrão. Ele cantarolou: “Quem nunca viu o samba amanhecer, vai no Bixiga pra ver, vai no Bixiga pra ver”! (risos) Eu escutei esse refrão antes do samba terminar, quando ele estava compondo!

Aí ele faz com o Osvaldinho um dos melhores sambas-enredos que eu já vi! “Solano, vento forte africano”. E a partir daí o Geraldo virou o cara da Vai-Vai. Mas ele continuou também como presidente do Paulistano e foi presidente da UESP.

Nós fizemos no final dos anos 1970 um encontro no Clube Recreativo Coimbra, que ficava ali na Avenida São João, ali no cruzamento com a Duque de Caxias. Envolveu todos os dirigentes de escola de samba, os pais-de-santo e outras pessoas do movimento negro. Participou a dona Eunice, Geraldo Filme, Inocêncio, Pé Rachado. Fizemos um encontro com todos esses negro véio. Foi um sábado e domingo de debates, do movimento negro com o pessoal das escolas de samba. Eu tinha a programação, mas acabei doando para algum dos pesquisadores que vem aqui em casa. Era um Seminário envolvendo questões culturais e políticas. Claro, que chamamos os velhos com o apelo cultural, mas virou também uma grande reunião política. Quais seriam os caminhos das escolas de samba, como valorizar a religiosidade africana e como fazer frente a um embranquecimento que começava já nas novas escolas que estavam sendo criadas nos anos 1970 pós-oficialização.

Quando eu estava na USP, no movimento estudantil nós percebemos que precisávamos ter algum jornal, uma forma de se comunicar com as pessoas. O Jamu Minka, que era o pseudônimo do José Carlos de Andrade, aluno da ECA e que se tornou um dos maiores jornalistas do movimento negro. Eu era de Ciências Sociais, o Milton da Economia, o Raimundinho da FAU.

Para você ver como era meia dúzia de gatos pingados, os negros da USP e nós sabíamos quem era quem. E tínhamos mentores, o Eduardo de Oliveira e Oliveira, o Carlos Hasenbalg, a Lélia Gonzalez, essa geração um pouco mais velha e universitária, para eles era ainda mais difícil. E como a gente era militante procurávamos formar grupos de negros. Lá em São Carlos estava o Ismael na Química e o Henrique na Engenharia. E via movimento estudantil, todos se encontravam em São Paulo. E o Jamu quis fazer um jornal, como eram feitos alguns jornais clandestinos da época, tudo mimeografado. Ele leu o artigo *Árvore das Palavras* do Roger Bastide e se inspira no baobá. Dali ele retirou o nome. E começamos a rodar o jornal. Cada um escrevia um texto e depois de pronto a gente distribuía. Íamos para o centro da cidade, Viaduto do Chá, bailes e pontos de encontro de negros. A polícia observava, às vezes via o que era, mas não prendia a gente por prática política. Não fui detido, mas fui investigado pela polícia política. Tem minha ficha lá nos arquivos do DOPS. Ficaram me observando. Eles sabiam quem eu era, o que eu fazia, com quem eu me reunia. Mas como eu sempre

tive residência fixa, estudava na USP, inclusive com filhos de militares de alta patente que me conheciam, eu trabalhava, nunca me envolvi com drogas, nunca andei com outras pessoas ligadas à criminalidade. Porque o que faziam com os negros naquela época? Faziam uma prisão política, mas travestida de crime comum. Nós não dávamos margem para isso. Éramos o modelo disciplinado do militante comunista.

O movimento negro não tem presos políticos no sentido de ser preso pela militância pela igualdade racial. Você tem negros presos pela militância na esquerda, pela luta armada, pela luta democrática, não pela bandeira racial. A tática da polícia militar de prender militantes do movimento negro era prender pela via do crime comum. Sempre o artigo jurídico é crime comum. Seja um assalto, drogas, porte de armas. Ou, se não, elimina! O Neninho de Obaluaê foi preso em 1974 como cúmplice de um assalto. Nós íamos visita-lo lá no pavilhão oito do Carandiru.

No Encontro Estadual da Anistia em 1979 nós escrevemos uma tese, o MNU escreve uma tese chamada “O Negro e a Anistia” e a esquerda não aceitou. Quem estava dirigindo a Comissão era o Luiz Eduardo Greenhalgh e não passou. Nós colocamos a questão dos presídios brasileiros e o negro como um preso político também, mas não passou. Hoje está um pouco melhor, há uma relação melhor entre os partidos políticos, e a Academia, o Estado e a Questão Racial.

Existia um total desconhecimento e uma visão totalmente estereotipada da África promovida pela classe dominante que traz sempre só a visão do colonizador. Nós pensamos, se nós oprimidos não idealizarmos a África nós estamos mortos. Hoje os estudos estão muito mais avançados, com isso você pode discutir as contradições, as ditaduras e as violências dentro do continente africano, mas naquela época só tínhamos a visão do colonizador e precisámos ir contra isso. Hoje podemos discutir que tal vertente de religiosidade é de tal matriz africana, as diferenças étnicas dentro da África, os pluralismos dentro do movimento negro com muita tranquilidade.

Hoje o movimento negro se posiciona como sociedade civil e como instituição política muito bem organizada. Tem uma juventude negra, que trabalha as questões da educação, lazer e etc. No meu período de juventude eu não tive direito de ser jovem. Eu tinha que usar as pontes que eu tinha com a academia e com o movimento social. Eu tinha 20, 25 anos e já tinha que discutir com João Amazonas, com Florestan Fernandes. Eu tinha que dialogar politicamente com esses caras. Só capa preta. E olha de onde eu vim... Eu estava na USP, mas quem eram meus colegas? Era colega de turma, de geração do André Singer, ele é filho do Paul Singer, então o pai dele estava exilado, ele

é judeu. André teve uma sólida formação, na casa dele tinha um conjunto de informações sobre o exílio, sobre o marxismo... E nós pretinhos, mano? Era tudo filho de operário. Entendeu? Não tinha livros, informação dentro de casa. Tinha que se virar por conta. Meu pai falou pra mim que foi da Frente Negra Socialista e da Legião Negra, aí eu tive que ir procurar, conversar, entender o que era isso.

Eu fiz um curso de revolução socialista com o Florestan, tive curso com a Ruth Cardoso, com o José Álvaro Moisés, com o Eder Sader, fiz curso com o Kazadi wa Mukuna. Eu me formei e virei funcionário da USP. Trabalhei na reitoria, na comissão especial de regime de trabalho, a CERT, e no Instituto de Física. Antes do Sintusp. Era Assusp. Fiz a greve de 1979, uma greve longa. Então como eu fui aluno e depois funcionário, acabei tendo uma convivência e uma relação de amizade com muitos professores. Em 1987 fui para a área bancária como funcionário do Banespa e fiquei lá até a privatização. E me aposentei como bancário.

O que está acontecendo com as escolas de samba hoje? O negro está sendo defenestrado das escolas de samba. Das lideranças, está sendo retirado faz tempo. Precisamos voltar com esse protagonismo. A última liderança foi o Betinho. Ele protagonizava na LIGA. Você tem que olhar o racismo estrutural. E ver a morte dele como uma disputa. Quem assume é alguém comprometido com o espetáculo ou com a comunidade, com um discurso político de integração? O Betinho foi defenestrado da sua própria escola. Eles não fizeram isso com o seu Nenê, com o seu Inocência, com o Pé Rachado. Mas fizeram com o Chiclé. Deram um golpe no Chiclé e nos negros filhos de fundadores da escola. Como fizeram com o Betinho. Eles descartam as lideranças negras e ponto. O branco vai para escola de samba, mas ele não deixa de ser eurocêntrico e racista. Eles querem estar na escola para aparecer e em espaços de poder.

E essa geração toda dos cardeais do samba, dos fundadores das escolas já foi. Seu Carlão ainda está aí. Ele não precisa apitar nada no Peruche, mas ele tem uma autoridade, uma autoridade moral, que é importantíssima, só a presença dele já faz a diferença. Não tem traficante, miliciano ou branco rico, que afronte ele dentro da escola. Isso é da ancestralidade africana.

Por que o Peruche ainda é uma escola de negros? Pode os brancos estarem dirigindo a escola, mas eles não conseguiram ter essa autoridade. Se o seu Carlão morrer com 100 anos, quantas gerações ele formou? Tem uma molecada toda que valoriza isso. Você pode ver, o movimento negro vai pra lá conversar com ele. Existe um núcleo negro lá com consciência racial, isso dentro da Peruche. E tem um pessoal de

esquerda que faz uma ala, outro faz outra ala e assim a disputa e a resistência permanecem dentro da Peruche. Então é isso, algumas escolas que foram criadas por esses negros vão dificilmente serão deslocadas. Vem as novas gerações e convivem com a geração anterior, pega o bastão e vai fazendo a resistência.

No Vai-Vai atualmente isso é muito latente. O grupo que apoia o Neguitão e o grupo de oposição que pretende transformar o Vai-Vai em uma escola empresa. Mas não tem nenhum santo ali, todos têm interesses dentro do processo. Há um racha também nas famílias antigas, de descendentes dos fundadores do Vai-Vai. O Neguitão radicalizou essa ideia de enegrecimento da escola, do quilombo urbano. E isso é bancado por uma comunidade negra forte. Minha família mesmo tem uma parte que é ligada 24 horas por dia a escola de samba.

Eu falei pra você que nós éramos em meia dúzia de estudantes negros na USP. Agora olha a quantidade que existe hoje. Você tem o NEAB na USP, você tem vários movimentos afro lá dentro. Isso cria núcleos de resistência lá dentro. Você já tem vários negros que saem dali fazendo carreira acadêmica em várias áreas. Eu fui na UNICAMP fazer um debate e encontrei um cara da área de Biologia que era pesquisador de ponta. Um negrão lá, que faz pesquisa com os maiores biólogos do Brasil. Foi um debate bem legal sobre afro empreendedorismo. Faz uns dez anos que estou envolvido nessa área, organizando, tentando viabilizar pesquisas.

Hoje nós podemos falar que existe uma intelectualidade negra, você me disse que fez curso com o Wilson Barbosa, com o Kabenguelê... Eu passei pela USP e não tive um professor negro durante a graduação. Você entra em qualquer universidade hoje tem professores negros. É menos do que deveria, mas tem. E esses professores passaram pelo movimento negro. A primeira reitora negra da UFBA, ainda nos anos 1990, passou pelo MNU. Eu fui em uma atividade lá em 1998, em comemoração dos 20 anos do MNU. Aí montamos uma mesa, a reitora da Universidade tinha passado pelo MNU, o João Jorge do Olodum, tinha passado pelo MNU. Todas as lideranças importantes do movimento negro baiano tinham militado no MNU. Você tem uma geração negra hoje que está em posições de liderança, seja acadêmica, empresarial, que passaram pelo movimento negro. Isso traz mudanças, essas pessoas vão ter outro olhar e seus pares também. No país inteiro! E isso não tem volta! Nós agora estamos construindo uma política de Estado. Lutamos muito para chegar em posições de liderança. Você vê o Lula falando sempre:

- Eu estou falando o que eu aprendi com o movimento negro.

Não era bom ter o presidente da República escutando o movimento negro? Falando que aprendeu com a gente. O Haddad quando foi prefeito em São Paulo juntou um grupo de militantes negros e os chamou para participar da gestão, criar projetos, gerenciar ações. São conquistas importantes você ter negros formulando políticas públicas.

Sobre a imprensa negra. O que nós fizemos a época. Nós criamos o jornal “Árvore de Palavras”, que era da imprensa negra e dialogávamos com outros veículos da imprensa alternativa. A revista “Versus”, por exemplo. O Hamilton um dia conversou com o Marcão, o Marcos Faermann e a gente começou a escrever na revista. Aí juntamos um grupo para escrever. E todo mundo fazia tudo. Você vai ler no “Versus”: tem entrevista minha, tem matéria minha, tem reportagem que eu editei, formatei. Tem entrevista que o Wanderlei e eu fizemos com o Florestan. Aí decidimos criar um caderno nosso. Porque a revista se chamava “Versus Latino-América”. Nós falamos:

- Não somos só Latino-América, somos afro.

Fizemos um debate com a direção da revista, aí formamos o caderno “Afro-Latino América”. Veja, todo o tempo nós fizemos política. Travamos uma luta ideológica, inclusive no campo da esquerda. O Marcos Faermann se sensibiliza com isso e entende o que nós queríamos fazer. Nós aproveitamos um espaço na imprensa alternativa e fizemos o debate. Nós articulamos esse caderno com o “Nós Mulheres”, com o “Jornal Lampião” e com outros coletivos negros de várias partes do Brasil.

Nós fizemos uma ação conjunta com vários outros coletivos contra a violência policial. O nome MNU saiu porque queríamos fazer uma ação conjunta, uma ação unificada dos negros, das mulheres e o movimento LGBT, que na época era o movimento homossexual. Fizemos reunião, passeatas, contra operações policiais. A conjuntura permitiu que nós fizéssemos um movimento social de mobilização e denúncia. Conseguimos espaço na imprensa e em diversos sindicatos.

Construímos um espaço grande no sindicato dos bancários, onde passei a atuar também. Aí fomos muito fortes para dentro do PT. Participamos da fundação do partido em 1980. Mas com uma clareza do que era o movimento social, o movimento sindical e do papel do partido enquanto instrumento para a luta política institucional. Participei de muitas disputas dentro do PT. Fazemos um contraponto.

Eu vim de uma geração que nós não fomos especialistas. Eu por exemplo, participava de debates e interferia em múltiplos temas, porque nós éramos poucos e

tínhamos que cumprir esse papel. Tinha que estar em várias frentes ao mesmo tempo, ler de tudo. Hoje nós podemos respirar um pouco melhor. Falo com muita tranquilidade, hoje eu preciso me preocupar com outras coisas. Chegou o momento que temos que formar gestores de saúde negros, médicos negros e outras coisas.

Historicamente, e a esquerda também contribuiu pra isso, durante muito tempo só foi visto e analisado o papel do negro no mundo do trabalho. E de forma subserviente. Quem começou a falar do Zumbi e do protagonismo negro fomos nós mesmos. Não foi o branco nem a esquerda. Nós tiramos o Zumbi do rodapé das páginas dos livros e o protagonizamos. Hoje eu falo que nós negros estamos estudando, estamos escrevendo, estamos formulando e nós estamos construindo interpretações e cavando espaços de baixo para cima. E isso não tem retorno. Pode dar golpe, pode vir o que for que isso não volta mais. Nós já temos cinco séculos de não na nossa cabeça, que essa resistência será feita sempre. Hoje estamos articulados internacionalmente, se você quiser fazer pontes com outros lugares do mundo, com outras Universidades você consegue ir.

Acredito que a esquerda hoje, depois de ter tido um projeto de governo estabelecido, ter conquistado a presidência em 2002 com o Lula, ainda que seja um projeto social-democrata, não revolucionário, e de caráter reformista, tem muito mais experiência e pode continuar avançando na questão racial. O governo Lula foi uma grande experiência. Aliás, a nossa principal experiência e onde conseguimos nossos maiores avanços.

Do ponto de vista das relações exteriores, foi o governo que mais avançou na relação com a África. A tentativa de uma política de relações Sul-Sul, a abertura de diversas embaixadas e o discurso do Brasil como parte integrante da África, porque o Brasil tem pelo menos 100 milhões de pessoas que tem descendência africana.

Na política interna, nós passamos a ocupar um espaço institucional dentro do governo com a criação da SEPIR (Secretaria de Promoção da Igualdade Racial), e que foi transformada em departamento sem orçamento para nada no governo Temer e extinta agora com o governo Bolsonaro. Além das ferramentas que foram construídas de gestão, promoção, de transformar a luta pela igualdade racial em políticas públicas nas suas diversas vertentes e possibilidades. Isso é um fato concreto e real com o governo Lula. Nós vamos enfrentar agora novamente um retrocessos.

Com o golpe que foi dado em cima da Dilma claro que houve retrocessos. Mas existem marcos legais que são irreversíveis. Nós construímos a lei 10639 e a 11645.

Isso é uma virada que envolveu a luta de milhares de pessoas. Isso não será revogado! Nós conseguimos atingir a consciência de toda uma geração. Vai haver luta? Vai! Vai haver desconstrução? Vai! Mas os núcleos de resistência estão colocados. Hoje nós temos uma juventude negra protagonista. Na gestão do Haddad na Prefeitura de São Paulo eu passei 90 dias na coordenadoria da juventude. Que orgulho isso! Uma coordenadoria controlada por negros. Ela deu conta de vários projetos como o Juventude Viva. Todos os recursos foram bem aplicados, com pouco conseguimos fazer muita coisa.

Nós não conseguimos no Brasil discutir uma política pública para a cultura negra. Pensando no ponto de vista de seus marcos legais e de sua importância para a formação do Brasil. A visão do colonizador permanece e a cultura indígena não disputa esse protagonismo. A disputa é com a gente. Por exemplo, no Minc você tem uma autarquia que é a Fundação Cultural Palmares, que deveria cuidar da cultura negra, mas que só faz eventos cuida de publicação de livros. Mas ela não formula uma política, ela não unifica do ponto de vista de realizar encontros nacionais com os diversos protagonistas da cultura negra. Se você pegar o mundo do samba, tem vertentes diferentes no Sul, no Norte, no Sudeste. Se você faz uma formulação e dá uma orientação política as coisas vão fluindo e adquirindo uma unidade. Cada um no seu espaço, mas exigindo os seus direitos.

Aos olhos da esquerda, o governo Lula cometeram milhares de erros. Mas nós não estamos apanhando pelos nossos erros, mas pelos avanços e acertos que nós fizemos e agora estão retrocedendo tudo. E a mídia vende as reformas como se fosse benéfica ao país. Com exceção da mídia alternativa. Nós temos a TVT, a Rádio Brasil Atual, apesar de o alcance ser pequeno, nós temos estrutura significativa para fazer a resistência. Veja a disputa que o movimento de cultura da periferia está fazendo com a gestão Dória? O que eles sempre quiseram? O aniquilamento. E nós não seremos aniquilados. Estamos cercados, mas não aniquilados.

A periferia está se organizando e a solução vai pela Educação. Você vê no Heliópolis, a escola Campos Salles tem a organização e o modelo da escola da Ponte, aquela articulação que a UMES tem com os estudantes lá, o Instituto Bacarelli, a rádio comunitária Heliópolis. É um bairro de migrantes. É um bairro nordestino. Mas que construiu sua resistência, sua economia própria, com comércio organizado, uma comunidade organizada com capacidade de gestão, e tem até moeda social. É um bairro musical também. Por que é que Heliópolis é barulhenta? Porque nordestino é

barulhento. Tem forró, funk, rap, hip-hop. Pra todos os públicos. Eu falo muito disso porque eu vi quando surgiram os primeiros barracos em Heliópolis. Isso era um terraço. Eu até me emociono! Olha o que esses caras fizeram... E lá é tudo construção própria. E lá a casa não cai. É uma arquitetura impressionante. Parece que não tem espaço, mas quando você olha dentro das casas tem um quarto, uma sala, um banheiro tudo bem feito. E já estão saindo uns gênios de lá. Tem muito talento ali. Tem cara em Orquestra na Alemanha, tem cara fazendo Medicina em Cuba, tem gente que está ocupando espaço nas universidades. E isso é irreversível.

O ato que o MNU fez em 1978 marcou a volta das pessoas nas ruas. Fizemos um ato contra a polícia militar em um regime militar e quem era o Secretário de Segurança era o Erasmo Dias. Poderia ter havido um massacre. Mas nós mostramos o enfraquecimento do regime. Ali já não havia espaço para um massacre. O AI-5 ainda vigorava. Nossa avaliação é que nós fizemos o ato em um momento adequado. Foi em uma sexta-feira. Quem participou do ato? O Abdias do Nascimento articulou bem o ato com a imprensa internacional, com a “Associated Press”, com a “France Presse”, com a “United Press”, a Anistia Internacional.

E a imprensa nacional também. Se você olhar a Folha de São Paulo e outros jornais cobriram o ato e foram obrigados a escrever matérias no dia seguinte. O editor da Folha na época era o Boris Casoy? Você acha que ele queria escrever sobre uma manifestação de negros? Claro que não, mas teve que noticiar. Conseguimos fazer um ato muito bem amarrado naquelas circunstâncias. Nós chamamos a comunidade judaica também a participar. Eles também participaram do ato contra o racismo. Nós convocamos o ato público e chamamos vários grupos que são discriminados. A Associação Judaica foi uma das que responderam, escreveram uma carta e subscreveram o manifesto contra o racismo que nós lançamos no ato. O antissemitismo é uma forma de racismo. Também teve a leitura de cartas da prisão. Nós começamos a ter um núcleo organizado nas prisões de combate ao racismo. Só não tínhamos quilombolas, que não participaram pela distância. O transporte era mais precário em 1978.

Em 1983 houve III Conferência da Tradição do Orixá e Cultura em Salvador. Nós fizemos uma delegação em São Paulo para ir, de tradição africana, do movimento negro, pegamos um ônibus e fomos lá. Aí tiveram a apresentação das delegações. Da África do Sul, Colômbia, Uruguai. Aí eu vi em um teatro a apresentação da delegação cubana, quando eu vi aquilo eu pensei, como? Era idêntico, só o iorubá que tinha

sotaque espanhol (risos). Mas eram entoadas as mesmas canções que você houve no candomblé para Iansã. Eu fiquei abismado. Foi muito interessante.

Nessa Conferência de Salvador, em um dia no intervalo, fomos almoçar na casa de uma militante do movimento negro baiano, a Vera e olha só, participou um bispo, uma pessoa importantíssima, Dom Hélder Câmara, tinha um padre, o François, que era ligado ao Bate Folha. O terreiro chama-se Santa Bárbara do Bate Folha. Estava também o ex-prefeito de Salvador, o Edvaldo Pereira de Brito, que era da direita e professor de Direito (risos). Ele é do DEM, depois foi professor aqui no Mackenzie, era da turma do ACM, a mãe Stella, eu, Gilberto de Exú, mãe Vanda, o Batista também estava nessa. Na conversa com a gente Dom Hélder confundia Jesus Cristo com Oxalá, pois ao falar ele se refere a Jesus como Oxalá. Aí a mãe Stella fala assim: - Alto lá, Dom Hélder, Jesus Cristo é Jesus Cristo e Oxalá é Oxalá. Aí Dom Helder com sua humildade diz: - Então a Igreja Católica vai entender o que é Oxalá.

O negro sempre foi macumbeiro, essa religiosidade sempre foi muito forte, mas muda a conjuntura, muda a forma de se ver a religião. Até hoje existe preconceito contra as religiões de matriz africana. Mas nós desmascaramos o mito da democracia racial, hoje nós denunciemos o racismo, mas existe intolerância até hoje. Desde moleque eu ia na umbanda. Tinha um centro aqui na rua. Minha casa era um fenômeno.

Eu frequentava um colégio católico e no seu boletim, na sua carteirinha você tinha que assinar a presença na missa, tinha aula de religião, tinha que se confessar e fazer a primeira comunhão. Olha o nó que dá na cabeça da criança. Eu ia na tenda do pai Kambinda na sexta-feira e no sábado e no domingo eu ia na missa. Aí eu me confessava pro padre no confessionário que eu tinha ido na tenda de umbanda. O padre mandava eu rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria (risos). Percebe ser criado nesses dois mundos? Fui criado desse jeito até eu chegar aos meus 18 anos. Você vê isso no filme "Ori". Lá tem o meu pai-de-santo. Ele é de Angola e tinha esse sincretismo com a Igreja Católica e com a religião cristã. Você vê, eu mais velho, militante do movimento negro achava aquilo esquisito, mas o pai-de-santo levou um padre pra rezar uma missa dentro da casa de candomblé e os filhos de candomblé todos comungaram. Você vai ver no filme eu comungando (risos). Sempre foi assim. As festas de Pirapora eram isso. Puro sincretismo.

Hoje, com a Pastoral Afro, existe um entendimento claro e nítido de que Oxalá é Oxalá e Jesus Cristo é Jesus Cristo. São diferentes. Você vê os elementos africanos que estão na missa, no culto da missa afro, que tem em várias igrejas, começou lá na Igreja

do Pelourinho na Bahia, é uma missa negra! Sincretismo. Todo mundo que se interessa pelas questões afro precisa fazer a lição de casa e ir ver essa missa. É impressionante!

Do ponto de vista da aculturação, da leitura que é feita dos símbolos católicos e africanos. Tem uma vertente agora da pastoral afro que está discutindo a negritude de Jesus Cristo, tem padre que deixou a batina, se desvinculou do Vaticano a partir da discussão da espiritualidade africana. Jesus passou a maior parte da vida na África, no Egito, mas ele foi europeizado. Existe esse debate teológico que é importante para a Igreja Católica e para as matrizes africanas.

Outro ponto importante para a religiosidade africana, que contribuiu para esse debate teológico, foram as pessoas que foram estudar em Ifé, outros imigrantes que vem da África já com essa religiosidade, e passam a se inserir ao nosso candomblé, a umbanda. E eles chegam com passaporte, porque nossos ancestrais vieram acorrentados, mas agora tem aqui em São Paulo uma Associação de Imigrantes Africanos, isso está dando um impacto cultural muito grande na religiosidade. Você pode pensar, olha as igrejas neopentecostais são conservadoras, se baseiam no Velho Testamento, mas é interessante você ver o sincretismo que elas trazem.

Está tendo um fenômeno que temos que ficar atentos: o número crescente de igrejas evangélicas negras aqui. Antes você só via isso nos EUA. Eu já vi umas três aqui. Nos moldes do Gospel americano, com cantos, coral, uma coisa louca... Nós, de esquerda, não podemos simplesmente ignorar esses fenômenos. Temos que olhar isso com consciência racial e discutir o racismo. Estou só de observador, não me dediquei a estudar isso, mas percebo o quanto esse fenômeno é rico.

Estive uma vez na África do Sul para um Seminário sobre Direitos Humanos em 2001 e estive em Nairóbi no Quênia, no Fórum Social Mundial. Lá eu vi gente de toda a África e aí que você vê que na diáspora vieram pessoas de toda África também. Lá eu encontrava gente da Etiópia, Congo, Marrocos, Guiné, Angola etc. Aí você olha e fala nossa, já vi muita gente desse jeito no Brasil. Aqui tem gente de todos os lugares da África, do norte ao sul.

É possível pensar a escola de samba como um espaço de resistência que ajuda a educar e a construir a identidade negra da diáspora. Ela baliza e dá estrutura para isso. E como um espaço agregador da sociabilidade negra. É só você ir ao quilombo da Saracura para perceber isso. As raízes continuam. Queria indicar um documentário, chama-se Ori, com direção da Raquel Gerber e roteiro da Maria Beatriz Nascimento.

Ela trabalha com conceitos legais como o conceito de quilombismo a partir do Vai-Vai. Ela trabalhou 10 anos para fazer esse filme.

As pessoas negras de uma maneira ou de outra transitam pela escola de samba. Ou como componentes, ou tendo uma participação mais ativa, assistindo ao espetáculo. Porque de uma forma muito consciente as escolas de samba sempre contribuíram com o movimento negro, com as entidades do movimento negro. As relações sempre foram muito fraternas. Um exemplo: Nós fizemos um seminário na Câmara Municipal de São Paulo, em 1982-83: “Prática versus produção de cultura negra no Brasil”. E vieram todos, os blocos afros da Bahia, escolas de samba, afoxés, candomblé. Foi um seminário de dois dias na Câmara Municipal. E daí saiu uma diretriz de estruturar um bloco afro em São Paulo. Eu fiquei responsável por esse bloco e fui juntando as pessoas. Nós viemos montar esse bloco afro aqui no Ipiranga. Aí eu falei com o Sinval Rosa, que era o presidente da escola de samba Império do Cambuci.

O Silval na hora disse: “Ensaia o bloco aqui na minha quadra”.

É essa solidariedade que as escolas sempre tiveram. Toda a estrutura que nós precisamos para montar o primeiro bloco afro de São Paulo foi dada pelo Silval e pela Império do Cambuci. O seu Inocêncio deu toda estrutura para aqueles cursos que nós fizemos no Camisa Verde. Isso na época foi muito importante.

Antes de ser movimento negro, eu era Vai-Vai, o Miltão antes de ser movimento negro era Vai-Vai. Pegando minha própria trajetória pessoal. As escolas sempre foram um espaço nosso porque os militantes do movimento negro passam pelas escolas de samba. E é importante salientar também que o movimento negro fornece quadros para o candomblé e outras religiões de matriz africana. O movimento negro nos anos 1970 não era majoritariamente de matriz religiosa africana. Mas quando você vai nas conferências da Igualdade Racial você percebe que hoje a maioria das pessoas do movimento negro confessam a matriz religiosa africana. Houve um movimento interessante, tinha gente que passou pelo Marxismo, era ateu e hoje é do candomblé. Nos anos 1950 você tinha os ícones como Joãozinho da Goméia, Olga do Alaketu, falando em nome da religião. Hoje você tem articulações de matriz africana como os movimentos MonaBantu, Cenarabi (Coordenação Nacional de Africanidade e Resistência Afro-brasileira), Akibantu, você tem articulações. Você não tem apenas religiosos, mas esses coletivos ocupando um espaço de protagonismo institucional.

Fazendo um balanço da minha luta e da minha geração, é inegável que nós ganhamos em muitas esferas. Na esfera do debate. O racismo hoje é crime, ninguém se

declara racista, apesar da sociedade continuar racista. Mas além do debate de maneira prática conseguimos tirar do papel a política de ações afirmativas, cotas raciais em vestibulares, concursos públicos.

Nós enterramos o mito da democracia racial, enterramos um dos maiores pensadores desse país que é o Gilberto Freyre. Construimos pela base um movimento negro majoritariamente de esquerda. Em todos os momentos no combate ao racismo aqui eu via, por exemplo, a presença de partidos de esquerda, como o PCdoB. Ou com posições definidas pelo partido ou com o protagonismo dos negros comunistas.

Por exemplo, o Benedito Cintra que foi o único vereador negro na Câmara Municipal, nos anos 1970, pelo MDB. E estava sempre conosco, ia em todas as ações. E era um cara do PCdoB, mas o partido ainda não tinha registro. Ele estava ligado sempre às escolas de samba. Hoje os dois parlamentares do PCdoB são negros. O Orlando Silva na Câmara dos Deputados e a Leci Brandão na Assembleia Legislativa. Tem o Nivaldo, o Vital Nolasco, que foi o cara que formulou a primeira proposta de SOS Racismo. Mas mesmo dentro do partido há um debate, há enfrentamentos. O Aldo Rebelo é um cara cru na questão racial. Ele é um nordestino gilbertofreyreano.

Se você pensar a construção do socialismo, é impossível você lutar pela construção de uma nova sociedade sem o protagonismo negro. Nós tivemos no mundo grandes experiências onde raça e classe estavam imbricadas. Experiências de superação. A experiência da África do Sul e de Cuba. Eu vi o discurso que o Fidel Castro fez em 2001, os dirigentes cubanos começam a fazer uma autocrítica de forma mais consistente sobre a questão racial. Por que eles tinham uma visão positivista de que com a chegada do socialismo, o racismo ia acabar. As experiências mostraram o contrário. A ex-URSS massacrou diversas minorias étnicas.

Claro que pode haver um revés, uma inflexão à direita. Mas o que a direita do movimento negro fez? Você tem líderes do movimento negro da direita, como aquela deputada da Bahia, a Tia Eron, que veio justamente via igreja evangélica. Mas existe o embate, a luta. Isso nunca vai parar. Ela fez um discurso em nome das mulheres negras para votar a favor do impeachment e já há outras mulheres negras rebatendo ela. As redes sociais dela estavam inundadas de mensagens de mulheres negras dizendo a ela, você não fala em nosso nome. Nem eu falo em nome de ninguém. O movimento busca sempre a autonomia do negro.

SEU CARLÃO DO PERUCHE

Nome: Carlos Alberto Caetano

Data de nascimento: 11/09/1930

Local: São Paulo

Profissão: Operário, sindicalista e sambista

Datas das entrevistas: 21/12/2018, 15/03/2019 e 20/04/2019

Local da entrevista: Residência de seu Carlão do Peruche no bairro Horto Florestal, Zona Norte de São Paulo- SP



Foto: Malu Sanches

Colocamos com muita luta a escola de samba em seu devido lugar.

Meu nome é Carlos Alberto Caetano¹, nasci em São Paulo no dia 11 de setembro de 1930, na Rua Pirineus, 76, no bairro da Barra Funda. É uma ruazinha que vai da Praça Olavo Bilac, antes de chegar na Avenida Angélica, para quem vai em direção ao bairro.

Meu pai se chamava José Moysés Caetano e era motorista; trabalhou com isso muitos anos. Minha mãe se chamava Maria José Cruz; era lavadeira e dona de casa. Ele foi motorista da família Almeida Prado, uma das mais tradicionais e influentes da cidade. Durante minha infância, morávamos na casa dos patrões do meu pai, no fundo, em um quarto de empregados. Tenho três irmãos. Sou o mais velho. Depois de mim, o Reginaldo, Nilson e Paulinho. Tive uma irmã também que se chamava Neusa Maria, mas que, infelizmente, faleceu ainda criança.

O primeiro carnaval que participei eu devia ter uns dez anos. Minha mãe se fantasiou de pierrô e me levou para ver o carnaval. Ela tirou até uma fotografia nesse dia. Fomos até a Avenida Paulista ver o curso. Atraía muita gente para ver aqueles carros abertos, caminhonetes, um atrás do outro em fila e aquelas mulheres e homens fantasiados em cima dos carros, jogando confete e serpentina. Eu fiquei encantado. É uma das minhas primeiras memórias de carnaval.

Aprontei muito quando eu era criança. Minha mãe era muito amorosa, mas também muito rígida, como era comum naquela época. Eu apanhei muito dela. Um dos motivos era quando eu saía para nadar no Rio Tietê com meus amigos. A gente ia até a ponte e pulava lá embaixo. Isso no início da década de 1940, o rio era bem limpo. Eu tomava o cuidado de chegar seco em casa, mas minha mãe olhava pra mim e já sabia. Falava: “Foi nadar, né? Falei pra você não ir, porque é perigoso.” Eu dizia: “Não, mãe, não fui.” E ela: “Vou te bater duas vezes: uma por ter ido nadar e por ter mentido.”

Saí de casa duas vezes na minha infância. A primeira vez, eu devia ter uns nove anos. Eu escutava sempre minha mãe falar da avó dela, minha bisavó Raimunda, que morava em Caçapava. Ela mandava vários alimentos da fazenda em que ela morava para minha mãe. Vinha nesses caixotes de querosene e algum parente que ia pra lá vinha entregar. Eu sempre escutava todo mundo falar, a Nhá Raimunda, que era conhecidíssima em Caçapava. Ela era a festeira da cidade. Organizava várias festas religiosas lá. Todos a conheciam.

¹ Esta transcrição realizada a partir de diversas entrevistas com seu Carlão do Peruche para esta tese resultou na publicação de uma biografia com as memórias de seu Carlão do Peruche intitulada *O Cardeal do Samba. Memórias de seu Carlão do Peruche* pela editora Liber Ars em 2019.

Eu era criança, mas tinha isso na minha cabeça que queria conhecer minha bisavó. Não era tão fácil de transporte como hoje, minha mãe não tinha muito dinheiro nem tempo para ficar viajando. Então era sempre uma promessa que iríamos visitar a Nhá Raimunda. Um dia cansei de esperar. Decidi que ia para Caçapava conhecer minha bisavó. Saí de casa para pegar o trem escondido, mas o juizado de menores me pegou. Quando o juizado me pegou, eu disse para eles que morava em Caçapava com minha avó. Expliquei que ela morava na zona rural, na fazenda do Chico Paulino. Eu inventei uma história de como tinha chegado a São Paulo e queria retornar para minha casa.

Um policial me levou de trem para Caçapava. Fiquei no quartel da cidade, no 5º Regimento de Infantaria, com um cobertor verde que me picava de tanto percevejo que nem consegui dormir. Aí, no dia seguinte, ela apareceu. O guarda chegou e disse:

- Ele está dizendo que é seu neto.” Ela olhou pra mim, com ar de surpresa, e disse:

- Você é meu neto? É filho de quem? Aí eu falei:

- Sou filho da dona Maria José Cruz. Falei o nome dos meus avós. E ela:

- É meu neto mesmo. E o que você está fazendo aqui?” Eu disse:

- Vim conhecer a senhora.

Foi assim que eu conheci minha bisavó. Fiquei lá na casa dela um tempão. Aprendi a andar a cavalo, a ordenhar vaca. Eu acompanhava os peões mais velhos na hora de dar sal para o gado. Aprendi lá que para o gado crescer saudável, precisa do sal mineral. Eles gritavam para o gado que estava no pasto e logo eles todos vinham comer sal no cocho. Lá tinha bastante arrozal, eu ia com os outros lavradores para a plantação de arroz. Ficávamos com a água até o joelho. Durante o dia na lavoura eles cantavam vários cantos de trabalho. Isso vinha de séculos. Tinha aqueles negros mais velhos que, assim como minha bisavó, eram da época da escravidão. Eu me lembro de que eles faziam e depois brincavam com as crianças, porque tinha um trava-língua. Era assim:

Tá, tá tá

Tá chovendo à toa

Os patinhos cantam nadando

Lá na lagoa

Tá, tá, tá

Tá chovendo à toa

Os patinhos nadam cantando

Lá na lagoa

O desafio era cantar o verso “Lá na lagoa” sem embolar a língua. Quase todo mundo cantava “os patinhos cantam nadando lá ná lagoa”. Tinha que enfatizar bem o “lá” e o “ná”. Todos batiam palmas e fiscalizavam. Era muito diferente a relação dos lavradores com o trabalho da relação que tive trabalhando em fábrica ou mesmo no comércio. Eu fui embora porque minha avó pediu para alguém escrever uma carta para minha mãe avisando que eu estava lá. Aí meus pais vieram me buscar. Aí meus irmãos também conheceram a Nhá Raimunda.

A segunda vez que saí de casa eu devia ter uns dez, onze anos. E não foi planejado. Era um dia normal, a gente acordou pela manhã, e minha mãe me mandou ir até o empório comprar meio quilo de açúcar e $\frac{1}{4}$ de café. Cheguei na venda e cumprimente o seu Antônio, um português que era mestre de obras. Seu Antônio me disse: “Foi bom te ver, menino Carlos. Eu gosto de você, sei que você é um menino responsável. Estou indo pra Santos para fazer um trabalho, você não quer ir junto? Eu te dou um salário e você fica morando na obra.”

E dali mesmo eu já entrei no carro e fui pra Santos. Sumi. Ele estava pintando uns sobrados que tinham acabado de serem construídos. No bairro do José Menino. Eram cinco casas, dessas geminadas. E fiquei lá mais de um mês. Ficamos lá, o seu Antônio, eu e os pintores. Um deles chamava-se Pedro da Conceição, porque a esposa dele era a dona Conceição; tinha outro com o apelido de Butifuça. E eu moleque lá no meio. Para eles não precisarem ficar descendo e subindo da escada, eu pegava as ferramentas, corria aqui, corria ali. Preparava uma coisa e outra. Aprendi a fazer tinta colorida, a preparar cal, passar massa corrida.

Eu decidi ir para lá e nem me dei conta que não tinha avisado ninguém. O quanto minha família deveria estar desesperada. Era a época da guerra. Apesar de a guerra ser na Europa, provocou uma alta dos preços aqui. Lembro que o preço do café, do açúcar, tudo subiu. Passamos a comprar tudo a granel. 250 gramas de café, de açúcar, meio quilo de arroz, no máximo. Eu via isso em casa e quis trazer um dinheiro para meus pais. Quando a Segunda Guerra Mundial acabou eu tinha quinze anos.

Terminado o serviço, seu Antônio me pagou direitinho. Voltei todo contente, com dinheiro no bolso. Nunca tinha visto tanto dinheiro. Queria dar o dinheiro pra ajudar minha mãe. Nem sabia da gravidade do que eu tinha feito. Ela tinha ficado mais de um mês sem ninguém saber de mim. Tinha abandonado a escola, meus pais sem saber de nada. Eu morava no Bosque da Saúde. Hoje é o metrô Praça da Árvore.

Quando eu cheguei lá na frente da casa que eu morava, uma vizinha já começou a gritar: “Maria, Maria, é o Carlos!”

Toda vez que eu recordo isso eu me emociono. Minha mãe veio correndo, me deu um abraço tão forte e começou a chorar sem parar. Ela só agradecia a Deus e chorava. Até hoje eu lembro e sinto aquele abraço que minha mãe me deu.

Meus pais foram me procurar no juizado de menores, hospitais, todos meus amigos me procuraram e, claro, ninguém sabia de mim. Tinha ido até à venda e ido pra Santos sem avisar ninguém. O seu Antônio deveria ter ido falar com meus pais. Hoje isso é considerado sequestro. E se tivesse acontecido alguma coisa? Não tinha nem uma muda de roupas.

À noite, meu pai chegou do trabalho e minha mãe toda contente e eufórica: “Zeca, o Carlos está aqui.” Quando ele soube onde eu estava e o que eu tinha feito ele me levantou pelos braços, eu era magrinho, e me bateu de todo jeito. Batia com minhas costas na parede. Minha mãe até intercedeu para ele parar, dizendo que ele estava me machucando. Foi a única vez que apanhei do meu pai.

Meu pai era severo, mas justo. Tenho muita admiração por ele. Ele e minha mãe sempre fizeram muito esforço para eu estudar, queriam que eu tivesse uma profissão.

Morei na Barra Funda até uns doze anos e depois meus pais se mudaram para a Bela Vista, na Rua Manoel Dutra. Ficamos ali uns dois anos. E naquela época a rivalidade entre os dois bairros negros era enorme. Barra Funda era Barra Funda, Bela Vista era Bela Vista. Quem era da Barra Funda passava maus bocados na Bela Vista, e o pessoal do Bexiga, que é até hoje o apelido da Bela Vista, passava aperto na Barra Funda. Então, menino da Barra Funda, cheguei para morar na Bela Vista. Os outros meninos me surravam direto. Meus irmãos também sofriam. Tive que aprender a me defender. Tomava croque, juntavam vários na saída da escola para me pegar. Tinha inaugurado naquela época um cinema ali perto da minha casa. Era o Cine Rex, que ficava na Rua Rui Barbosa, esquina com a Rua Conselheiro Carrão. Mas demorei uns quinze dias para conseguir ir ao cinema. Os outros meninos ficavam de olho e não deixavam nem eu nem meus irmãos entrarem.

Foi nessa época que comecei a ir para a Praça da Sé engraxar. Era bem perto e eu ia a pé. Aí começaram a me respeitar. E também passei a revidar quando mexiam comigo. Um dia dei uma estilingada no olho de um menino que quase ceguei o olho dele. A mãe dele foi brava na minha casa. A minha mãe disse pra mulher:

“Batem nele na rua todo dia e eu não fui até a casa de ninguém. Eu já disse para o Carlos que é para ele se defender sim. Se ele aparecer chorando aqui, eu bato nele de novo.”

Aí comecei também a fazer amizade com os bambas do Bexiga. Com o Pato N'Água, que foi meu amigo a vida toda, o Semente, o Noel, que puxava de uma perna. Aí passaram a me aceitar e passei a ser conhecido na Bela Vista.

O Penteado gosta de dizer que o início da rivalidade entre Barra Funda e Bela Vista foi devido ao casamento da dona Sinhá, que era de uma família negra importante do Vai-Vai, com o Inocência Mulata, fundador do cordão Camisa Verde e Branco, que era da Barra Funda. Pode até ser até que a história do casamento aumentou a rivalidade dos dois cordões, porque Vai-Vai e Camisa disputavam ano a ano como cordão e a partir de 1972 disputavam como escola de samba. Mas a rivalidade é anterior.

Na Rua Manoel Dutra, minha família morava em um cortiço. Mas aí já tinha vindo às leis trabalhistas do Getúlio Vargas e meu pai nos levou para morar em uma casa mesmo, com entrada e quintal próprio na região do Bosque da Saúde, onde conheci a Flor do Bosque, que tinha acabado de ser criada.

Meu primeiro envolvimento com escola de samba foi com uma pequenina escola chamada Flor do Bosque, que saía no bairro do Bosque da Saúde. Mas meu primeiro envolvimento com samba foi ainda muito garoto, com sete, oito anos. Eu lembro que ainda estava no primário e fui com minha tia Antônia em um samba e acho que tomei gosto pela coisa (*risos*).

Mas antes disso, eu tive contato com o jongo. Eu ia com meus pais no mês de agosto, nas festas de Pirapora do Bom Jesus. Era uma tradição que vinha da Nhá Raimunda, avó da minha mãe que participava dessas festas religiosas com batuques. Lá em Pirapora, nessa época, tinha muito jongo, que é um dos embriões do samba.

Minha mãe ia para a Igreja, prestigiar a imagem do Bom Jesus, mas eu ficava com meu pai nos barracões, jorgando e escutando batuque. Como tenho o costume de dizer, eu nunca vi meu pai entrar na Igreja. Ele ia para o barracão encontrar o pessoal do jongo que vinha de todo o Estado de São Paulo e de Minas Gerais. Vinha gente de Tietê, Campinas, Piracicaba, Piquete e um pessoal do Sul de Minas também. Além do jongo, tinha também o tambú, um bumbo bem grande que os mais velhos traziam do interior.

Até hoje tem jongo no Sul de Minas. Íamos jogar no barracão, enquanto minha mãe cuidava da parte religiosa da festa. Mesmo tendo passado oitenta e poucos anos,

ainda lembro como hoje a voz da minha mãe falando: “Aonde que você vai com o menino, Zeca?” Ele dizia:

“Volto já.” O rosto já demorava (*risos*).

Passava o dia inteiro e a noite também. Era costume separar os homens e as mulheres, e tinha o pai do samba, que tocava um bumbão artesanal grande. Pra cantar, tinha que pôr a mão no bumbo e pedir a autorização do pai do samba. Só com a autorização do pai do samba podia cantar. Normalmente cantava quadrinhas que tinha um refrão e todo mundo respondia. Uma das que eu lembro era:

“Em Tietê/ Fizeram cadeia nova/ Em Tietê fizeram cadeia nova/ Mariazinha coitadinha é criminosa”.

Outra muito famosa era uma em que o pai do santo chamava bem alto: “*Oi, Pirapora... Oi, Bariri...*” E batia o bumbão, e a resposta era: “*Quem tem dinheiro vai/ Quem não tem que fique aí*”. E isso era cantado repetidas vezes. Lembro que um dos momentos mais bonitos era quando todos faziam silêncio e o pai do samba puxava bem alto: — Êaaaaa! — E todo mundo: — Êaaaaa! — Esse era o jongo. Lá nos barracões também tinha a umbigada, que era uma dança que acontecia ali.

E assim foram por muitos anos. Conheci muita gente: os grandes sambistas, os jongueiros, muitos velhos ainda do tempo do cativo. Porque isso era final da década de 1930, eu com oito anos e tinha jongueiro que tinha a idade que eu tenho hoje, quase 90 anos.

Da minha mãe herdei a paixão pelo carnaval, e do meu pai herdei esse gosto pela militância política e principalmente pela música. Meu pai tocava cavaquinho, muito samba de rádio, Aaulfo Alves, Orlando Silva, Francisco Alves, Noel Rosa e Cyro Monteiro. Quando eu era adolescente, ele me deu um cavaquinho, que foi meu primeiro instrumento; chegou a me ensinar um pouco, mas até hoje não aprendi tocar direito. Porque logo passei para a percussão e me dediquei aos instrumentos percussivos. Toco todos os instrumentos de bateria de escola de samba. Toco tarol, caixa, surdo, cuíca, ganzá, reco-reco e bumbão.

Aprendi a tocar percussão ainda com doze, treze anos, no meu tempo de engraxate na Praça da Sé. Criança aprende fácil. Eu via e comecei a acompanhar os outros meninos a fazer marcação de ritmo, a batucar diferentes sons com a caixa de engraxate e com a lata de graxa. O Germano Mathias tocava até pouco tempo atrás a lata de graxa. Ele teve um acidente que caiu de um palco e machucou o braço e não tem mais firmeza pra tocar. Ele é quase da minha idade, fica mais difícil tocar.

Nessa época eu era estudante, comecei como muitos meninos negros da época, a engraxar na Praça da Sé depois da aula. Ficava sempre no mesmo lugar e já tinha meus clientes. Pegava aquelas caixas de maçã dos armazéns e fazia aquilo de banquinho. A pessoa sentava ali, encostava na parede e punha o pé na caixa e eu já engraxava. Naquela época todo mundo usava sapato, e ainda tinha muita rua de terra, então você vinha de longe, chegava ao centro da cidade e já engraxava o sapato. Engraxei muito sapato de cromo alemão, verniz, camurça. Todo tipo.

Lá a gente pegava as caixas de engraxate e fazia muita batucada quando caía à noite. A gente engraxava até umas 6 da tarde, quando escurecia, e depois fazia batucada e jogava tiririca. Foi lá que eu conheci amigos que levei para vida inteira: Toniquinho Batuqueiro, Germano Mathias e o falecido Pato N'Água.

A turma dos engraxates era muito boa na tiririca. Tinha também o Café e o Cafezinho, dois irmãos que eram difíceis de serem derrubados. Além da Sé, a gente ia para a Praça da República. Armávamos roda de tiririca e roda de samba. Uma das quadrinhas que cantávamos durante essas rodas ficou famosa. O Blecaute pegou essas quadrinhas de tiririca e fez a música “General da Banda”. Foi um sucesso no carnaval. Era assim: “Chegou o general da banda ê, ê/Chegou o general da banda, ê á/ Mourão, mourão/Vara madura que não cai/ Mourão, mourão/Catuca por baixo que ele vai”.

Tem uma história engraçada do Pato N'Água e o Toniquinho. O Pato vendeu um terno pro Toniquinho, ele pagou umas dez vezes o terno, com medo do Pato e nunca recebeu o terno... Ele morria de medo do Pato, que sabia disso, e toda vez que ele via o Toniquinho cobrava o terno de novo, e quando o Toniquinho saía ele ria demais junto com a gente.

Um dos meus lugares preferidos para engraxar eram as gafieiras. Todos que iam para as gafieiras exibiam o sapato lustroso, sapato de duas cores, que era moda na época, branco e preto. Todo malandro queria ter um sapato de duas cores. Na minha época, quem usava tênis era criança e quem não tinha dinheiro pra comprar sapato. Era pejorativo usar tênis.

Frequentei as gafieiras, primeiro como engraxate na porta. Depois que completei 16 anos, como eu já trabalhava registrado e tinha o meu dinheiro passei a ir lá dançar. O correto era maior de 18 anos, mas como eu conhecia todo mundo eles me deixavam entrar.

Só entrava na gafieira de traje completo. Terno e gravata. Os negros gostavam de usar aquele terno de linho S120 bem engomado. E se você fosse sempre com o

mesmo terno a mulherada torcia o nariz. Sabia que o cara era bem pobre. Então tinha que variar. Um dia terno branco, outro dia azul-marinho, outro dia preto com risca de giz. Além do chapéu e sapato brilhando. Era um ritual dos homens da época. Todos os dias tinham que fazer a barba e engraxar os sapatos.

A principal gafieira que eu frequentei era o Paulistano da Glória. Mas tinham outras: o 220, o 28, Caçamba, Progressista. A maioria no centro da cidade. Na Florêncio de Abreu era o 28, que infelizmente acabou por causa de um incêndio. Também tinha uma boa gafieira no bairro da Liberdade, na Rua Conselheiro Furtado. Outro baile disputado pela comunidade negra eram os realizados no Clube 220, uma associação negra que promovia bailes. A sede era no edifício Martinelli, onde também ficava a Associação Cultural do Negro e depois funcionou a Associação das Agremiações Carnavalescas do Estado de São Paulo.

As mulheres também iam produzidas nas gafieiras. Arrumavam os cabelos, colocavam joias e vestidos bonitos. Muitas delas eram empregadas domésticas e pegavam emprestadas joias ou roupas das patroas. Algumas pegavam sem a patroa saber, aí depois elas lavavam direitinho e a patroa nunca nem desconfiava que a roupa dela frequentasse gafieira.

Teve um dia que eu vi um flagrante na saída de uma gafieira que funcionava na Alameda Olga, nos Campos Elísios. A gente saindo do baile e uma patroa com a polícia lá. Acabaram levando uma moça que estava no baile. Ela estava toda produzida, todo mundo olhando pra ela com aquele casaco finíssimo de pele. Um calor dos diabos lá dentro do baile e ela com aquele casaco de pele imponente. Era da patroa. Ela foi pra delegacia, mas não chegou a ficar presa, mas foi demitida. Nunca toquei em gafieira, ia sempre pra dançar. Não era exímio dançarino, mas me defendia bem. Não passava vergonha com as mulheres.

O Germano Mathias sempre já teve mais esse jeito de artista, de cantor. Essa vivência na Praça da Sé foi determinante para o personagem que ele construiu no palco. Ele e o Toniquinho saíam na escola de Rosas Negras lá no bairro da Liberdade, na Rua Castro Alves. Mas os dois também iam muito na Lavapés. Quando a Rosas Negras deixou de sair, o Toniquinho chegou a fazer parte da Lavapés; já o Germano nunca parou em um lugar só. É o jeito dele até hoje. Chegava aquele branquinho lá querendo ser mais malandro que os negros. Toda festa na Lavapés o Germano queria cantar. Ele compunha uns sambas de breque e sempre ia lá apresentar. Mas o pior é que ele dava conta do recado: cantava, dançava, jogava tiririca melhor que muitos negros. E logo ele

estourou, gravou disco, começou a cantar em rádios e aí ele foi se afastando um pouco das escolas. Lembro o sucesso que foi “Guarda a sandália dela”.

O Pato N'Água foi o melhor jogador de tiririca que eu vi. Ele era uns oito anos mais velho do que eu. Muito ágil, fazia vários movimentos com a perna, com a cabeça. Não vi um melhor que ele não. Ele não era de briga, mas também não recusava pra entrar em uma. Se mexesse com ele já era. Já vi o Pato batendo em dois, três. Teve uma vez, na Praça da Sé, que começou a confusão. Ele deu uma pernada no peito de um, puxou o outro, deu uma cabeçada na boca, voou dente na hora, sangue escorrendo e já emendou uma rasteira, deixando o cabra todo ensanguentado no chão. Era muito rápido.

Teve um dia que presenciei uma briga dele com outro capoeirista famoso na Praça da Sé. O cara era um negão forte, capoeirista. Não sei se ele era pai de santo, mas a gente o chamava de Pai João. A briga se deu por causa da Nena, uma mulher que eles conheceram em uma gafeira. Eles iam muito à gafeira. Os dois andavam juntos e começaram a sair com a Nena, quando um soube que o outro também saía, aí se desentenderam.

Marcaram pra brigar na Praça da Sé. Como um duelo desses que a gente vê em filme de cavaleiro. O compadre era magrinho e mais baixo enquanto o Pai João era maior e mais forte. Muita gente achou que tinha chegado o dia do Pato se dar mal. A notícia da briga correu em todas as gafeiras, rodas de engraxate, clubes, o Bixiga todo ficou sabendo. Ia ser às 6 da tarde. Já estava ficando escuro, aquele movimento de gente embarcando em bonde pra ir embora pra casa. O sino da Praça da Sé tocou e o Pai João apareceu. Aí todo mundo ficou naquela expectativa, o Pato vai vir, não vai. Alguns começaram a falar que ele tinha ficado com medo que tinha desistido. Passado uma meia hora ele chegou. Com o paletó na mão. Ele me deu o paletó para segurar.

A roda abriu. Ele entrou na roda viu o Pai João e não quis saber de conversa. Já fechou as mãos. Balançou pra lá, balançou pra cá, parecia que ia, mas não foi e subiu. Deu uma cabeçada certa no peito do Pai João, nisso ele já veio pra trás e já acertou uma pernada na cabeça dele que caiu com tudo e bateu a cabeça no chão. Dali ele não levantou. Foi um golpe só. Ele me mandou devolver o paletó, vestiu, virou as costas e foi embora. O povo foi ajudar o Pai João que, meia hora depois, ainda estava zozinho. Alguns amigos dele o sentaram na escada até ele se recuperar. Esse episódio ficou muito famoso. A notícia correu. Ninguém ousava enfrentar ele. Ele andava sempre de paletó.

Eu já tinha saído como componente na Flor do Bosque durante um ano, quando me convidaram para sair na escola de samba Lavapés. Eu tinha uns 15 para 16 anos. Permaneci por quase dez anos na escola até 1955. Quem me convidou para conhecer a Lavapés foi um amigo meu que tinha o apelido de Altão. Nunca soube o nome dele, todos nós só o conhecíamos pelo apelido. Vim para tocar tamborim na bateria da Lavapés. Os tamborins eram todos quadrados. Fazíamos de maneira artesanal. Como eu já tinha aprendido a tocar na Praça da Sé e tinha aprendido noção de conjunto na Flor do Bosque, foi fácil.

Era uma turma boa essa da bateria da Lavapés. O principal nome era o Ginésio, que foi durante muitos anos o apitador do Lavapés. Conhecia todos os instrumentos. Um dos melhores batuqueiros que já existiu no carnaval de São Paulo. Na turma da bateria da Lavapés tinha muita gente boa. Brandãozinho, Clodoaldo, Jacozinho, Valdemar Sampaio, que nós chamávamos de Boi Lambeu, Gilberto Jesuíno, conhecido como Gilbertinho, o Zé da Caixa, que era parente da Madrinha Eunice, Mário Gago, Motorzinho, Joãozinho Boa Pinta, que depois foi fundar a Unidos de Vila Maria, Valter, dentre outros.

Ainda não tinha os temas que depois se desenvolveram e viraram os enredos. O desfile era muito mais livre. Apesar de ser uma escola de samba, havia elementos de cordão, e o que mais tocava nos desfiles eram as músicas que faziam sucesso no rádio. As marchinhas e os sambas do Ataulfo Alves, Orlando Silva, Francisco Alves, Carmen e Aurora Miranda, as Irmãs Baptista, essas coisas.

Uma das coisas que eu mais gostava na Lavapés eram os piqueniques. Dia 7 de setembro sempre fazíamos piquenique pra Santos. Também tinha em novembro e no 1º de maio. Era normalmente nos feriados. Pra Santos íamos também sempre durante a festa do banho da Dorotéia. Essa cultura de Santos que hoje não tem mais. Aprendíamos muito com as escolas de lá; eles vinham também desfilando aqui, nós desfilávamos lá, comprávamos e vendíamos material, emprestavamos, eles também emprestavam pra gente, era muito bom.

Era uma das principais atividades de Santos. Era sempre uma semana antes do carnaval e atraía muita gente. A gente se encontrava com o pessoal das escolas de samba de Santos; era aquela batucada para ver o banho no mar dos fantasiados, a cerimônia do casamento da Dorotéia. Os componentes aguardavam o ano todo para essa excursão.

Em 1955, tive uma discussão com a Madrinha Eunice e infelizmente eu saí da Lavapés. Anos depois, quando eu já estava na Peruche e formamos a Federação das Escolas de Samba, nós voltamos a conversar. Eu era responsável por uma ala da escola e também fazia parte da bateria. O desentendimento foi durante o carnaval promovido pela Rádio Record na esquina da Rua Benjamin Constant com a Quintino Bocáiuva. Era um desfile patrocinado pela rádio e pela Associação dos Cronistas Carnavalescos. As escolas desfilavam, os cronistas se reuniam, deliberavam e após uma hora divulgavam o resultado. Nesse ano a Lavapés mais uma vez foi a campeã. Durante a comemoração, a Dona Eunice pediu pra gente segurar a escola de samba no Largo São Paulo. Ali na Liberdade, onde passa hoje a Radial Leste embaixo, chama-se agora Praça Almeida Júnior. Seguramos a escola com todo aquele volume de bateria comemorando o título até umas três da madrugada. O Mário Gago, que era um moleção mais vivo, viu a Dona Eunice ir embora com o Chico Pinga. Mas como ela mandou a gente segurar a escola, nós seguramos, tocávamos uma atrás da outra e aquela gente em volta. Quando deu umas quatro da manhã, o Mario Gago falou:

“A velha foi embora, mas como ela mandou a gente segurar, vamos segurar.”

Nessa hora já começava a circular os bondes, tinha já bonde subindo e descendo a Rua da Glória. Aí uns mais velhos, que estavam saindo já pra trabalhar e que tinham saído na escola, começaram a comentar:

“Não sei por que a Eunice deixa a escola nas mãos dessa molecada irresponsável.”

Ali ninguém era irresponsável. Fizemos a Lavapés campeã vários anos. Tinha também meninas que ficaram com a gente. A Vilma, a Noêmia, que também saiu da Lavapés e fundou posteriormente o bloco Vovó Bolão.

Aí nós tomamos croques, puxões de orelha. Levei um puxão de orelha que o velho pegou minha orelha e jogou uma pra frente e outra pra trás. Já tinha mais de 20 anos. E na bateria da Lavapés tratavam a gente igual moleque. Tomei puxão de orelha dos mais velhos. Doía pra caramba. Tomei croque. Passavam a mão bem rápido, raspando ela no couro cabeludo. Ardia pra caramba. Aí recolhemos a escola, instrumentos e tudo mais, mas pensei: “não vou mais sair aqui.” Aí fui falar com a velha, que disse que, se eu queria sair, nada me segurava na escola.

Recebi um convite do meu compadre Pato N’Água para sair na bateria do Vai-Vai, que era cordão naquela época. Mas eu e meus amigos já morávamos aqui na região do Peruche, e eu nunca fui tão chegado em cordão, gostava mais de escola de samba. Naquela época, era longe pra caramba ir até o centro da cidade ali na Bela Vista.

A Lavapés depois da morte da Eunice foi caindo, caindo. A Rose está lá, mas sem dinheiro não se faz nada. Ela tinha que desfilar todo ano sem participar do concurso. Como os afoxés. Ela é a avó das escolas de samba paulistanas.

Eu estava morando aqui na Zona Norte desde o início dos anos 1950. Não só eu. Mudou para a região do Parque Peruche toda uma turma que me acompanhava e que saía na Lavapés e em outras escolas. Desde os anos 1930, que a Frente Negra passou a comprar terrenos por aqui, muitos negros vieram para cá.

Eu já estava com 25 pra 26 anos, precisava comprar um terreno, construir uma casa e essa turma toda morava aqui. Porque eu vim pra cá morando de aluguel. Ninguém queria morar pra cá no Parque Peruche. Do outro lado da ponte era outra cidade, dos pobres e esquecidos. A ponte para essa região era de madeira. A infraestrutura era precária. A escola era longe, a condução era difícil. Tempo do bonde que só ia até a Praça do Centenário. Ruas de terra ainda. Ainda lembro que as casas aí na frente eram fechadas de mourão e arame farpado. E a cidade de São Paulo inteira passou a conhecer o nome do Parque Peruche depois da nossa escola de samba. Uma de nossas preocupações sempre foi ajudar a desenvolver essa região. Lutar por melhorias. Logo no começo, as pessoas perguntavam: “Essa escola é de Perus?”. E eu sempre falava: “Não, é Parque Peruche, Casa Verde Alta.”

Comecei a reunir essa turma que morava aqui e me conhecia da Lavapés. Fui falando pra um, pra outro: “Precisamos tirar uma escola de samba daqui mesmo.” Aí fomos nos organizando e já no carnaval seguinte, no dia 4 de janeiro de 1956, fundamos e saímos com a Unidos do Parque Peruche. Desde então, nunca perdi um carnaval na minha escola. O nome oficial da escola é Sociedade Esportiva Recreativa Beneficente Unidos do Parque Peruche.

Foi uma coisa bem simples e feita rapidamente. Em um mês fundamos a escola e desfilamos nosso primeiro carnaval. Claro que facilitou ter pessoas experientes. Porque eu nunca vi uma escola de samba já ser fundada com tanta gente tarimbada. Uma parte dos meus amigos que eram ritmistas na Lavapés me acompanhou e desse pessoal formou-se o primeiro núcleo da escola. Participaram da fundação da escola Gilbertinho, Boi Lambeu, Alcides, Décio, Rubão, Tilico, João Candido da Silva, o Cachimbo e o seu irmão Vicentão.

O Cachimbo é um grande artista plástico, reconhecido internacionalmente e foi nosso artesão por vários anos aqui na escola. Ele já viajou para vários países realizando exposições dos seus quadros. Foi ele quem desenhou as primeiras fantasias da Peruche,

os primeiros carros alegóricos, nos ajudou na pesquisa dos enredos. O Vicentão, irmão dele, era um grande escultor e foi casado com a Raquel Trindade, filha do poeta Solano Trindade. Foram eles, junto com alguns artistas japoneses, que iniciaram o movimento de artistas de Embu. Eles foram tão importantes para a cidade que ela passou a se chamar Embu das Artes.

Além dos homens, tivemos várias lideranças femininas desde a fundação da escola, como a Ivonete, Leni, Luizinha, Dircinha, que era irmã do Gilbertinho. As primeiras reuniões da diretoria da escola eram na minha casa e na casa da Luizinha. A Ivonete, a Alzira e a Wanda, minha esposa, que organizaram a Ala de Baianas da Peruche. A Alzira era uma senhora carioca que tinha morado no Morro da Mangueira e já tinha participado de ala de baianas. O marido dela tinha o apelido de Branco. Ele era negro no último tom, muito negro mesmo, aí a gente brincava com ele e o apelido pegou. Chegamos a ter duas alas de baianas distintas na escola. A ala “Baianas Dengosas” e a “Baianas Enjoadas”. Cada ala vinha com uma fantasia diferente. Uma coisa obrigatória era o turbante, que podia vir com fruta na cabeça ou outro tipo de adereço. Depois essa divisão desapareceu e hoje temos uma ala de baianas.

A Peruche desde sempre teve quatro cores: azul, amarelo, verde e branco, pois são as cores da bandeira do Brasil. A ideia era sempre explorar essas cores dentro do desfile. Já o símbolo da escola, o primeiro, era um símbolo bem simples de duas mãos. Depois foi criado esse símbolo atual que muitas pessoas acham que representa apenas a constelação do Cruzeiro do Sul. Foi o B. Lobo quem desenhou e fez o símbolo da escola com as cinco estrelas que representam os campeonatos conquistados pela Unidos do Peruche. As duas estrelas menores são os dois primeiros campeonatos e as três maiores o nosso tricampeonato de 1965, 1966 e 1967.

Um dos principais lugares que a gente se encontrava quando estávamos criando a escola era o Bar do Sergipe. Lá aos domingos que os times de futebol se reuniam e iam naqueles caminhões abertos para jogar nos campos de várzea. Os nossos ensaios também eram em campos de várzea da região.

Esses clubes de futebol da região, como Monte Azul, Ponte Preta do Morro e Estrela do Sul, emprestaram os seus instrumentos para o nosso primeiro desfile e muitos jogadores desses times desfilaram conosco também desde o início. Essa era uma relação muito forte, a do samba com os clubes de futebol de várzea. Muitos componentes da Peruche também eram jogadores desses times.

Eu joguei muito tempo no Monte Azul como centroavante ou de ponta-direita. Era jovem, alto e bom de cabeceio. Gostava mais de jogar centralizado, mas cruzava bem também. Fazíamos muitos jogos contra times de outros bairros. Hoje quase não tem mais campo de várzea. Por conta da especulação imobiliária, viraram tudo prédio. Na beira da Marginal do Tietê tinha muitos campos de futebol e pequenos clubes de bairro, podia contar pelo menos uns trinta.

No tempo que eu participava da Lavapés também joguei muito ali na Várzea do Glicério, perto do rio Tamanduateí. Esses times jogavam uns contra os outros quase toda semana. Quando eu era criança, a maioria das ruas nem era asfaltada, então a gente jogava na rua, time da rua de baixo contra time da rua de cima. Jogava com bola de meia improvisada. Eu gostava muito de preto contra branco. Tinha já esse desafio quando eu morava na Barra Funda e depois na Rua Manoel Dutra no Bexiga. Um time só de meninos negros e mulatos e outro de meninos brancos. Esse preto contra branco aconteceu durante muito tempo. Até adulto cheguei jogar esse jogo em campo de várzea. A gente jogava contra filho de italiano, português, espanhol e até contra judeus que moravam naquela época no Bom Retiro. Tinha bons campos ali no Bom Retiro, próximo à Marginal. No Bexiga também tinha um campo muito bom que era o Herói Brasil.

Hoje, com a quantidade de carros que passa nas ruas, mesmo em bairro é muito perigoso para as crianças brincarem na rua. Meus filhos e alguns netos mais velhos brincaram muito na rua em frente à minha casa.

Para jogar em campo, as crianças precisam hoje entrar em escolinhas que custam caro e tiram a criatividade do jogador. O menino fica mais preocupado com a posição tática dele do que com a beleza do movimento. Os mais pobres não têm nem chance de fazer peneira e jogar. Se não for um projeto social, um clube de bairro, ele não joga. Não chega assim fácil para jogar em um grande clube.

Em 1950 tive uma das maiores alegrias e também tristeza da minha vida. Assistir aos jogos da seleção brasileira na Copa de 1950 e estar no estádio no *Maracanazzo*. Fui com o Pato N'Água, que se tornou um dos meus melhores amigos, e depois foi meu compadre com o Jacozinho e o Jarbas. Eu vi as duas Copas do Mundo no Brasil e não ganhamos nenhuma. Em 1950, assisti à preparação da seleção no estádio do Pacaembu. Aí o Brasil começou e foi avançando na Copa. Eu estava com 19 para 20 anos. Na fase do quadrangular final, pegamos o trem e fomos para o Rio de Janeiro

assistir aos jogos. Vi o Brasil golear a Espanha, bater em todo mundo. O Brasil ganhou da Espanha de 6 a 1.

Na final, se o Brasil empatasse o jogo já era campeão. Muita gente já com a faixa de Brasil campeão no peito. Saímos na frente ainda. Eles empataram e no final do jogo viraram 2 a 1, gol do Ghiggia. Todo mundo fala do Ghiggia, mas para mim quem ganhou o jogo foi o capitão do Uruguai, o Obdulio Varela, nunca mais esqueci o nome dele. Ele correu o campo todo, passava, marcava dava bronca em todo mundo. Sacudia a camisa. Foi o melhor em campo. O Varela no jogo inclusive meteu a mão na cara do Barbosa e o juiz até colocou a mão pra trás. Fez o que quis aquele dia. E para sair do Maracanã? Uma briga enorme entre nós mesmos. Até hoje não sei quem começou a briga e o por quê? Falei: “Vamos esperar.” Não dava pra levantar o pé de tão cheio que estava o estádio. No final colocaram fogo em jornal, foi um Deus nos acuda.

Lá no Rio de Janeiro tive bastante contato com escola de samba. Vi vários desfiles especiais porque não era carnaval, mas por conta da Copa as escolas desfilaram. Aprendemos lá e já trouxemos coisa para o carnaval daqui. Fiquei muito entusiasmado e fui falando para o seu Chico Pinga que sempre ia para o Rio de Janeiro também e conhecia bastante o carnaval de lá.

Nos primeiros desfiles, a nossa batucada ainda estava com poucos instrumentos. Era o que nós tínhamos conseguido fabricar e os instrumentos que os clubes haviam nos emprestado. Mas aos poucos o instrumental foi crescendo até a bateria da Peruche se tornar uma das principais do carnaval de São Paulo.

No início, mesmo surgindo como escola de samba e rompendo com a tradição dos cordões, ainda mantínhamos algumas características deles. Durante nossos primeiros desfiles, tínhamos baliza e utilizávamos porta-estandarte. Todas as escolas tinham baliza, que os cordões trouxeram de banda de fanfarra, e utilizavam, na verdade, porta-estandarte. A Nenê, que é de 1949, também desfilava com porta-estandarte.

Os desfiles de escolas de samba naquela época tinham três categorias. Nós saímos na terceira categoria e já fomos campeões. Fizemos um lindo desfile na Praça da Bandeira. No ano seguinte já desfilamos na segunda categoria e em 1958 fomos campeões da segunda categoria. Aí desfilamos pela primeira vez em 1959, na primeira categoria, equivalente ao Grupo Especial de hoje. Aí desfilamos em 1957 e em 1958 no Segundo Grupo e fomos campeões. Aí a escola começou a utilizar porta-bandeira e mestre-sala. Fomos uma das primeiras em São Paulo. O primeiro casal da Peruche foi o Manezinho e a Nete.

Em 1962, faturamos nosso primeiro campeonato junto às grandes, com um tema chamado Castro Alves. E de lá pra cá sempre entre as primeiras. Mais de 60 anos rivalizando com Vai-Vai, Mocidade Alegre, Lavapés, Camisa Verde e Branco e Nenê de Vila Matilde. O Nenê também sabia fazer carnaval. Lá na Vila Matilde era um quilombo também.

Mas tinha suas dificuldades. No início não tínhamos nada. Ensaivamos na rua e fazíamos bailes e batucadas para arrecadar dinheiro pra comprar instrumentos e tecido para fabricarmos as fantasias. Isso em setembro, outubro de 1955. Compramos o tecido mais vagabundo que tinha na época, que era o lamê. Os rapazes e moças da escola iam até a São João com taça pedindo dinheiro, passávamos o livro de ouro contando com a boa vontade do público, dos comerciantes e amigos. Foi assim por muitos anos.

Na época, cansei de escutar de gente falando: “Não põe dinheiro aí não, esses caras vão comprar tudo em bebida, essa negrada vai beber cachaça.” Se fosse hoje, falavam que a gente ia comprar droga. Mas estamos aí há mais de 60 anos com a escola. Nunca tirei um tostão da escola, ao contrário, só coloquei dinheiro meu a vida toda.

Nós ensaiávamos na rua. Os ensaios na rua traziam muitos problemas. Por volta de 1958, na semana anterior ao carnaval, estávamos fazendo um ensaio geral, espécie de ensaio técnico na Praça do Centenário na Casa Verde. Era um sábado e estávamos, além do ensaio, organizando os últimos preparativos para a excursão que a gente ia fazer no domingo para Santos para participar do Banho da Dorotéia.

A polícia chegou e queria levar todo mundo da escola preso. A gente teve que negociar para não levar as mulheres. Mas os homens, inclusive menores, foram todos detidos. Mais de cem pessoas. E aí perdemos a excursão. Todo mundo com passagem comprada. Eu fui com advogado e só conseguimos tirar as pessoas aos poucos. Alguns saíram na terça, como o Reinaldo, que a gente o chamava de Procópio. Ele saiu e me ajudou a tirar os outros membros. Alguns que já tinham alguma passagem ou algum problema anterior com a polícia só foram liberados na sexta-feira.

O Adoniran Barbosa chegou a morar na Casa Verde e ele cita a gente na música “No Morro da Casa Verde”. Tem uma passagem da música que diz: “Lá embaixo meus colegas de maloca quando começa a sambar não para mais”. Eram os sambas que a Peruche fazia. Nós somos os colegas de maloca. O Laércio é citado na música e saía na escola de samba Unidos da Casa Verde. Era uma escola que desfilou pouco tempo e parou, aí ele depois veio sair com a gente na Peruche. Da Unidos da Casa Verde vieram o Laércio, Rubão, Zé da Mata, Zé Preto, todos grandes ritmistas que passaram pra

bateria da Peruche. O Zé da Mata tocava ganzá e o Zé Preto surdo. A nossa bateria, modéstia à parte, é uma das melhores de São Paulo, e montamos desde o início um instrumental completo. Fui o primeiro diretor de bateria da escola. Tinha bumbo, bumbão, surdo de 1ª, 2ª e 3ª, contra surdo, caixa, caixa de guerra, tarol, repinique, tamborim, reco-reco, ganzá, chocalho, frigideira, cuíca e pandeiro. Hoje tem escola que não tem tudo isso. Frigideira ninguém mais usa. Os tamborins, todos nós que fazíamos. A gente usava pra fazer o tamborim, o couro da caixa quando furava. Fazíamos quase todos os instrumentos. Íamos comprar couro em curtume. Tudo era reaproveitado. Tinha um curtume na Lapa, outro nas Juntas Provisórias, perto da rodovia Anchieta. Só depois que veio o Miguel da Contemporânea ali na General Osório.

As duas escolas de samba do Rio de Janeiro que eu frequentei foram a Salgueiro e a Mocidade Independente de Padre Miguel, que era a escola do B. Lobo. Através dele conheci todo mundo da Padre Miguel. Eu até fui convidado pelo Mestre André para sair na bateria da Padre Miguel, porque sou ritmista. Conversei muito com Mestre André. Era uma referência para mim, em termos de bateria. Com ele aprendi muita coisa. Eu que trouxe o repinique para São Paulo. Coloquei na bateria da Peruche, que foi a primeira escola de São Paulo a usar o repinique. Passei a batida para o Bonga, que era nosso mestre de bateria, e para o Sabiá, que era um grande ritmista da bateria da Peruche e passou a comandar o naipe de repiniques.

Quando eu deixei de ser mestre de bateria, passei a bateria pro Jura, o Jurandir, falecido. Depois do Jurandir entrou o Gilberto Bonga, que carregou a bateria da Peruche muitos anos. Aí de lá para cá passaram muitos diretores de bateria. Cada um com seu estilo. Formamos muitos ritmistas. Os principais mestres de bateria do carnaval de São Paulo passaram pela Peruche: o Divino, o falecido Lagrila, que era daqui do Parque Peruche e foi formado aqui como ritmista. Muitos anos depois, ele foi mestre de bateria na Nenê de Vila Matilde e no Camisa Verde e Branco.

Os primeiros sambas da Peruche foram meus. São Paulo e Caxias. Fiz o enredo e depois o samba. E também fundei a ala de compositores da Peruche. Mas no início do ano de 1969, como eu era presidente da escola, parei de disputar samba-enredo. Os outros compositores começaram a se incomodar com o presidente da escola disputando samba-enredo. Eu sempre achei normal. Tinha samba meu bom que ganhava, mas também teve vezes que eu perdi e reconheci que o samba vencedor era melhor.

Marcaram uma reunião extraordinária da ala de compositores e eu compareci

como presidente da escola. O presidente da ala de compositores era o Benedito Lobo (B. Lobo). Eles não quiseram adiantar o assunto. Aí eu perguntei, quando cheguei:

“Qual era a pauta do dia?” O B. Lobo falou:

“A pauta do dia é você, Carlão.”

“Eu? Por que eu?”

“É que você ganhou o samba-enredo. Só que os jurados votaram em você porque você é o presidente.”

“Mas eu influenciei? Já perdi samba aqui também e nunca falei nada. Ganhei esse samba de exaltação a São Paulo, mas posso perder ano que vem. Vocês estão é com medo de competir comigo. Mas se vocês estão falando isso, enquanto eu for presidente, não vou mais escrever samba-enredo, não. Temos os melhores compositores aqui.”

E tinha mesmo. Cobrinha, Jurandir, B. Lobo e o meu velho parceiro Toniquinho Batuqueiro. A Peruche foi a primeira escola que ele fez parte da ala de compositores. E depois veio Geraldo Filme. Esse time fez história no carnaval de São Paulo.

Aí, após parar de compor sambas-enredos, passei pra linha de partido-alto e compor samba de exaltação à minha escola. Naquela época, pra entrar na ala de compositores, tinha que escrever samba de exaltação à escola. Esse era o rito. Tanto que o B. Lobo, o Geraldo Filme e eu temos sambas de exaltação à Unidos do Peruche que são tocados até hoje na quadra. O Geraldo Filme foi muito importante para a história da Unidos do Peruche. A maioria dos nossos títulos foi conquistada com sambas dele. Eu o conhecia desde criança na Barra Funda. Mas ele chegou na Peruche em 1960, 1961, vindo do Paulistano da Glória, que tinha parado de desfilar. O Paulistano da Glória, no início, era mais parecido com um rancho, com muitos instrumentos de sopro, clarins, trombone e corneta. Anos depois, na década de 1970, ele reativou o Paulistano da Glória como escola. E ele chegou para integrar nossa ala de compositores. Ele e o parceiro dele B. Lobo, que tinha vindo do Rio de Janeiro. Essa dupla era difícil de bater.

Em 1965 fomos campeões. Nosso enredo foi uma homenagem ao Oswaldo Cruz e ao quarto centenário da cidade do Rio de Janeiro. O aniversário do Rio de Janeiro é 1º de março. Aí fomos convidados para representar São Paulo nas festividades oficiais do quarto centenário da cidade. A Peruche foi a primeira escola de São Paulo a ser convidada a desfilar no Rio de Janeiro. Estiveram no Terreiro do Caqui o governador Adhemar de Barros e seu secretário de cultura, para dizer que iriam apoiar a ida da escola para o Rio de Janeiro.

O samba foi composto pelo B. Lobo, e era assim:

“Rio de Janeiro, gloriosa cidade de São Sebastião/Rincão alvissareiro/Terra de grande tradição/Sua natureza é de Copacabana a ilha de Paquetá/Tem tantas belezas que outras terras não há/Quarto Centenário, 400 anos de esplendores/Eis aqui nossa homenagem/A um de seus maiores benfeitores/Salve o herói nacional que saneou/A capital federal em 1904/Na democracia menina foi que surgiu/O precursor da Medicina/Vencendo acusações e preconceitos/O nobre cientista conseguiu/Higienizar o coração do Brasil/ São Paulo suas glórias vem cantar/Oswaldo Cruz/Seu nome na história ficará/Ficará...”

O governo da Guanabara nos prometeu que iria fretar ônibus da empresa Expresso Brasileiro. Mas a empresa não disponibilizou os ônibus. Falaram que era porque o Estado devia um dinheirão para eles. Ficou aquele empurra-empurra, o governador de São Paulo falando que quem tinha que pagar era o Rio de Janeiro, que falou que São Paulo que deveria pagar, porque a nossa escola era daqui. E no final não tivemos ônibus nenhum.

Ficou acordado inicialmente que ficaríamos hospedados no ginásio do Maracanãzinho. Ali até tinha vestiários, banheiro, colocavam aquele monte de colchão do exército no chão para as pessoas dormirem. Mas com a ausência dos ônibus toda nossa organização ficou desestruturada. Quem iria nos levar do ginásio para o desfile? As caixas com as fantasias, como iríamos transportar? Eram quase 1000 fantasias com todo mundo vestido de marinheiro. Os instrumentos? Íamos levar 1000 componentes. Tínhamos 240 ritmistas, formando duas baterias com 120 pessoas, todos com instrumento.

A expectativa era grande e até criamos um instrumento original que queríamos apresentar lá no Rio de Janeiro. Era um chocalho de vara grande, cheio de pedrinha dentro. Parecia um tridente. Eram dez chocalhos de vara que faziam três marcações rítmicas diferentes, dando a cadência do samba. Mas infelizmente não deu certo. A solução foi levar a escola para lugares mais perto. Para que os componentes que tinham ensaiado, costurado fantasia nova após o término do carnaval nós fizemos como se fosse um desfile das campeãs aqui em São Paulo, na Avenida Brasil. Quem organizou foi o Teixeira, jornalista que escrevia nos Diários Associados. E depois ainda desfilamos em Mogi das Cruzes e em Piracicaba, com esse desfile do quarto centenário.

Mas hoje eu vendo, penso que pode ter sido o racismo do dono da empresa, que não queria transportar pessoas de escola de samba. Porque o governador tinha nos dito que iria ajudar. O governador até sugeriu irmos de trem, mas a dinâmica toda ficou

muito mais difícil. Eram 12 horas de viagem de trem na época. Com muitas senhoras e crianças não dava. O primeiro problema já era levar mais de 1000 pessoas da quadra no Caqui até a Estação da Luz. Ia precisar de dois trens para levar todo mundo. E depois a mesma coisa na volta.

Foi uma frustração, mas não dava. Sempre procurei tomar minhas decisões com responsabilidade. E se tivesse acontecido alguma coisa? Aí só em 1985 que tivemos a Nenê de Vila Matilde como a primeira escola de São Paulo a desfilar no Rio de Janeiro. Alguns até viraram a cara para mim, como se a culpa do fracasso da viagem fosse minha, porque a maioria nunca tinha ido até o Rio de Janeiro, todos queriam ir para essa viagem.

A Zona Norte virou o reduto das escolas de samba. Não é porque eu estou aqui. Mas olha a quantidade de escolas de samba que temos aqui. A primeira escola de samba a surgir aqui na Zona Norte foi o Ritmos do Morro, fundada pelo meu compadre Preguinho. Isso na década de 1940, e depois parou de sair. Alguns componentes dessa escola Ritmos do Morro também saíam comigo na Lavapés, como o Gilbertinho, Ismênio e o Rubão. Depois dispersaram. Alguns foram para a escola de samba Rosas Negras ali na Rua Castro Alves, entre a Liberdade e o Paraíso. Nessa época eu ia sempre na Rosas Negras, pois o Toniquinho Batuqueiro e o Germano Mathias, que eram meus amigos desde a época de engraxate, estavam na Rosas Negras.

Tinha outra escola ali perto que chamava Garotos do Paraíso. Aí quando fundei a Unidos do Peruche consegui agrupar novamente esse pessoal, que eu conhecia há pelo menos 10 anos. Por isso te digo que a Peruche já nasceu grande. Já tinha muita gente tarimbada com experiência em outras agremiações. Por esse motivo que rapidamente chegamos a ser uma das principais escolas de São Paulo. Todo mundo tarimbado. Diretores de Harmonia sabiam o que fazer. Aderecistas, costureiras e bons ritmistas. Saímos e no primeiro ano já fomos campeões da Terceira Categoria; muitas escolas ficaram anos e não subiram pra Segunda.

Modéstia à parte, a Peruche foi a primeira a ter um local próprio de ensaio, uma espécie de quadra. Era o famoso Terreiro do Caqui. Os perucheanos mais antigos conheceram e os mais jovens com certeza ouviram falar. O Caqui era um italiano, Palmo Bressiani. Ele era ferreiro, ferrava cavalo. Para você ver que naquela época muita gente aqui ainda andava a cavalo. Ele tinha um terreno, uma chácara, e cedeu para gente ensaiar. Quem pediu foi um diretor nosso de apelido Nego, que era muito amigo dele. O próprio Caqui tomou gosto pela escola e tornou-se depois diretor da Unidos do Peruche.

Tinha uma preparação para utilizar o terreno. Durante o dia a gente limpava estrume de cavalo, porque ele criava muitos animais na chácara. Tinha galinha, pato, ganso. E à noite fazia o ensaio. Puxamos um bico de luz e num barracão aberto fazia o ensaio. Com o passar dos anos, muita gente foi ali. Com o tempo a gente foi organizando. Cimentamos o chão, colocamos umas mesinhas pras pessoas sentarem.

Quem nos visitou ali no Terreiro do Caqui, o doutor Adhemar de Barros, ali também foi o Allan Fisher, cônsul norte-americano, quem levou ele foi o Jorge Ben, que na época sempre a gente contratava ele pra tocar na Peruche. Fizemos várias apresentações com o Germano Mathias. Toda vez que ele tocava na Peruche era tanta gente que as pessoas até se revezavam. Fazia uma primeira parte de show e depois outra.

Até porque na área não tinha nada. Não tinha nenhum outro espaço de lazer, de diversão para as pessoas. O pessoal descia da Zona Norte toda, do Cachoeirinha. Ia a pé, de ônibus. De sábado pra domingo ia à noite toda, o couro comia. Dia de semana e domingo, parávamos umas dez, onze horas, porque no outro dia todo mundo tinha que trabalhar. Ensaivava quinta, sábado e domingo. Quando chegava perto do carnaval, ensaiava mais. Ficamos no terreno até o ano de 1969.

Quem sempre ia ao terreiro era o Juarez da Cruz e o os irmãos dele, o Salvador e o Carlos, que fundaram a Mocidade Alegre, e tinham um bloco de carnaval chamado Pegue e Pague. Eles trabalhavam em um supermercado na Vila Mariana com o nome de Pegue e Pague. Daí surgiu o nome. Eles começaram a sair com esse bloco no bairro da Vila Mariana depois foi saindo em diversos lugares. No Bom Retiro, em Perdizes, até que vieram para a Zona Norte e virou escola de samba, sendo essa potência que existe até hoje.

O Bonga, nosso mestre de bateria, sempre os recebeu muito bem. Eles depois formaram a Mocidade Alegre. E cresceram aqui na área. Mas nunca tivemos rivalidade. Sempre fui bem recebido na Mocidade e a diretoria da Mocidade sempre foi bem recebida no Peruche.

Do Terreiro do Caqui mudamos pra uma área de 2000 metros quadros no Morro do Chapéu. Na antiga Rua Adelaide. Essa rua depois mudou de nome. A quadra tinha cinquenta de frente por quarenta de fundo. Foi nesse terreno que houve a invasão do Peruche pela polícia em 1972. Depois desse incidente, saímos do terreno da rua Adelaide. Acabamos perdendo o terreno por problemas de falta de pagamento. E com tudo isso que aconteceu, o local ficou um pouco marcado. As pessoas pararam um

pouco de frequentar o nosso espaço por medo. Nossas festas diminuíram muito de tamanho, alguns componentes que nos ajudavam todos os meses pararam de ajudar. Isso nos atrapalhou muito.

Aí voltamos pra rua. A escola passou a ensaiar em campo de futebol e realizar ensaios na Rua Zilda. Mas nos esforçamos e conseguimos ir para uma quadra alugada na Rua Epaminondas Melo do Amaral. Ensaíamos nesse local por alguns anos nos anos 1970. O último endereço antes da quadra atual foi na Avenida Engenheiro Caetano Álvares, ali em frente onde hoje é o terminal de ônibus.

A quadra atual foi a última grande realização que fiz como presidente da Peruche. Em agosto de 1980, conseguimos comprar o terreno da atual quadra na Avenida Ordem e Progresso, 1061. Conseguimos com o apoio da comunidade e o prefeito Reynaldo de Barros nos ajudou a regularizar o terreno e conseguir a autorização de funcionamento da Prefeitura. Ele compareceu na inauguração da quadra. Fui até criticado porque a escola foi, na verdade, para o Bairro do Limão. Mas é um terreno grande, de fácil acesso, tem estacionamento e condução fácil. Nós até procuramos, mas não achamos no Parque Peruche um terreno bom como aquele, tão bem localizado.

Na época pagamos a prestação com o aluguel que a gente tinha de uma churrascaria na lateral do terreno chamada Churrascaria Peruchão. Quem alugou foi um comerciante, apelidado de Grego. Ele tinha um barzinho em um campo de futebol, o Operário da Vila Maria, e montou a churrascaria que funcionou ali por quase uma década.

A gente vinha tentando, desde o início dos anos 1960, reuniões, apoio e acordos com a Prefeitura. Construimos uma primeira organização. A Federação das Escolas de Samba e Cordões Carnavalescos do Estado de São Paulo, com o intuito de unir os sambistas para construirmos uma festa melhor. A Federação buscava ajudar as novas escolas a construírem seus desfiles e fazer algo sério e organizado.

Essa primeira entidade passou por momentos de altos e baixos. O Moraes Sarmiento era o presidente. Nessa época ele tinha um programa musical de samba na Rádio Bandeirantes, que ficava ali na Rua Paula Souza. Colocar um homem de mídia como presidente foi uma estratégia usada por nós, sambistas, para que a gente tivesse um trânsito maior com o poder público. Uma coisa era chegar o Carlão do Peruche para pedir uma audiência com o Prefeito: demorava meses ou davam alguma desculpa e quem recebia era qualquer funcionário; outra coisa era chegar um dos maiores radialistas da cidade.

Na Federação eu era o primeiro tesoureiro, o Nenê da Vila Matilde o segundo tesoureiro e o Evaristo de Carvalho era o secretário. Na prática, éramos nós três quem tocava o dia a dia da Federação. Ela foi reativada nesse momento da oficialização, em 1968, e depois deixou de existir e foi fundada a UESP (União das Escolas de Samba Paulistas). Antes tinha que ter cordões carnavalescos no nome porque Vai-Vai e Camisa eram cordões. Foi em 1972 que as duas vivaram escolas de samba.

Nós tínhamos realizado em 1966 e em 1967 dois simpósios importantes reunindo escolas de samba de todo Estado de São Paulo e depois chegamos a participar de dois ocorridos no Rio de Janeiro, um na cidade do Rio e outro já em 1975 na cidade de Campos dos Goytacazes, interior do Estado. Os dois primeiros simpósios foram em Santos, a partir do dia 02 de dezembro, data do Dia Nacional do Samba. Foi idealizado pelo Jota Muniz, que é um grande jornalista e pesquisador do samba paulista e também foi mestre-sala na Brasil de Santos.

Foram nesses simpósios, principalmente os três primeiros, que estabelecemos as regras que deram a formatação definitiva das escolas de samba de São Paulo. Nesses congressos foram defendidas algumas teses sobre quais eram os elementos que eram imprescindíveis para uma escola de samba, tudo aquilo que não poderia faltar. Aí foram votadas as teses e definidas normas e regulamentos para os desfiles.

A partir dos simpósios, ficou determinado que todas as escolas de samba teriam três elementos obrigatórios: ala de baianas, comissão de frente e casal de mestre-sala e porta-bandeira. Para não confundir com cordões carnavalescos, congada e outras manifestações culturais. Não era mais permitido utilizar instrumentos de sopro. Muitas escolas usavam instrumento de sopro, sobretudo metais, parecendo um rancho. Tomamos como base o instrumental das escolas de samba do Rio de Janeiro, mas respeitando a batida e os instrumentos percussivos que já eram utilizados aqui pelas escolas, que sempre tiveram uma influência e uma batida do jongo e do samba rural.

A intenção era separar bem quais eram os elementos dos cordões e quais eram os elementos das escolas de samba, porque ainda havia uma confusão com muitas escolas que tinham o nome, mas traziam várias características dos cordões. Nunca quis que os cordões acabassem. Ele era nossa primeira tradição de carnaval.

Os principais cordões, que eram o Vai-Vai, Som de Cristal, Camisa Verde e Branco, Fio de Ouro e o Pavilhão Paulista, não participaram desses debates, pois eles eram justamente para regras para as escolas de samba. Aí os concursos de escolas de samba começaram a ficar cada vez maiores e atraindo mais público, e os cordões com

aquela batida mais próxima do jongo, de samba-rural, não era bem samba, eram o que chamavam de *marcha-sambada*. Era bem mais pesado. Tinha aquela presença forte de bumbo. Sendo bem que, no final dos cordões, eles já estavam se adaptando mais ao ritmo do samba das escolas. O Vai-Vai tem ainda um pouco dessa batida até hoje. O Tadeu, que é o mestre de bateria do Vai-Vai, foi da época do cordão. Ele aprendeu com o Feijoada, que aprendeu com o Pato N'Água. O Vai-Vai é a única escola que mantém há quase 50 anos o mesmo mestre de bateria. E isso é fundamental para a identidade da escola.

Quem participou ativamente daqui de São Paulo, além de mim, foram o Nenê da Vila Matilde, a Madrinha Eunice e o Chico Pinga, o Mala, da Tatuapé, o Pé Rachado, o Juarez da Cruz, o Inocência Mulata e o Xangô da Vila Maria. Nós definimos, a partir das reuniões nos simpósios, das reuniões que tínhamos na Federação, que precisávamos também de uma maior aproximação com o poder público. A gente fazia carnaval em São Paulo apesar do poder público, pois a atuação principalmente da polícia era sempre conflituosa. Saía carnaval graças aos negros de São Paulo e também devido ao apoio que nós tínhamos das rádios e da Associação dos Cronistas Carnavalescos. O que nós queríamos era maior respeito pela nossa cultura.

A prefeitura funcionava no Ibirapuera. No Pavilhão Padre Manuel da Nóbrega. Hoje funciona lá o Museu Afro-Brasil. Já participei de atividades lá no museu. Tem uma foto minha lá exposta. Agendamos muitas vezes, perdíamos dia de trabalho para ir até lá e só ouvir comentários negativos. Aqueles funcionários tudo engravatado olhando torto. Essa negrada é de escola de samba. Já cheguei a ter horário agendado com o Prefeito, ficar horas e horas esperando, perder dia de trabalho para ir a reunião e daqui a pouco vinha uma secretária dizendo:

— Chegou uma delegação não sei de onde, o Prefeito não pode receber vocês hoje, agenda outro dia.

Volta daqui um mês, dois meses e nada de termos uma posição. Sempre mandavam algum secretário do secretário que ouvia o que tínhamos a dizer e nunca tínhamos resposta.

Ninguém gosta da ditadura e eu não gosto de ditadura. Tenho uma costela quebrada pela polícia na ditadura. E foi graças à nossa luta e nossa persistência que, mesmo sendo um período difícil de Ditadura Militar, conseguimos a oficialização e o samba de São Paulo passou a ser mais respeitado. Em 1968, o saudoso prefeito Faria Lima oficializou o carnaval de São Paulo.

O Inocêncio Tobias, o Mulata, do cordão Camisa Verde e Branco, era amigo do jornalista Moraes Sarmiento, que se prontificou em nos ajudar. Era uma estratégia trazer alguém da mídia para mostrar que tínhamos credibilidade e não estávamos lá para brincadeiras. Ele aceitou e foi participar das reuniões com o Faria Lima junto com os sambistas.

No dia agendado, chegamos bem antes e ficamos esperando em uma sala. Quando chegou no horário marcado, veio imediatamente uma secretária muito educada dizendo:

— Os senhores que são os responsáveis pelas escolas de samba em São Paulo? Vou levá-los até à sala do prefeito. Aí o prefeito nos recebeu. Só o fato de o prefeito nos receber no horário já era sinal de que alguma coisa estava mudando. Estava o prefeito, o secretariado sentado naquela mesa grande, naquele prédio bonito do Ibirapuera. Ele mandou a gente sentar, escutou o nosso projeto, fez umas anotações e só fez uma pergunta:

— Quanto vai custar o carnaval pra gente aqui em São Paulo?

A gente não tinha levado nada, não tinha nada planejado. Nós tínhamos uma ideia, mas não dava para chutar qualquer valor. O Faria Lima falou:

— Precisamos de algumas informações primordiais para a Prefeitura executar isso. Em que lugar vocês pretendem fazer o carnaval? Quanto custa e como será a decoração? De quantos ônibus vocês precisam? Como será a segurança? Com quantas horas de antecedência é necessário fazer o fechamento de trânsito nas ruas próximas?

A gente não tinha nada. Ele nos deu uma semana. Daqui uma semana vocês voltam com tudo planejado. Voltamos na semana seguinte. O Moraes Sarmiento levou algumas planilhas de custos e ele tinha nos orientado pedir uma importância em dinheiro para o prefeito, como se fosse um cachê para cada escola poder realizar um desfile com melhor qualidade, como era já no Rio de Janeiro. Cada escola que iria desfilar recebia um adiantamento para compra de material. Nós ficamos meio ressabiados em pedir. Até falei pro Sarmiento:

— Ele vai nos dar condução, mais isso e aquilo. Pedir dinheiro ainda? Ele não vai dar.

— O Sarmiento disse:

— O prefeito só pode falar duas coisas, sim ou não. Se vocês não pedirem, não têm como saber se iriam ganhar ou não. Vou colocar um valor aqui para cada escola na planilha com os custos.

Aí o Sarmiento entregou essa planilha pra ele. E nosso povo meio ressabiado. Pedimos dinheiro, transporte pra levar e trazer... Não sabíamos se o Faria Lima ia aceitar. A gente pensava: “o que o Faria Lima vai pensar? Que povo folgado, não tinha nada e agora fica exigindo até dinheiro”. Aí ele, leu, leu. Falou para o secretário dele:

— É isso que vai custar. Temos o dinheiro. Vamos fazer carnaval em São Paulo.

Não tirou nada! Foi aquela alegria pra gente. Esse dinheiro ajudava a comprar tecido. A gente dava o tecido e as pessoas faziam as fantasias. O dinheiro não dava pra todo mundo. Muitas vezes a gente não conseguia aumentar o número de componentes por falta de dinheiro para comprar tecido.

A gente desfilava com umas 400 pessoas. O Camisa Verde e Branco já saía com mais de 500 pessoas antes da oficialização. Mas aquilo engrossava muito porque era carnaval de corda, as pessoas entravam, brincavam junto e no final do desfile todo mundo se misturava e sambava junto. Não era igual hoje que você fica sentado na arquibancada só assistindo uma escola passando atrás da outra.

No final da reunião, pra quebrar o clima, ele falou:

“Adoro carnaval, eu saio na Mangueira.”

O Mala estava sentado do meu lado, eu falei em off, bem baixinho pra ele:

“Esse Brigadeiro rico sai na Mangueira porra nenhuma. Esses políticos aí só querem voto e contar vantagem.”

E ele lá na outra ponta da mesa me olhando. Foi a maior vergonha que eu passei no mundo do samba. Isso eu não esqueço. Na outra semana, quando o Faria Lima aceitou nossas reivindicações, foi aquela alegria. Ele, no final, cumprimentou todo mundo e veio daquela ponta da mesa, e quando ele chegou perto de mim, ele pôs a mão no bolso e tirou a carteirinha dele. E falou:

“Eu não disse que saía na Mangueira! Você acha que eu sou mentiroso?”

E colocou a carteirinha na minha cara. Eu só vi a foto dele e o número trezentos e alguma coisa. Todo mundo ficou assustado e só o Mala dava risada. Porque ele sabia o que eu tinha dito na reunião da outra semana. Mas só ele. Falei baixinho. O Brigadeiro deve ter lido meus lábios. Ele lia lábios. Ou tinha escuta gravando tudo na sala. Uma coisa ou outra. Foi a maior vergonha que passei no mundo do samba.

A partir daí começaram a nos chamar de cardeais do samba. Os cardeais são esses líderes que participaram do processo de oficialização do carnaval. Quem era, no início, cardeal era a Madrinha Eunice. O Juarez da Cruz, ainda na época que ele frequentava a Lavapés, que apelidou ela de cardeal, por ser a liderança mais antiga e

comandar tudo com mão de ferro. Aí alguém escutou daí dentro do mundo do samba e depois a imprensa começou a nos chamar de cardeais. São seis os cardeais: a Dona Eunice, a mais antiga, Pé Rachado, Mulata (Inocência Tobias), Nenê da Vila Matilde, o Xangô da Vila Maria e eu, e também tenho que incluir também o Mala, da Acadêmicos do Tatuapé e o Juarez da Cruz da Mocidade Alegre, que foram importantes durante a oficialização do carnaval de São Paulo.

Escolhemos desfilar na Avenida São João. Pela tradição, já tínhamos alguns bons desfiles lá e tinha bastante espaço. Concentrávamos entre a Praça Duque de Caxias e a Praça Marechal Deodoro e descia até o Anhangabaú. No vale era a dispersão. Aquele povão todo acompanhando, era o tempo da corda. Tinha só uma corda separando o povo da escola que passava. Gente sentada na guia, senhoras iam com sacolas, lanches para as crianças. Era uma festa muito bonita. Simples, não tem nada a ver com hoje, mas era muito lindo. Tinha um palanque no Paiçandu, onde ficavam as autoridades, jurados, transmissão de rádio e convidados. Quando chegava a dispersão todo mundo se misturava.

Os carros alegóricos eram todos artesanais, mas mesmo assim era caro construir. A gente não tinha nem barracão. Por isso que eu digo pra todo mundo: o carnaval de São Paulo passou a ser respeitado a partir de 1968. Lavapés é de 1937, Vai-Vai é 1930 e Vila Maria é de 1954.

Eu, como sou ferramenteiro, trabalhava na montagem e soldagem dos carros. O Geraldo Filme e o B. Lobo ficavam até uma semana inteira no barracão nas vésperas do carnaval. Muitas vezes tirei férias do trabalho entre janeiro e fevereiro, só pra ficar no último mês antes do carnaval dedicado integralmente à escola e finalizar tudo. Tinha carpinteiro, pintor, todo mundo voluntário.

Mesmo quando a gente estava no carnaval pós-oficialização, a gente não pode esquecer que tinha ditadura. O pior episódio que eu vivi no mundo do samba foi a invasão da quadra da Peruche em 1972.

Muitos anos depois que eu tive a certeza de que foi por questões políticas que ocorreu a invasão. A ordem veio do DOPS. Na época, e até hoje, existem muitas versões. Até hoje, se você perguntar aos veteranos da Peruche, é capaz de você ouvir várias versões diferentes. Eu mesmo só sei como tudo começou pelos relatos dos meus filhos. Eu estava no Pacaembu participando de um evento que fazia parte do calendário do carnaval da cidade, quando um diretor nosso chegou desesperado e falando:

“Carlão, os homens entraram na quadra e quebraram tudo.”

Aí nós retornamos imediatamente para a quadra. Estava comigo, além de alguns membros da diretoria da escola, o Renato Correa Castro. Ele era conhecido como Renatão, trabalhava na TV e na Rádio Globo e estava nos ajudando a formar o que seria a UESP (União das Escolas de Samba Paulistanas). Inclusive ele foi o primeiro presidente da UESP.

Quando chegamos na quadra, estava tudo destruído. Atiraram nas nossas caixas de som, nos nossos instrumentos. Todos os instrumentos de percussão estavam furados de tiro. Metralharam as paredes, destruíram o nosso bar. O bar era uma importante renda para a escola.

Isso faltando um mês e alguns dias para o Carnaval. Era pra gente não ir pra avenida. Foi um Deus nos acuda. Bateram na minha finada mulher, nos meus filhos, que eram jovens, em um monte de gente da escola. Tinha uns espanhóis na escola na hora, ligados ao consulado, tiveram que correr. Eles estavam vendo alguma parceria para nos ajudar, mas, depois disso, nunca mais pisaram na quadra, nem quiseram relação com escola de samba.

Estava àquela confusão, a gente recolhendo o que tinha quebrado quando a polícia voltou pela segunda vez. Isso era umas duas horas da manhã. E chegaram novamente com toda ignorância e violência. Não deu tempo de fazer nada, nem de ir dialogar. Já jogaram bomba de efeito moral, atiravam acima da altura da cabeça das pessoas. Lembro que um deles mirava a arma em mim e disse:

“ Corre, negro!”

Deram uma pancada com o cassete tão forte que quebrou na hora minha costela. Carrego essa marca até hoje. Fiquei com uma deformação aqui. É só colocar a mão que na hora dá pra sentir. Fiquei durante várias semanas com dificuldade na respiração. Aí nos apavoraram novamente para que fechássemos a quadra imediatamente e foram embora. Aí fomos obrigados a fechar a quadra. Aí eu fui procurar uma delegacia para registrar o que tinha ocorrido. Mas também não permitiram que a gente registrasse a ocorrência. Fomos na 13ª Delegacia, que era a mais próxima, falaram que não iam registrar, que deveria ser na 40ª. Fomos na 40ª Delegacia, ali no Imirim, e a delegacia praticamente fechada. Não tinha delegado, não tinha ninguém lá para não fazer a ocorrência. Tudo planejado.

No dia seguinte só que consegui registrar um boletim e me mandaram ir até o IML fazer exame de corpo de delito junto com outros membros da escola. Fiz questão de registrar um processo na justiça por abuso de autoridade. Mas não conseguimos

muita coisa. O delegado trouxe várias fotografias e também fiz um reconhecimento presencial. Mas só consegui reconhecer apenas um deles. No meio da confusão, esse policial me marcou. Ele estava batendo no Alfredão, um componente nosso e caiu o quepe. E eu vi que ele era careca. Na hora que bati o olho nele eu o reconheci. O delegado ainda me ameaçou. Presta muita atenção para não acusar um inocente. Eu confirmei que era ele. Mas como era período da ditadura, no final o processo não resultou em nada.

A notícia que correu na época e que seria o motivo da invasão foi que alguns dos frequentadores da quadra mexeram com a mulher de um capitão da PM que morava na rua do nosso terreno. Um capitão chamado Pasteur. Mas a própria esposa do militar declarou no rádio, no programa do Jacinto Figueira Júnior, o “homem do sapato branco”, que ela não morava por ali e que ninguém mexeu com ela na quadra. O Figueira Júnior fazia um programa policial sensacionalista desses que têm até hoje e ele fez uma reportagem no dia seguinte sobre a invasão da quadra. Mas claro que no programa ele ficava do lado da polícia.

A mulher do capitão era bem mais nova do que ele, tinha idade para ser filha dele. Ela ia ao Peruche com minissaia, bem na moda, mas nunca ninguém mexeu com ela. Já sabiam que o marido era militar, envolvido com coisas erradas, quem ia ser louco de falar gracinha pra ela. Esse tal de Pasteur depois foi promovido a major e anos depois foi até preso no Romão Gomes pela própria PM por envolvimento em crimes.

Muito depois que eu fui atinar que o motivo da invasão foi por questões políticas. A ditadura não queria que a Peruche desfilasse com o samba que o Geraldo Filme tinha feito. Sei disso hoje porque o próprio Geraldo foi preso poucos dias antes da invasão. Estava no auge da ditadura. O prefeito não era mais o Faria Lima, que nos conhecia e de certa forma nos protegia. Quem era o secretário de Segurança era o famigerado Erasmo Dias. Ele que comandou a invasão dos militares na PUC também.

Em 1972 desfilamos com o enredo “Heróis da Independência”, com um samba bem crítico do Geraldo Filme em defesa da liberdade. Era ditadura e a gente falando em liberdade. Provavelmente ele se inspirou no samba “Heróis da Liberdade” da Império Serrano de 1969. A letra do samba do Geraldo eu acho mais bonita que o samba do Silas de Oliveira e do Mano Décio da Viola. O samba da Peruche era assim:

“Chamamos os heróis da Independência, presente, presente, trazendo o fogo sagrado da pátria, iluminando quem nos fez independentes. Lá nas Minas Gerais, houve o movimento da Conjuração, foi a Bahia e Pernambuco, em São Paulo foi a

decisão. Glória aos heróis que tombaram, para nos dar um Brasil um novo. Homens que não mediram sacrifício para nos dar um Brasil novo. Liberdade, liberdade, palavra singela, fosse eu pintor tua grandeza, fazia em aquarela. Ao levantar da espada lá na colina histórica, risos e lágrimas com o brado independência ou morte. Senhores deixando os palácios, negros partindo as correntes, índios saindo das matas, unidos por um Brasil independente. Se mil vidas tivessem dariam as mil, pela independência do Brasil. Não foi em vão seu povo não esquece, a chama da liberdade em nosso peito ainda aquece. Segue seu caminho, meu Brasil, alerta mocidade, para manter acesa a chama da nossa liberdade. Liberdade, liberdade, palavra singela, fosse eu pintor sua grandeza eu faria em aquarela”.

O Geraldo Filme tinha sumido uns dias antes da invasão. Ele tinha sumido, ocorreu a invasão e ele não apareceu pra saber nem nada. Achei estranho. Fui até a casa dele, ele morava ali na região da Raposo Tavares, no Jardim Educandário, perto do Educandário Dom Duarte. A mulher dele falou para mim: “Achei que ele estava no barracão. Ele já faz uns dias que não aparece em casa”. Voltei muito preocupado. Antes, nesse mesmo dia, apareceu na frente de casa, um branco alto, com quase dois metros e um japonês baixinho. Eles perguntaram:

“Você que é o Carlos Alberto Caetano, o Carlão da Peruche?” Falei:

“Sou eu, sim. O que vocês desejam?” O japonês falou: “Você está convidado a aparecer amanhã na Rua Piauí, número 573.”

“O que é que tem lá? Por que eu tenho que ir?” Ele falou: “Se o senhor quiser ir, o senhor vai, se o senhor não quiser ir, o senhor não vai, mas vai ficar pior.” Viraram as costas e foram embora. Achei estranho, nem sabia o que tinha na Rua Piauí. Era um desses casarões antigos, deve estar lá até hoje se não construíram prédio. Ali era onde ficavam os chefões do DOPS, era o QG do Erasmo Dias.

Eu sabia que o DOPS era ali na Luz, perto da estação Júlio Prestes. Cheguei e vi aquele casarão grande, não tinha placa, não tinha nada. Era um desses casarões bem grandes do tempo dos barões do café. Toquei a campainha, veio um funcionário e me perguntou:

“O que o senhor deseja?” Falei: “Me mandaram vir aqui hoje.” Ele já gritou: “Cadê a intimação? Não tem intimação.” Ele gritou mais alto: “Quem é que mandou?” Aí eu descrevi, foi um senhor alto de uns 50 anos e um japonês baixinho. Aí ele abriu e me acompanhou até um salão grandão. Falou: “Senta aí.” Aí fiquei lá sentado um tempão. Mais de uma hora. Passava funcionário pra lá e pra cá, homem, mulher. E todo mundo

olhando pra minha cara. Aí passou um funcionário, eu perguntei: “Onde que tem um sanitário aqui?” Ele respondeu bravo: “Aqui não tem sanitário, não!” E eu morrendo de vontade de ir ao banheiro e segurando. Depois dessa canseira vieram dois funcionários me buscar. Veio um mulatão grandão, bem mais alto que eu, os braços dele eram da grossura da minha perna e um brancão forte. Cada um pegou um lado do meu braço e me levantaram que eu fiquei só na ponta do pé. O investigador brancão perguntou: “Conhece o coronel Erasmo Dias?” Falei: “Não, senhor!”

“Pois vai ter a oportunidade de conhecer.” Foi me arrastando, me levando igual bailarina do Municipal na ponta do pé.

Entramos na sala do homem, ele puxou a cadeira, me jogou com aquela educação. Senta aí. Na frente do coronel. E o coronel olhando pra mim por cima dos óculos. Ele já estava com a letra do samba do Geraldo Filme na mão, que a gente mandava imprimir uns 2, 3 milheiros do samba para a comunidade aprender.

Ele não me deu bom-dia nem nada. Falou:

“O que o senhor que dizer com isso aqui?”

Eu era o presidente, mas o samba era do Geraldo Filme, que já era manjado pelo DOPS. Eu estava naquela situação e falei:

“Coronel, essa é a história de São Paulo, de como nosso Estado contribuiu para a nossa Independência, que nos libertou de Portugal. Depois teve a Revolução de 1932, quando com a luta do povo paulista, conseguimos nossa Carta Magna.”

Expliquei que não tinha nada de político, que nós não éramos comunistas e que a gente tinha pegado tudo aquilo nos livros de História. E ele só me olhando, e os dois leões-de-chácara de lado. Ele anotou tudo e disse para os dois:

“Tá explicado. Pode levar ele embora.”

Na hora me deu um desespero, eu achei que era para dar baixa em mim (*risos*). Eu fiquei assustado. Tinha uma espécie de corredor polonês pra eu passar com cada um de um lado. Mas eles só gritaram: “Pode ir embora.” Eu saí bem rápido e quando o portão abriu que eu dobrei a esquina da Rua Piauí, que alívio!

Eu tenho hoje na minha cabeça que eles infiltraram policiais na escola, para frequentar os ensaios, reuniões, saber o que era discutido. Além do Pato N’Água, conheci outras duas pessoas do Peruche que sumiram na ditadura. O Persinho e o Babá. Até hoje as famílias estão procurando eles. Já até tentaram entrar em contato com essa ONG de família de morto e desaparecido da ditadura. A gente soube na época que o DOPS prendeu eles. Depois disso, ninguém mais soube de nada. Devem estar em algum

cemitério clandestino, igual esse que acharam em Perus. Mas tirando esse episódio, nunca mais tive nenhum contato com o DOPS. Eu sempre apresentava minha carteirinha de funcionário público. Na época de campanha eleitoral, recebia tanto quem era candidato da Arena como quem era do MDB na quadra.

Faltando menos de quinze dias para o carnaval o Geraldo Filme apareceu. Ele estava preso no DOPS, na Luz. Ele ficou mais de um mês preso. Disse que ficou junto com outro preso que, com o Álvaro Farto, os dois tinham liderado uma rebelião em um presídio. Ele também era preso político, foi preso por causa do samba, de suas reuniões políticas. Ele e o Solano Trindade faziam muitas reuniões políticas no Embu. Mas, como não provaram nada, soltaram o Geraldo Filme.

Esse foi o último enredo feito pelo Geraldo Filme na Peruche. O B. Lobo permaneceu, mas o Geraldo foi então para o Vai-Vai. Ele me falou que a situação estava ruim, que ele estava sendo vigiado pelos militares e que o Vai-Vai tinha se tornado escola de samba e que ele queria contribuir lá. E ele foi pra lá e fez sambas maravilhosos pelo Vai-Vai e de exaltação à Bela Vista.

Foram os anos mais duros da ditadura e da censura contra os sambas-enredos. Para a gente ir para a avenida, muitas coirmãs nos ajudaram. Porque no carnaval negro a amizade e a solidariedade são maiores que qualquer rivalidade. A Mocidade Alegre, Camisa-Verde e Vai-Vai nos ajudaram. Também o Miguel da Contemporânea. Ele falou:

“Carlão, vocês podem pegar o que vocês quiserem em instrumentos e depois vocês pagam.”

Depois de 1972 desse nosso desfile sobre os heróis da Independência, a Polícia Federal passou a pegar mais pesado na censura à letra dos sambas-enredos. Isso foi até o processo de anistia, em 1979. A censura pegava pesado conosco porque para eles a escola de samba da Peruche era um núcleo de resistência à ditadura militar. A gente nunca gostou da ditadura, eu sempre falo que de ditadura ninguém gosta, mas não podíamos ficar enfrentando o regime de maneira escancarada.

Eu, pessoalmente, sempre tive uma visão mais à esquerda. Mas a gente era tudo negro e pobre, e sem se envolver diretamente já sumia negro pra caramba, imagine se a gente começasse a bater de frente. Tinha muitos comunistas na Peruche. O Solano Trindade era abertamente comunista, o Geraldo Filme era mais discreto, mas nós sabíamos das preferências políticas dele. Quem era não ficava falando, até porque na

escola de samba também tinha policial, gente que apoiava o regime, então não tinha como ter um posicionamento como instituição.

As pessoas tinham seus posicionamentos dentro da escola, mas a escola enquanto agremiação fazia enredos com críticas mais gerais, outro ano fazíamos um enredo mais festivo. Tinha que ter esse contraponto. O que a gente criticava sempre era a falta de infraestrutura do nosso bairro, de ficar cobrando vereador. Porque não tinha como a autoridade dizer que era uma questão ideológica, mas de melhorias concretas na vida das pessoas.

Eu lembro quando o PCdoB estava na clandestinidade. Eu sou amigo do doutor Jamil Murad, médico que é do PCdoB. Ele me convidou para uma reunião com a direção do PCdoB. Marcaram a reunião na Rua dos Pinheiros. Vou te contar como era pra participar na época de uma reunião clandestina. A orientação era não ir imediatamente para Pinheiros. Ia primeiro para outro lugar qualquer, ao invés de ir para o Sul ir para o Norte, ver se não está sendo seguido, passar primeiro em frente ao lugar que você vai entrar do outro lado da rua, pra olhar bem se tem alguém observando o lugar, ver se tem algum operário fingindo que trabalha, pois pode ser policial. Depois só de conferir tudo, você volta para o lugar que você vai entrar e entra rapidamente.

E você só saberia o endereço da próxima reunião se tivesse participado da anterior. Bem clandestino mesmo. Porque poderia alguém cair e dava tempo dos outros fugirem. Isso foi no final dos anos 1970, quando eu já estava trabalhando no Ceagesp. E a preocupação com a segurança era bem séria. Porque a direção toda do PCdoB foi morta pela polícia quando estavam se reunindo em uma casa na Lapa. Na época assustou todo mundo que tinha conhecidos no partido.

Outro episódio também truculento que eu vivi na ditadura foi durante uma apresentação na Rádio Tupi. O Plínio Marcos me chamou para acompanhar ele em uma gravação na Rádio Tupi, que ficava ali na Avenida Sumaré. Ele tinha um conjunto que se chamava Pagodeiros da Paulicéia. Quem também fazia parte do conjunto era o Zeca da Casa Verde. Nós ensaiamos as músicas e fomos com o Plínio até a emissora. Era um espetáculo que ele estava realizando que se chamava “Réquiem para tamborim”. Ele já tinha feito esse espetáculo para a televisão e estava montando no teatro e no rádio. A primeira montagem foi em 1964, a ditadura ainda não tinha instituído censura contra os artistas. Mas no início dos anos 1970 a coisa mudou completamente. Um pouco antes da gravação, chegaram os truculentos. Os policiais do DOPS já falaram curto e grosso:

— Aqui comunista não vai gravar nada. Ou manda esse Plínio Marcos e essa negrada embora ou vamos fechar a rádio. O Plínio ficou tão vermelho, bravo, mas não podia fazer nada. Queriam que ele reagisse, ele era estourado, para ter uma desculpa e levá-lo preso. Mas nós conversamos com ele e acabamos indo embora. Ele teve muitos problemas com a censura, as peças, os espetáculos. Ele foi proibido de ser contratado como roteirista da Globo. Ele teve que viver como ambulante, vendendo seus livros na porta de teatro. Eu mesmo tenho alguns livros dele, todos autografados. *Navalha na carne*, *Na Barra do Catimbó*. Ele era de Santos e a X9 de Santos fez um enredo em homenagem a ele. Acho que seria um bom enredo para a Peruche também.

Nessa época, o Plínio Marcos estava bastante envolvido com o samba, fez vários espetáculos com sambistas. Ele, o Geraldo Filme, o Zeca da Casa Verde e o Toniquinho Batuqueiro fizeram “Nas Quebradas do Mundaréu” um dos melhores espetáculos de samba que eu vi. Eles gravaram em disco. Nesse espetáculo, o Geraldo Filme cantava seus sambas-enredos na Peruche e sambas de exaltação. Mas o momento mais emocionante do espetáculo era quando eles cantavam “Silêncio”, em homenagem ao compadre Pato N’Água. Toda vez que eu escuto ou canto esse samba eu me emociono. “Silêncio, o sambista está dormindo/ Ele foi mas foi sorrindo/ A notícia chegou quando anoiteceu/Escolas eu peço o silêncio de um minuto/ O Bexiga está de luto/ O apito de Pato n’água emudeceu/ Silêncio... Partiu não tem placa de bronze não fica na história/ Sambista de rua morre sem glória/ Depois de tanta alegria que ele nos deu/ Assim, um fato repete de novo/ Sambista de rua, artista do povo/ E é mais um que foi sem dizer adeus.

Mataram o Pato N’Água. Até hoje tenho comigo que foi o esquadrão da morte. Época da ditadura. A ROTA, o DOPS, a Polícia do Exército, todos eles tinham esquadrão da morte. Acharam o corpo dele em uma lagoa em Suzano. A polícia queria registrar como afogamento. Onde já se viu Pato N’Água morrer afogado? Mataram ele em outro lugar, ali foi só o lugar de descarte do corpo. A jaqueta que ele estava quando me deram ela tinha um furo de 45. Quando eu fui fazer o reconhecimento do corpo eu vi um furo na jaqueta dele. Eu que vi o furo e falei para o Geraldo e para os outros que foram para Suzano para trazer o corpo: “Deram um tiro de 45 nele à queima roupa.” Ninguém sabe por quê. Ele tinha uns 40 e poucos anos.

Ele não era metido em política. Mas na época tinha lei de vadiagem, você tinha que ter carteira assinada. Ele sempre viveu de bico, nunca teve carteira assinada, emprego fixo. Uma vez na nossa roda eu vi um policial que chamou ele: “Ei, Pato,

quero falar com você.” Ele disse: “Pera aí que eu estou falando com meus amigos. Depois eu vou.” Aí o policial se invocou e colocou a arma na cara dele. Era todo valente, não sei no que ele estava metido, mas tenho certeza que foi execução. O Patinho, filho dele, sai até hoje no Vai-Vai e é a cara dele. Mesma coisa, magro igual o pai.

O carnaval começou a se profissionalizar no Rio de Janeiro já em 1960, quando o Salgueiro trouxe o Fernando Pamplona como carnavalesco e ganhou seu o primeiro título. O processo em São Paulo demorou bem mais. Fizemos por muito mais tempo um carnaval artesanal. Eu fui acompanhando as mudanças que ocorreram no Carnaval do Rio de Janeiro, principalmente no Salgueiro, que tenho amizade lá até hoje. Fiz um casal de compadres lá, o Jorge Cardoso e sua esposa Salete. Eu ia para o Rio e ficava hospedado na casa deles. Era muito bom ir desfilando e conhecer mais sobre a administração de uma escola. Acompanhei assistindo ou desfilando vários carnavais no Rio de Janeiro. Particpei de desfiles na Candelária, na Avenida Rio Branco e, depois, por último, na Marquês de Sapucaí.

Fui bicampeão no Salgueiro em 1975. Primeiro como ritmista e depois como componente de uma ala chamada Rio-São Paulo. Foi um lindo desfile, o enredo era “As Minas do Rei Salomão”. Foi o último desfile do Joãosinho Trinta no Salgueiro; no ano seguinte ele foi para a Beija-Flor. E a partir daí a Beija-Flor começou a crescer e a enfrentar as grandes escolas: Salgueiro, Portela, Mangueira e Império Serrano. Fiquei encantado como o Joãosinho trabalhava. Anos depois, conseguimos trazer ele para a Peruche.

A vinda de um carnavalesco profissional na Peruche ocorreu somente nos anos 1980, quando passamos a ter um carnavalesco profissional. Tivemos o Mory Balmacena, a Raquel Trindade chegou a ser carnavalesca do Peruche. Quando o pai dela morreu, o Geraldo Filme já estava no Vai-Vai e aí a Raquel e ele levaram o enredo em homenagem ao Solano para o Vai-Vai, mas eu também queria esse enredo. Tivemos o Raul Diniz. Mas, para mim, o maior carnavalesco da Peruche claro que foi o Joãosinho Trinta. Ele fez algumas mudanças na Peruche. Foi a primeira vez que adotamos esse modelo de carnavalesco atual. O carnavalesco faz toda a parte visual da escola e coordena tudo.

Fiquei no dia a dia da escola como presidente do início até 1982. Mais de 25 anos. Pensei que já estava na hora de outra pessoa carregar a escola. Estava muito envolvido com a luta sindical lá no Ceagesp e eu sempre tive isso na minha cabeça: não

podemos ser personalistas. Não é porque eu fundei a escola e que tenho que ser presidente vitalício. Nunca fui apegado a cargos. Achei que era hora de vir pessoas mais jovens com novas ideias. E isso já tem quase quarenta anos. Muitos queriam que eu continuasse, também teve gente que gostou quando eu saí da presidência. Eu já tinha formado a Velha Guarda da Peruche em 1975. Fui fundador da escola, da ala de compositores e da Velha Guarda. E nessa altura eu só queria ser presidente da Velha Guarda. Nesse ano fizemos uma nova eleição e eu não me candidatei.

Eu deixei a diretoria e fiquei então acompanhando. Passei a fazer parte só do Conselho, depois fui colocando gente mais nova também no Conselho. Sou hoje presidente de honra da escola. O Valtinho fez um bom trabalho depois que eu saí. Nos anos 1980 a Peruche só não ganhou dois campeonatos porque os jurados não deixaram. O Valtinho trouxe o Joãozinho Trinta e o Laíla para ser nosso diretor de carnaval, que eram campeões do carnaval do Rio de Janeiro com a Beija-Flor. Ele tinha bastante amizade com a Beija-Flor. E por último, pra fechar o time, trouxe o Jamelão da Mangueira para ser nosso intérprete. Queria ver o Jamelão ficar bravo? Era chamá-lo de puxador de samba.

A mudança para a Tiradentes já representou um crescimento do carnaval. A pista era maior e a logística ficou mais fácil. Foi difícil convencer os sambistas a mudar. Muitos diziam que a Prefeitura queria colocar os desfiles na frente do QG da Rota para facilitar a repressão. Claro que pode até ser, afinal isso foi em 1977 e ainda era ditadura. Mas a justificativa oficial da Prefeitura era que os desfiles na Avenida São João atrapalhavam muito o trânsito da cidade, porque demorava alguns dias para montar e desmontar tudo, as escolas tinham um trabalho muito grande de levar tudo até o centro da cidade.

Qual o segredo para ganhar o carnaval? São três coisas: comunidade, comunidade e comunidade. A Peruche ganhou vários carnavais, mas não levou o título de nenhum. Foram vários vice-campeonatos. Trouxemos o maior carnavalesco e o maior cantor. Em 1989, o dueto do Jamelão com a Eliana de Lima foi uma das coisas mais lindas que eu vi na avenida. Os jurados nos tiraram um ponto que até hoje não entendo. O problema dos jurados é que eles estão no meio, mas não são do meio. Tinha que ter uma formação um pouco melhor. Eles tinham que começar lá no Grupo III, Grupo II e vir subindo, igual às escolas de samba. Aí, depois de vários anos se aperfeiçoando, poderiam julgar no Grupo Especial.

Eu que fiz a Eliana de Lima como cantora de escola de samba. A primeira gravação que a Eliana fez foi comigo, em 1980. No LP do Peruche para o carnaval de 1981. Ela chegou aqui como compositora, veio da Mocidade Alegre, mas defendeu seus sambas nas eliminatórias e eu fiquei impressionado com ela cantando. Nós estávamos no grupo 2, o equivalente ao Acesso. O enredo era “Moço de Prata, Vitória-régia no Carnaval” e ela defendeu o samba vencedor composto pelo Ilhão, Clidinho e Paulinho Casa Verde. No ano anterior nós tivemos muitos problemas com nosso desfile e fomos rebaixados por um ponto. Eram doze escolas e caíam quatro. Terminamos em 9º a um ponto da Barroca, que terminou em 8º.

Na época não era comum mulher puxar a escola na avenida como principal. Normalmente as vozes femininas eles colocavam no apoio. Só que o que aconteceu? Os nossos canários na época eram o Favela e o Pinheirão. E eu não estava tão satisfeito. Eu já a tinha visto defender o samba nas eliminatórias e resolvi testar a menina. Falei: “canta, canta.” Aí ensaiamos, na rua mesmo, e ela subiu e arrebentou. Com aquela voz forte, clara e limpa. Antes dela tinha apenas a Ivonete que puxava escola de samba no gogó. Ela puxou a escola por quarenta minutos, uma hora, sem desafinar, mantendo a animação. Aí depois de uns três ensaios a diretoria se reuniu comigo. Fizemos uma reunião na sede do clube Vasco da Gama da Vila Espanhola. Um diretor veio pra cima de mim, dizendo:

“Pô, Carlão, só porque ela é branca e loirinha, a gente tá vendo isso aí. O Favela canta três, quatro músicas só e você só coloca essa menina pra cantar nos ensaios.” Eu argumentei:

“Prestem atenção na comunidade e na bateria quando ela canta. Deu um entrosamento total. E tem mais. É ela quem vai gravar o nosso samba-enredo no disco.”

Aí o pessoal retrucou:

“O Carlão está velho mesmo, está louco. Já estamos passando por dificuldades e colocar uma mulher pra cantar e pra gravar nosso samba-enredo.”

Mas bati o pé. E todo mundo foi vendo a Eliana puxar o samba na quadra, foram gostando da ideia, mas deu trabalho. Muitos continuaram torcendo o nariz, mas quando chegou mesmo o desfile, a Tiradentes toda cantou junto e fomos campeões. Quando começou tocar o samba-enredo nas rádios – naquele tempo tínhamos vários programas dedicados ao samba nas rádios –, começou a curiosidade, quem é essa mulher que gravou o samba da Peruche, quem não frequentava a quadra da Peruche ou da Mocidade não sabia, porque ela era até então desconhecida.

Da Peruche ela foi para o Renascença da Lapa e o Pé Rachado, que não era bobo, levou ela para a Barroca Zona Sul. Logo depois a Eliana estourou em todas as rádios. E fez muito sucesso também como intérprete da Leandro de Itaquera. Mas continuou próxima ao Peruche. Em 1987 ela gravou nosso samba, era “O reino do dia”. Depois ela continuou puxando com o Jamelão. Eles gravaram em 1988 o samba-enredo “Filhos de Mãe Preta”, até hoje acho um dos sambas-enredos mais bonitos do Peruche. O refrão era assim:

“Atotô Obaluaê, Atotô Obaluaê, vem ó claridade, a Peruche canta a liberdade”.

Com menos de um minuto de avenida estava todo mundo cantando. Aquela voz poderosa do Jamelão contagiava todo mundo. Depois o Jamelão saiu e entrou o Djalma Pires. O Jamelão saiu porque o cachê era uma fortuna e ele quase não aparecia na quadra da escola para os ensaios. Até o Pelé treinava todo dia. Como que o cantor vai chegar só lá no dia da gravação e depois no dia do desfile? Precisa. E quando vinha ele ficava mais dentro da churrascaria Peruchão do que puxando o samba na quadra.

Foi durante a gestão da Luiza Erundina que conseguimos da Prefeitura a construção do Sambódromo. Eu visitei com outros presidentes de escola o Sambódromo do Rio de Janeiro e ficamos todos muito otimistas. Foi uma grande batalha coletiva que eu participei enquanto sambista. Víamos como uma oportunidade de fortalecimento das escolas de samba. Nós pensávamos nele como um espaço definitivo na cidade utilizado pelo samba. Ainda mais na Zona Norte. A maior quantidade de escolas está aqui, e, portanto, o Sambódromo no Anhembi seria um ponto de encontro de todas essas escolas de samba.

No Rio de Janeiro, durante o governo do Leonel Brizola, no Sambódromo funcionava as salas de aula dos CIEPS. Ensino de tempo integral. Nós vimos aquilo e pensamos em fazer aqui em São Paulo. A promessa lá no Rio de Janeiro era que as crianças iam descer dos morros e ter ensino de qualidade com boas salas de aula, projetos de fanfarra, educação musical para as crianças, formação para músicos, fazer do Sambódromo um local que realmente fosse ocupado pelo sambista. Realizar shows, eventos, feiras para divulgar os artistas, cantores e artistas das escolas de samba.

Mesmo com um bom trânsito com a prefeita foi necessária pressão e até manifestações no centro da cidade. Tivemos várias reuniões com a Prefeitura, com a equipe do arquiteto Oscar Niemeyer. Chegamos ao tamanho da pista, que deveria ter 530 metros; queríamos também uma praça ao final da pista, como no Sambódromo do Rio de Janeiro que tem a Praça da Apoteose, com livre acesso para o público, mas infelizmente

isso não foi construído. Acabou os desfiles, os carros alegóricos são encostados de um lado, alguns voltam para a concentração para o desfile das campeãs e o povo vai para outro lado e já entra direto para os ônibus e volta em seguida para a quadra. Os que querem assistir aos próximos desfiles têm que abandonar sua fantasia ali mesmo e comprar o ingresso, andar mais de 1 km para poder entrar.

Quando o Sambódromo foi inaugurado foi aquela festa. Em termos visuais os desfiles cresceram muito, deu maior visibilidade para as escolas de samba. Nos anos 1990, ainda não havia essa explosão do carnaval de rua e os desfiles das escolas de samba era o que atraía mais gente dentro do carnaval de São Paulo. Mas após o Sambódromo não houve mais carnaval em São Paulo. Parece forte o que eu estou dizendo, mas o carnaval que eu conheci e ajudei a criar foi superado por esse novo modelo de carnaval instituído com o Sambódromo. Os sambistas foram ficando de lado e a pista hoje é muito mal utilizada. Vira estacionamento em dia de eventos no Anhembi, venda de carros, teve uma época que uma marca de cerveja alugou, fazia diversos shows, igrejas fazem cultos, mas de samba mesmo, tem um ou outro evento no Auditório Elis Regina.

Na rua tinha mais calor do público, tanto na São João como na Tiradentes, o povo participava, ia na concentração, dançava junto na dispersão. Agora só vê os desfiles quem tem dinheiro para comprar os ingressos e quem vai desfilar não pode nem assistir às coirmãs.

Na São João parecia muito mais com carnaval de rua. Era apenas uma corda que separava as pessoas das escolas. Era aquele mundo de gente que vinha acompanhar as baterias e os desfiles. Cada bateria tinha sua própria identidade. O pessoal sabia que a Peruche estava chegando de longe. O que marcava nossa bateria eram os repiniques. Fomos a primeira a ter repiniques aqui. O Vai-Vai, que era cordão e tinha uma batida mais grave, você escutava de longe quando ela vinha chegando para se posicionar. Mesmo quem estava em outra rua só de escutar já sabia que o Vai-Vai estava chegando. E era assim com todas as escolas.

Eu sempre fui um dos que defendi o carnaval de rua, participando e fundando blocos como o Suvaco de Cobra, mas logo depois todos os sambistas foram sendo esquecidos dentro das decisões e a cada gestão nova da Prefeitura o sambista foi ficando cada vez mais distante do Anhembi. Hoje nós só utilizamos para os ensaios técnicos e para o desfile e uma semana antes como estacionamento para os carros alegóricos. Mas

não há ao longo do ano um projeto para tornar o espaço um local do samba da cidade como queríamos no início.

Durante a gestão do José Luiz Bellegarde de Andrade Figueira na presidência do Anhembi, ele me convidou para trabalhar lá, mas como eu já estava com mais de 20 anos no mercado, perto de aposentar e era da diretoria do Sindicato, acabei não indo. Mas também o que eu poderia fazer sozinho? É uma decisão que foi se impondo ao longo dos anos. O Sambódromo representou ao mesmo tempo um fortalecimento e um enfraquecimento das escolas de samba. Fortalecimento porque temos um espaço gigantesco na cidade para os nossos desfiles. Da reunião com o Faria Lima até a construção do Sambódromo, foram pouco mais de 20 anos, em que o carnaval de São Paulo passou de manifestação de negros, de gente indesejada, para a maior festa da cidade, com uma pista de desfiles construída para isso. Mas houve um enfraquecimento do carnaval comunitário, pois os desfiles ficaram cada vez mais caros, as escolas passaram a depender cada vez mais de dinheiro da televisão, de patrocinador. O volume de dinheiro é muito alto e só a comunidade não consegue bancar. Com isso as escolas foram ficando cada vez mais sob o controle dos brancos. Você conta nos dedos o número de escolas de samba que ainda hoje estão com presidente e diretoria nas mãos dos negros.

Eu sempre fui uma pessoa consciente sobre a questão do negro. Sempre me reconheci como negro e defensor da minha cultura e das minhas origens. Aprendi isso com meu pai. Quando eu tinha uns 12 anos, meu pai começou a me levar às reuniões que ele frequentava da Associação Cultural José do Patrocínio. Fui com ele diversas vezes ali no vale do Anhangabaú. Ali tinha leitura de poemas, palestras e, sobretudo, discutíamos uma série de reivindicações de melhores condições de vida e de trabalho para o negro. Sempre tinha relatos contra o racismo e a discriminação racial. Eles discutiam muito os subempregos da população negra, que nosso povo vivia de bico, que era preciso mudar isso.

O objetivo da Associação era conscientizar a população negra que, através do trabalho e do estudo, o negro poderia ter uma ascensão social. Eu li muitos jornais da imprensa negra. Os militantes vinham vender vários jornais nos ensaios da Peruche, eu sempre comprei e procurei incentivar. Eu dei muitos depoimentos sobre a situação das escolas de samba, a agenda das atividades da Peruche, porque eles colocavam sempre no jornal, para o negro saber das atividades culturais que aconteciam na cidade.

Também frequentei reuniões do movimento negro na Igreja do Paiçandu, o Eduardo de Oliveira e Oliveira, que era da Associação Cultural do Negro. A Associação funcionava na casa dele aqui perto, na Casa Verde. Eu frequentei várias reuniões lá. Ele era também uma grande liderança. Muito erudito. Tinha livros em vários idiomas na casa dele. Isso impressionava a gente. Uma pessoa negra que era formada em sociologia na universidade conhecia os maiores intelectuais do país e lia em vários idiomas.

Depois, como a idade chegou, fiquei mais acompanhando através dos jovens que chegavam à Peruche, muitos jovens militantes do movimento negro frequentavam a Peruche, faziam bailes *black* e *soul* lá na quadra e eles sempre me procuravam para entrevista e debates. Nunca deixei de ir. Até hoje vou a debates no Sesc e até em universidades. Participei de um debate na USP há pouco tempo durante as comemorações dos 100 anos do samba.

Sou padrinho da escola de samba Quilombo e fui homenageado sendo enredo da escola em 2010. Uma escola de samba feita por lideranças jovens do carnaval de São Paulo como o Thiago Praxedes, neto do Pé Rachado, e que não está interessada em participar do concurso oficial e ir subindo até o Grupo Especial. Eles se inspiraram na escola de samba Quilombo, fundada pelo Candeia, no Rio de Janeiro, que sempre foi crítica ao carnaval das grandes escolas e tinha uma proposta de um carnaval mais para a própria comunidade.

É uma ótima proposta, ainda mais porque posso deixar de criticar o fato de que nas escolas tradicionais as lideranças negras perderam espaço dentro do processo decisório das escolas de samba. Cada vez mais tem advogado, carnavalesco, empresário, administrador tocando a escola e cada vez menos tem negro sambista. Sou de uma época em que ser membro de escola de samba era sinônimo de negro malandro. E as nossas mulheres desrespeitadas e tratadas com desprezo pelos brancos. A sociedade discriminava até os brancos que participavam das escolas. Eram chamados de malandros, de “branco negreiro”, porque ele andava no meio dos negros.

Colocamos com muita luta a escola de samba em seu devido lugar. A sociedade hoje reconhece a escola de samba e o barracão como parte importante da cultura do negro no Brasil. E com o crescimento das escolas eram foram embranquecendo. Nunca fui contra. A escola de samba tem que ser aberta a qualquer um que queira entrar, independente de cor ou religião. Porque também fazer parte de escola de samba era ser associado à religiosidade africana. E tinha pessoas que eram da umbanda e do candomblé e tinha outros que não eram. Mas conforme a escola de samba foi se

tornando mais atrativa para a mídia e para a imprensa, os negros foram sendo retirados da linha de frente. Você conta nos dedos de uma mão o número de presidentes negros ainda hoje nas escolas de São Paulo. E no Rio de Janeiro a mesma coisa.

Eu sou torneiro mecânico formado pela Escola Técnica Federal de São Paulo. Trabalhei como torneiro, soldador, ferramenteiro. Meu primeiro emprego com carteira assinada foi na época que eu ainda estava estudando na escola técnica federal. Eu tinha uns quinze anos. Tirei a carteira de trabalho. Naquela época, tinha uma carteira de trabalho para menores de idade. Com 14 anos já poderia trabalhar com registro em carteira. Trabalhei em uma fábrica de macarrão, chamado Pastifício Vera, no Brás, ficava na Rua Jairo Góis nº 58. Também fui empregado na Votorantim, que fabrica cimentos, como torneiro mecânico, no Jaraguá. Na época que entrou o plástico aqui no Brasil, fiz muita ferramenta e torno pra plástico. Trabalhei em várias fábricas como operário especializado.

Posteriormente, trabalhei na Prefeitura de São Paulo na parte de zeladoria urbana e depois na parte de abastecimento. Eu comecei a trabalhar em 1976 no Ceasa, que foi criado em 1964. Depois participei da fusão do Ceasa com a Ceagesp, dando origem ao Ceagesp. Fui um dos primeiros funcionários do Ceagesp e fiquei lá até 2002. No início fui funcionário municipal, depois economia mista e federal, porque ali, em 1997, foi encampado pelo Ministério da Agricultura.

Eu ajudei a implantar o Ceasa do Rio de Janeiro, ajudei a implantar o Ceasa de Minas Gerais, no interior do Estado. No Rio de Janeiro estive dando oficinas para pequenos produtores no interior do Estado para eles aprenderem a valorizar o produto plantado. Eles armazenavam vagem com aquelas caixas modelo K de madeira, tipo de querosene. Eles enchiam mais do que podia, socava tudo e fechava. O que ficava pra fora do caixote eles passavam o facão. Falei: “Vocês têm que valorizar. Tem que ter um padrão. Deixa uma abertura na frente para mostrar a mercadoria que está sendo transportada. Cada caixa tem que pesar a mesma quantidade.” Uma das coisas pitorescas era o chamado tomate turista. Vinha uma carreta de tomate do Rio de Janeiro e dava entrada no Ceagesp aqui de São Paulo. Trocava a nota fiscal e voltava o mesmo caminhão carregado para o Rio de Janeiro. Mais tarde soube que era porque o preço do tomate em São Paulo era mais caro, então só nessa viagem, apesar do frete, o tomate valorizava, por isso era tomate turista. Só passeava aqui e voltava. Foi uma parte da minha vida muito interessante.

E fui muito feliz lá. Trabalhei na fiscalização e abastecimento por 26 anos. E fiquei lá até 2002. Saí já com 72 anos, porque não tinha mais jeito. A idade me obrigava a sair. Eu fiquei tanto tempo porque atuava também como sindicalista. Fui muitas vezes representante da minha área na CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes). Fiz vários treinamentos com o corpo de bombeiros. E foi bom também porque pude usar essa parte técnica de treinamento para melhorar a segurança da nossa quadra e do nosso barracão. Fui um dos fundadores e diretor por vários mandatos do Sindibast, o Sindicato dos Empregados em Centrais de Abastecimento de Alimentos do Estado de São Paulo. Representa toda a categoria de funcionários de centrais de abastecimento e entrepostos.

Sempre gostei e participei da luta política. Sempre me indignei contra as injustiças sociais, principalmente contra minha etnia. A primeira eleição que eu votei foi em 1950, votei na volta do presidente Getúlio Vargas e pedi votos para ele. Ele venceu o brigadeiro Eduardo Gomes e o Cristiano Machado. Em 1955, votei no Juscelino Kubitschek. Eu ainda não tinha uma proximidade com o Ademar e votei no JK, que venceu o Adhemar de Barros.

Sabia que o Vargas representava os interesses dos trabalhadores. Podem falar que sou da antiga, mas todo mundo que é da minha geração sabe que o Getúlio Vargas foi um grande presidente. A criação da Vale do Rio Doce, da Petrobras e a maior das obras do seu governo que foi a CLT. Meu pai mesmo, que trabalhou antes das leis trabalhistas, nos contava que o pobre trabalhava muito e não tinha direito nenhum. Por isso ele também era getulista. Você se matava por uma empresa e saía sem nada. Não tinha férias, aposentadoria, nada. Quando chegava numa certa idade, não arrumava mais emprego e tinha que depender da família pra sobreviver. A aposentadoria deu dignidade para os idosos desse país. E foram as leis trabalhistas que possibilitaram que o assalariado tivesse o mínimo de condição de vida. Agora, com essa reforma da Previdência, o governo quer retirar direitos que estão aí desde que eu sou jovem. Tenho quase noventa anos. Não imaginava ver aposentadoria e as leis trabalhistas sendo retiradas do povo. Estamos voltando um século para trás.

Aqui em São Paulo, nos anos 1950, apoiei o doutor Ademar de Barros como prefeito e depois como governador, na última eleição para governador. Porque aí veio o golpe e só fomos votar novamente em 1982, na eleição do Franco Montoro. Eu fui convidado para me candidatar a vereador pelo doutor Ademar de Barros. Eu era muito popular na Zona Norte e ele queria que eu saísse a vereador no início dos anos 1960 pelo PSP. Depois veio o golpe e a ditadura e eu não toquei mais no assunto. Aí depois,

em 1985, quando teve a eleição do Jânio Quadros e depois em 1988, quando teve a eleição da Erundina, nas duas campanhas, eu fui convidado primeiro pelo PT e depois pelo PCdoB para sair candidato a vereador. Mas eu nunca tive essa ambição e acho que não tinha vocação para esse tipo de atuação. Poderia ter tentado, mas eu sabia que eram poucas lideranças negras que eram eleitas. Sempre foi muito difícil vencer eleição para vereador em São Paulo.

Como disse, passei a ter uma atuação mais no dia a dia da política como diretor do Sindibast. No início fundamos uma associação, a Aproesa, que se expandiu e virou o sindicato. Participaram da fundação além de mim, o Enilson Simões de Moura, o Alemão, que foi durante muitos anos presidente do sindicato, o Peru, que também está lá até hoje, e muitos outros. Conseguimos a carta sindical de fundação em 1986. Em 1988, fizemos a maior greve da história do Ceasa. Uma greve dura, porque a opinião pública toda contra nós dizendo que nós desabastecemos a cidade.

O governador na época era o Quéricia, que também no início não queria negociar e mandou a polícia para cima de nós. Foi um Deus nos acuda. Aquele monte de caminhão parado na Marginal. As mercadorias chegando. Tem caminhão que sai com coco e melão do Nordeste que chega aqui uma semana depois. Só para ter uma ideia são cinco mil carregadores no mercado. E nós conseguimos parar tudo. Tentamos sempre um entendimento, mas a arrogância do superintendente era tão grande que ele disse que um sindicatinho fundado há poucos anos não tinha peito para fechar um dos três maiores entrepostos de alimentos do mundo. O Ceagesp, junto com um mercado da França e outro dos Estados Unidos são os três maiores entrepostos do mundo.

Quem nos ajudou no processo da greve foi o Sindicato dos Eletricitários. Eles nos emprestaram caminhão de som, rodaram material para nós. É essa solidariedade dos trabalhadores que é bonita de ver. Nós também quando nos estruturamos ajudamos outras entidades.

E também o sindicato ajudou as famílias dos demitidos. Muitos dos nossos companheiros de trabalho foram demitidos após o encerramento da greve. Mas através da luta dos advogados do Sindibast conseguimos reverter e nos acordos feitos com a diretoria do mercado conseguimos a reintegração de todos os trabalhadores demitidos.

Não era fácil convencer os colegas a fazer greve. O medo de perder o emprego era grande e eu dizia que era preciso somar, que quanto maior a mobilização, maior a nossa chance de vitória. Nessa greve eu tive que trancar a porta da sala de fiscalização para impedir que outros funcionários fusesse a greve. O diretor duvidou da nossa

capacidade de organização, mas provamos que ele estava errado e paramos um conjunto de unidades em várias partes do Estado. Com três dias nos chamaram pra negociar e conseguimos o reajuste de salário e outros benefícios que faziam parte da nossa pauta de reivindicações. Mas foi mais ou menos uns quinze dias para tudo voltar ao normal.

Sempre tive muito respeito dos meus superiores e dos meus colegas. Como era fiscal, meu trabalho era apontar falhas e muitas delas tinham que ser relatadas aos superiores. Mas o importante é você fazer seu trabalho com honestidade. Se você fizer isso, ganha o respeito de todos. Eu tinha que fiscalizar os clandestinos no mercado. O movimento era de mais de 50 mil pessoas e muitos vinham de Minas Gerais, Norte e Nordeste e tentavam a sorte como carregadores, vendendo pinga, café no mercado. E não podia. Eu orientava como fazer o registro e se tornar carregador prestador de serviço do mercado. Eles só queriam sustentar a família, mas muitas vezes a empresa não entendia desse jeito e cobrava que eu fosse mais enérgico. Mas sempre fui fiel aos meus princípios.

Depois que deixei a Presidência da Peruche comecei também a ter tempo para me dedicar a outros projetos na quadra, como o Aprendizes do Samba. Com esse projeto, nós tiramos a molecada da rua lá no Parque Peruche. Como os pais trabalhavam muito e sempre tiveram muita família desestruturada, que as mães demoravam muito para chegar e falta completa de equipamentos culturais na região, as crianças ficavam todas brincando na rua. E na rua todo mundo sabe que só se aprende o que não é bom. O projeto era direcionado para crianças de sete a catorze anos. As crianças passaram a passar as tardes na quadra da escola fazendo uma série de atividades sob a nossa supervisão e não mais na rua.

Aprendiam instrumentos musicais, aprendiam a costurar fantasias, a fazer esculturas, frequentavam as aulas de bateria mirim, e a mais disputada era a escolinha de mestre-sala e porta-bandeira. E, claro, que eles também passaram a desfilarem no carnaval com a Peruche. E era um momento mágico para essas crianças desfilarem no carnaval. Mas tinha uma condição: para a criança participar do projeto e desfilarem no carnaval tinha que estar matriculado na escola e passar de ano. Repetiu, não podia mais desfilarem. Claro que se repetisse não íamos abandonar a criança, mas tinha que falar isso para elas se esforçarem e irem bem na escola. Meu filho foi um deles, que participava do projeto. A regra valia para todos. Eles vinham no mês de dezembro:

“Seu Carlos, eu passei de ano!” E eu: “Cadê o boletim?”

Aí me mostravam. Via o boletim de todos. Tinha mais de 50 crianças. Eu tenho muito orgulho de ter coordenado esse projeto. Eu não tive nenhum problema com meus filhos com relação à escola. Todos terminaram a escola, alguns até fizeram faculdade. Porque confesso pra você que, por causa da escola de samba, eu quase não parava em casa. Mas eles sempre estavam na escola comigo, sempre procurava saber se estava indo para o colégio e se tirava boas notas. E mesmo com a escola de samba nunca deixei faltar nada dentro de casa para os meus filhos. E graças a Deus todos se encaminharam, alguns são pais e outros são avós, e tem um que já é bisavô. O Ronaldo, meu neto mais velho, já é avô. Tenho três tataranetos.

Também me dediquei bastante à Embaixada do Samba, idealizada em 1995 lá na UESP. Era uma forma de valorizar os membros das Velhas Guardas e fundadores das escolas de samba, manter vivos e preservar vários fundamentos e tradições que fazem parte do universo das escolas de samba. Como os batismos de escolas de samba, os fundamentos que estão por trás de um pavilhão de escola de samba. Eu mesmo sou padrinho da escola de samba Quilombo. São homens e mulheres que trabalharam muitos anos de sua vida pelo nosso samba. Porque se nós não ensinarmos os mais jovens não tem como aprender e com isso as nossas tradições vão sendo mudadas e correm o risco de desaparecer.

Os idealizadores foram o Fernando Penteado e o Osvaldinho da Cuíca do Vai-Vai, o Nenê da Vila Matilde, entre outros. Eu participei desde o começo e fui eleito junto com o Nenê um dos primeiros embaixadores-mestres. É a Embaixada que faz o concurso de Cidadão e Cidadã-Samba, que são parte da corte do carnaval de São Paulo junto com o rei-momo e com a rainha e as princesas.

O Embaixador tem esse nome inspirado nos embaixadores políticos, que é que representa o seu país em outro lugar. E o Embaixador e a Embaixatriz do Samba têm que representar o samba e sua cultura. Isso está no regulamento. Tem uma série de requisitos. Tem que ser compositor ou ter sido dirigente de escola de samba. Tem que saber tocar instrumento. Tem que saber sambar o partido-alto, o samba-rasgado, sambabatido, samba-chulado, o miudinho, corta-jaca, separa o visgo, vamos peneirar. Hoje eu sou Embaixador-Mestre e, por isso mesmo, a responsabilidade é maior.

A Velha-Guarda foi perdendo protagonismo dentro do desfile, no início normalmente vinha na frente apresentando a escola, mas as comissões de frente foram ficando cada vez mais elaboradas e profissionais e foram colocando os velhinhos cada

vez mais para trás. Ou vem em carro ou vem no chão, no meio da escola ou no final. Na frente, desde os anos 1980, que não vem mais.

Desde a minha época da Lavapés que componho sambas. Devo ter composto ao longo do tempo mais de 300 sambas. Eu tinha um caderninho com a maioria deles, mas infelizmente nessas mudanças de casa ao longo da vida eu acabei perdendo. Tenho ainda de memória as principais, as que foram gravadas e algumas que fiz mais recentemente e que está em outro caderno. Foram gravados meus sambas-enredos, sambas de exaltação à Peruche e outras músicas, como “Pomar da vida”, “Limonada com manjeriço”, “O sol e a lua”, que é uma marcha-rancho, O “pomar da vida” foi gravado pelo Quinteto em Branco e Preto.

A maioria das minhas músicas eu compus sozinho. Mas tenho várias em parcerias com alguns parceiros. Normalmente vem junto letra e a melodia. Normalmente penso em uma melodia começo a cantarolar e já vou pensando nos versos e quando vejo já está pronta. Com parceiros ou faço a primeira parte, ou faço a segunda, mas também já escrevi letras que outros parceiros fizeram a divisão do samba. Eu costumo dizer que sempre tenho um parceiro que me dá inspiração para compor, porque a inspiração vem e sai já tudo junto.

Os grandes nomes do boxe brasileiro saíram daqui do Parque Peruche. Depois do futebol, era o principal esporte daqui. Comecei a treinar boxe quando eu estava na Escola Técnica Federal. Com uns 17 anos. Meu treinador era o Aristides Jofre, conhecido como Kid Jofre, pai do Éder Jofre. Hoje tem uma rua aqui na Casa Verde Alta com o nome dele. Também fiz muito *sparing* com o Antônio Zumbano, o Zumbão. Ele era enorme, peso-pesado. A gente ia fazer *sparing* e batia na barriga dele e não acontecia nada. E ele dava cada pancada na orelha da gente que nós íamos parar do outro lado do ringue ou caía na hora. E o seu Aristides falava pra ele: “Ô Zumbano, não maltrata os animais.” O Seu Aristides o colocava pra treinar com a gente que era mais leve pra ele pegar agilidade e rapidez, e a gente, para acostumar com as pancadas mais pesadas pra não cair durante a luta. Isso que ele não batia com força. Se batesse com força arrancava minha cabeça fora. Outro que treinava lá conosco era o Vicentão, conhecido como Touro de Osasco.

O Éder Jofre saiu daqui do Parque Peruche. Muitos atletas que disputaram Olimpíadas. Saíram da nossa academia. Sou um pouco mais velho que o Éder Jofre. Eu tinha meus 17 anos, ele tinha uns 12. Ele estava sempre junto com o pai aprendendo. Treinava boxe desde criança. Daqui do Parque Peruche também saíram os irmãos Jorge

Sacomã e o Paulo Sacomã, o “Martelador do Peruche”, dois dos maiores boxeadores do Brasil. O Jorge disputou Pan-Americano e as Olimpíadas de Roma em 1960. O Luiz Ignácio, o Luizão, chamado de “Martelo Negro”, trabalhava na Companhia de Trens. Meio-pesado. Eu lutei boxe até meus vinte e poucos anos. Era peso meio-médio, com peso até 66 kg e 900 gramas. Não cheguei a profissional. Mas lutei e disputei várias competições amadoras. Treinava e lutava pela academia do São Paulo, mesmo sendo corintiano. Ficava na época na Rua Santa Ifigênia, número 176. Ganhei várias lutas, perdi algumas também. Fiz várias lutas transmitidas na Rádio Record. Era o ônibus da rádio que nos levava.

Uma vez fomos lutar no Rio de Janeiro na Academia dos Fuzileiros Navais da Marinha. O Jorge Sacomã, meio-médio ligeiro, o Marinho peso-pena e eu meio-médio. Jorge Sacomã enfrentou o campeão de boxe das Forças Armadas e perdeu. Eu subi na balança deu 66 kg 500. O marinheiro que ia lutar comigo pesou mais. Eu falei: “Seu Aristides, esse cara não é meio-médio. Ele era mais baixo que eu, mas bem truncado.”

O Seu Aristides tinha o costume de chamar os lutadores de Bananão. Ele me disse: “Ô Bananão, sua envergadura é bem maior. Fica no um, dois com o *jab*. Deixa ele rodar e cansar. Não deixa ele se aproximar de você.”

Aí veio o primeiro *round*. Eu *jabeando* e o cara se esquivando. Ele chegava perto, tentava o clinch pra ficar me batendo na linha de cintura. E eu bailando no ringue, perna eu tinha bastante. Aí veio o intervalo. Seu Aristides falou pra mim: “Bate no lado direito que ele não aguenta.”

Ele tinha visto uma cicatriz no rosto dele do lado direito. Ele disse: “Entra e já bate. Bate com força.” Começou o *round*, deixei ele dar uns *jabs* e fiquei esperando ele abrir a guarda. Mas tinha que ficar esperto porque ele era mais pesado, tinha a mão mais dura, se ele entrasse um no meu queixo já era. Quando vi a brecha, dei com tudo no lado direito. Ele tremeu inteiro. Sentiu com tudo. Aí ele veio bravo e dei outra. Aí, acabou o gás. Ele ficou fugindo esperando o *round* acabar. Aí no terceiro *round* fui com tudo, já não era ele quem vinha tentando se aproximar de mim, era eu que estava indo pra cima e ele só protegendo ali a região do olho direito. Foi o terceiro *round* inteiro e ele só se protegeu.

Os juízes eram todos militares. Deram empate. Ele ganhou o primeiro, mas eu ganhei o segundo e o terceiro. O Seu Aristides falou:

“Parabéns, Bananão, você ganhou. Os caras só fizeram isso pra não ficar feio para eles. O cara tinha quase dez quilos a mais, mas você ganhou. Não disse que a saída era bater na região da cicatriz.”

O Seu Aristides era assim, tinha uma visão do ringue e de estratégia de luta que eu nunca vi igual. Esse dia foi muito triste. Foi ali que o Fernando Valverde, conhecido como “Bate Estaca” encerrou a carreira. Ele tomou um nocaute tão feio que nunca mais lutou. Ele apagou, demorou pra voltar. Não sei se faltou oxigênio ou deu alguma lesão no cérebro. Mas ele ficou com sequelas e nunca mais lutou.

Como eu era muito amigo do Jorge, irmão do Paulo Sacomã, nós fomos ver a luta dele no Pacaembu. Ele já era profissional. Ele lutou contra o campeão argentino e sul-americano chamado Pagola. Ele encerrou a carreira do cara. Bateu tanto na linha de cintura que quebrou várias costelas do argentino. No quarto assalto, o médico subiu no ringue, examinou e encerrou a luta. Eu que quebrei minha costela com a pancada da Polícia sei a dor que é. Pra você ver a força que tinha o Paulo Sacomã. Teve uma outra luta do Paulo Sacomã no Ginásio do Ibirapuera, que ele lutou contra um português, chamado Júlio Neves. O Sacomã bateu tanto nele que teve uma hora que ele parou de bater. O cara estava desfigurado e tonto, mas não caiu. Acho que lembrando o que tinha acontecido com o Pagola, ele parou de bater. O juiz falou para o Paulo continuar, mas ele se recusou. Aí foi desclassificado e o português vencedor. O povo quase destruiu o Ibirapuera indignado com o resultado.

Na época em que eu lutava boxe. eu acordava quatro horas da manhã e antes das cinco já estava treinando. Corria e me exercitava na chácara dos padres aqui perto. Acho que por isso que eu estou com essa idade. Nunca fumei. Na época muita gente fumava, mas eu nunca fumei. Tomava muita água e vitamina de frutas, além de ter uma alimentação balanceada, porque tinha que bater o peso. Só carne magra, salada, pouco arroz e nada de doces. Também não tomava nada de álcool. Alguns amigos do samba falavam:

“Pô, Carlão, você é um negão fresco; não toma uma cervejinha com a gente.” Uma vez me invoquei e até briguei com um parente.

“Que negão fresco o quê? Você é mais homem do que eu porque você bebe?” Fui tomar cerveja muitos anos depois. E no começo estranhei, porque cerveja é amarga. Mas nunca fui de beber muito, sempre moderadamente. O boxe me ajudou a ter disciplina e me preocupar com a saúde.

O primeiro bloco que eu ajudei a fundar foi o “Bico Doce”, em 1955, junto com o time do Monte Azul, mas esse bloco só saiu um carnaval. Era só uma batucada, sem nada ensaiado. Juntamos os instrumentos, pegamos o bonde ali na Praça Centenário na Casa Verde e fomos à tarde para o centro da cidade. Coisa muito simples. A Alaíde pegou dois cabos de vassoura em forma de T e colocou um pano branco esticado escrito “Bico Doce”, como um estandarte. Ela ia à frente junto com dois balizas que giravam também um cabo de vassoura cada um, chamando as pessoas para entrar no bloco. E aquilo foi engrossando, muita gente entrando. Tinha gente que veio até com instrumento e entrou na bateria. Ninguém sabia quem era. Eu na bateria olhava pra frente e só via aquele mar de gente. Em pouco tempo, juntou mais de 1000 pessoas. Com tanta gente, onde o “Bico Doce” passava parecia praga de gafanhoto. Tinha aqueles carrinhos que vendiam fruta no centro da cidade, ficaram sem nada. O pessoal foi passando e pegando as frutas e entregando pra um, pra outro. E passamos pela Avenida São João, Rua São Bento, Rua Direita e as pessoas chegando. E passaram pegando coisas nas lojas, virando lata de lixo, colocando fogo em jornal. Uma loucura. Isso no domingo de carnaval à tarde. Na segunda-feira, alguns amigos que tinham desfilado vieram falar que tinha saído no rádio uma entrevista com o chefe da Polícia que eles estavam com todo o efetivo esperando para prender os integrantes de uma organização criminosa chamada “Bico Doce”. Aí como eles avisaram que a polícia estava atrás da gente, o bloco acabou no mesmo instante. Só saiu um dia.

O bloco que eu me dediquei mais tempo foi o Suvaco de Cobra. Fundei esse bloco em 1975. Nessa época tinham poucos blocos de rua em São Paulo. Os blocos na época eram o Chorões da Tia Gê, Gaviões da Fiel, Torcida Jovem do Santos, Jóia Rara e tinha a banda do Plínio Marcos, que era a banda Bandalha. Chorões da Tia Gê é um bloco fundado lá na Vila Esperança por uma comunidade católica sob a liderança do Padre Carlos Augusto de Oliveira, o meu xará Padre Carlão. E tem ainda um terceiro Carlão, que é o Carlão fundador da Banda Redonda, que foi fundada na mesma época do Suvaco de Cobra e até hoje é importante para o carnaval de rua de São Paulo.

E nós erámos o único bloco que saía no domingo anterior ao carnaval. Os blocos normalmente desfilavam nos quatro dias de carnaval. Como eu sempre tinha muita coisa na Peruche era uma forma de nos divertirmos já na semana anterior ao carnaval. Não tinha competição nem compromissos e era só brincar o carnaval como eu fazia desde menino. Tanto que tocávamos muitas marchinhas e também sambas-enredos de várias escolas de samba.

O nosso roteiro era sempre descer e subir a Rua Zilda. E eu sempre fiz questão que viessem as famílias inteiras para o Suvaco. Vinha muita criança, idoso. Como era no domingo à tarde, todo mundo podia participar. A ideia era ser sempre o mais democrático possível. Sempre tive amigos em outras escolas. Vinha também integrantes do Camisa Verde e Branco, Mocidade Alegre, Morro da Casa Verde, Vila Maria e depois, durante o carnaval, cada um desfilava na sua escola.

Quem desenhou o estandarte com o símbolo do Suvaco de Cobra foi o Álvaro Casado, ex-presidente da UESP e da escola de samba Acadêmicos do Tatuapé. O Casado é artista plástico e desenhou a cobra com monóculo, luva e piteira e virou a cobrinha virou a marca do bloco. Ele disse que se inspirou no símbolo da FEB, a força expedicionária do Brasil na 2ª Guerra Mundial.

Hoje os blocos que saem antes do carnaval atraem uma multidão. Nunca foi nossa intenção atrair tanta gente, mas apenas brincar. Tanto que posteriormente fomos convidados para integrar o concurso de blocos da UESP e eu nunca quis.

Quando foi inaugurado o Sambódromo eu tinha um projeto dos blocos desfilarem no carnaval antes dos desfiles oficiais. O desfile começa a noite, os blocos iriam desfilar durante a tarde, para quem quisesse participar ou assistir. Você poderia chegar à tarde, participar do bloco depois ir embora ou poderia ficar para assistir o desfile das escolas de samba. Mas infelizmente desfilamos umas duas vezes e isso parou.

Quem tradicionalmente abre os desfiles das escolas de samba são os afoxés que normalmente desfilam antes das escolas de samba. Mas uma hora antes do desfile já de noite. Nossa ideia era desfilar à tarde. O mais tradicional dos afoxés e que sai desde 1980 na abertura do carnaval é daqui do Parque Peruche, o Filhos da Coroa de Dadá, fundados pela iyalorixá Wanda de Oxum e pelo ogã Gilberto de Exu, dois nomes muito importantes do candomblé daqui de São Paulo. A Wanda é do terreiro de candomblé Ilê Ìyá Mí Òsún Mùíywá, que é um dos mais antigos da Zona Norte, fundado na mesma época da Unidos do Peruche.

Depois no começo dos anos 2000, muitos que me ajudavam foram se aposentando, se afastando, aí ficamos durante um tempo sem o Suvaco de Cobra sair. Aí um amigo meu, o Marivaldo, sempre ficava me cobrando:

- Carlão, precisamos colocar novamente o Suvaco de Cobra na rua.

Aí eu falava para ele: - Você vem ajudar”

Ele me dizia que não podia. E eu brincava com ele: “Como você fica me cobrando para que eu coloque o bloco na rua se você não pode ajudar?” Aí eu brinco sempre que ele é o diretor de encrenca e confusão do Suvaco de Cobra. Mas de tanto que ele foi falando, numa roda com outros amigos, o Grilo e o Noel, que são do Camisa Verde e Branco, gostaram da ideia e assumiram comigo a direção e conseguimos tirar novamente o bloco. E já são novamente dez anos que retomamos o bloco. A Sônia Maria é a porta-estandarte, apesar da guerra da mulherada que todo ano me cobra para ter um rodízio de porta-estandarte.

Tenho muito orgulho de minha família. Sou pai de sete filhos biológicos. Maria Inês, Raquel, Wagner, Dinorá, Elaine, Ricardo e Kisys Priscila. E tenho três filhas adotivas. Fátima, Mônica e Sueli. A Inês, a mais velha, nasceu em 1953, e a Kisys, a caçula, nasceu em 1988. A Raquel infelizmente faleceu em 2016. Tenho um bom relacionamento com todos meus filhos. E não posso esquecer-me da Peruche, que é como uma filha minha também, aliás, a que mais deu trabalho.

A Maria Inês, minha filha mais velha, foi fruto de um namoro de juventude. Eu ainda era solteiro. Quando a mãe dela ficou grávida, a família, que era de Araraquara, a levou para lá. Naquela época era um escândalo engravidar antes do casamento. Pensei que ela não queria mais nada comigo e tinha voltado para o interior. Não fiquei sabendo que ela estava grávida. E por isso eu só fiquei sabendo que era pai quando a Inês já tinha sete anos. Aí assumi minha responsabilidade. Somos muito próximos até hoje.

Casei quatro vezes. A minha primeira esposa, Sidneia de Oliveira, mãe da Raquel, faleceu. Fiquei viúvo. Aí me casei com a Wanda, mãe do Wagner, da Dinorá e Elaine, com quem fiquei casado quase 20 anos. Aí me separei da Wanda e posteriormente me casei com a Vandira, mãe do Ricardo e da Kisys e de quem eu também me divorciei. Agora sou casado com a Sônia Maria.

Conheci a Sônia Maria no ano 2000. Tínhamos uma amiga em comum e em vários sambas e festas que eu ia tocar ela estava presente, eu a cumprimentava, mas não sabia quem ela era. Quando eu fundei a Associação Independente das Velhas Guardas, nos aproximamos mais. O ex-namorado dela foi o nosso advogado no processo de fundação. Com o passar do tempo fomos nos tornando amigos. Ela começou a me ajudar na reorganização do bloco Suvaco de Cobra e eu a convidei a ser a nossa porta-estandarte. Eu comecei a frequentar a casa dela, conheci a mãe dela, fui na festa de 18 anos do filho dela e outros aniversários. Ela passou a me acompanhar nos meus shows. Teve um dia em que eu estava fazendo uma apresentação na Vila Madalena e ela não

foi. Achei estranho e liguei para ela. Aí fiquei sabendo que a mãe dela não estava muito bem de saúde. Aí, no final de semana, eu fui visitar a mãe dela e ficamos conversando. Ela pegou na minha mão e disse:

“Cuida da minha filha.”

Na quarta-feira seguinte, infelizmente, ela faleceu. Os filhos dela estavam casados e ela morava sozinha na casa onde moramos hoje. Ela ficou muito deprimida e eu vinha aqui visitá-la, e, muitas vezes, quando eu chegava aqui ela estava chorando. Procurava dar conselhos e ficar fazendo companhia para ela e nisso fomos nos afeiçoando e nos aproximamos ainda mais e começamos a namorar. Em 2016 ela teve câncer de mama, ficou afastada do trabalho e decidimos morar juntos. Fui cuidar dela e ela cuidar de mim, pois há mais ou menos um ano tive um problema na visão por conta da catarata e isso limitou um pouco a minha vida. Não consigo mais ler nem sair sozinho. Tenho um amor grande por ela, por todos os meus filhos, netos, bisnetos e tataranetos e só posso encerrar este livro dizendo que sou muito feliz.

Tive muitos amigos ao longo de toda essa trajetória no samba. Desde a Flor do Bosque até hoje. Impossível mencionar todos. Já peço desculpas porque muitos não serão citados apenas por causa da minha memória. Vou falar dos mais antigos e os que já se foram. Só do tempo da Lavapés tinha Brandãozinho, Clodoaldo, Jacozinho, Boi Lambeu, Gilbertinho, o Zé da Caixa, Mário Gago, Motorzinho, Joãozinho Boa Pinta, Valter, Pérsio.

Já no tempo da Praça da Sé tive amigos que levei para a vida toda. O Pato N'Água, que se tornou meu compadre e batizou minha filha. Ele e o Toniquinho foram parceiros da vida inteira. Desde a juventude como engraxate na Praça da Sé. O Toniquinho também como dirigentes de escola de samba e depois como membros da Embaixada do Samba. Foi um grande parceiro. Compusemos músicas juntas. Minha primeira música gravada foi em parceria com ele. Chama-se “*Terreiro Tá*”, gravada pelo Germano Mathias na década de 1960. Quando o pessoal do Samba Autêntico gravou o CD do Toniquinho, ele fez questão de incluir essa música no repertório. Depois tive mais músicas gravadas no LP “*Peruche 70*”. Fomos a primeira escola de samba de São Paulo a lançar um LP só com músicas de exaltação a escola e os principais sambas-enredos. Todos ritmistas e cantores também eram da própria escola. Eu que fiz a direção. É um disco procurado por colecionadores até os dias de hoje.

Essa solidariedade no mundo do samba é muito bonita. O respeito pelas coirmãs. Tenho aqui em casa o estandarte do cordão carnavalesco Vai-Vai que o Pé Rachado me

deu e também o pavilhão da Portela, que o Natal me deu. É um sinal de reconhecimento que muito me orgulha. Outro momento em que as coirmãs nos ajudaram foi após o incêndio no barracão da Peruche em 2003. Perdemos todos os carros alegóricos com o carnaval quase pronto.

Sou amigo da família toda do Solano Trindade. Eu o conheci logo no início da Peruche, por volta de 1958. O Geraldo Filme, que era muito amigo dele, o levou na Peruche e nos tornamos amigos. Nesse dia ficamos umas duas horas conversando. Era uma pessoa espetacular o Solano. Sabe aquela pessoa que era tão inteligente que todos gostavam de conversar, de perguntar, de escutar ela falar? Assim era o Solano. Um dos maiores nomes da cultura brasileira. Um dos poemas dele que eu mais gosto é o “Tem gente com fome”, que tem uma cadência que parece o ritmo de um trem, o movimento da maria-fumaça.

Outro grande amigo que tive foi o Chiclé. O nome dele é José Jambo Filho. Ele era do Vai-Vai desde a época do cordão e também já tinha saído comigo na bateria da Lavapés. Era meu amigo antes da fundação da Peruche. Foi ele também que colocou o repinique na bateria do Vai-Vai, porque na época do cordão não tinha. A Peruche tinha colocado e ele também colocou. Era um dos melhores tocadores de repinique que conheci. Ele que sucedeu o Pé Rachado na presidência do Vai-Vai e terminou a transição do Vai-Vai como escola.

Mas gostaria de ressaltar, pela importância histórica para o samba de São Paulo, o Geraldo Filme, que foi um dos meus maiores amigos e parceiros. Ele foi responsável pelos melhores sambas-enredos e por desfiles inesquecíveis da Peruche. Geraldo é meu amigo de infância. O conheci ainda menino na Barra Funda. Nós tínhamos quase a mesma idade. Ele era de São João da Boa Vista e tinha aquele jeito desconfiado de menino do interior. A mãe dele tomava conta de uma pensão ali na Avenida Angélica esquina com a Rua Barra Funda e ele saía para entregar marmitas ali pelas casas e oficinas do bairro.

Eu morava ali na Rua Pirineus nos fundos da casa onde meu pai era empregado. No começo ele não se misturava muito com a gente; ele desde menino gostava de conversar e ficar observando os mais velhos. Era um menino mais tranquilo e minha turma não era flor que se cheirasse. A gente aprontava muito naquele tempo. Mas nos cumprimentávamos, e todos nós íamos olhar os meninos mais velhos jogar tiririca e escutar os carregadores tocarem samba ali no Largo da Banana. Eu ia escondido, porque minha mãe não gostava que eu frequentasse ali o Largo e a mãe dele falava:

“Geraldo, eu não quero você andando com esses meninos da Pirineus, não.”

O Geraldo Filme foi o responsável pelos enredos do carnaval da Peruche por mais de dez anos. E nesse período a melhor escola de São Paulo foi a Unidos do Peruche. Fomos tricampeões em 1965, 1966 e 1967 e depois quatro vice-campeonatos. Foram até hoje os melhores sambas-enredo da história do Peruche. Histórias da Casa Verde, Rei Café e Tradições e Festas de Pirapora, todos eles tocados até hoje. Colocamos esses sambas-enredos no CD que fizemos da Velha Guarda da Unidos do Peruche. Ele foi para o Vai-Vai, mas a amizade que tivemos só acabou porque, infelizmente, ele foi embora cedo.

O “Rei Café” é, para mim, o mais marcante dos três. Quando nós saímos do Vale do Anhangabaú foi aquela festa, o público todo cantando junto entrando no meio da escola e todo mundo saindo junto. Foi apoteótico.

Falo com convicção que hoje não tem mais carnaval como antigamente. A competição se tornou maior que o desfile, que a espontaneidade e o lazer. Isso explica o porquê de os blocos crescerem mais a cada ano e a escola de samba estar estagnada. As pessoas querem se divertir mais e ter menos cobrança. Não é todo mundo que se sente à vontade no desfile como ele é hoje, com tudo muito bem definido sem espaço pra você se divertir tanto.

Hoje, toda a rotina da escola gira em torno apenas do desfile. O que precisamos é ter mais atividades e vida ao longo do ano. Acabou o carnaval, já escolhe o novo enredo. Vai atrás de renovar o contrato do carnavalesco ou contratar outro. Ele já entrega o enredo, a maior parte deles é escolhida com base no potencial de atrair patrocinadores, como homenagear uma cidade, um tema que vai agradar uma empresa específica. Aí a diretoria fica só preocupada em conseguir dinheiro para confeccionar fantasia, fazer os carros alegóricos e toda a parte técnica. Isso é o que consome o dinheiro da escola. Você tem que levar de 2500 a 3000 pessoas pra avenida. Tem que atrair não só quem é da comunidade, mas componentes interessados em comprar as fantasias. E tem escola que vende fantasia até o último momento e aí é um perigo perder ponto, porque precisa de harmonias experientes para conseguir posicionar as pessoas que não ensaiaram. O correto é só vender para quem puder ir aos ensaios técnicos, aprender o posicionamento, as coreografias. Muita gente não quer.

No dia do desfile para aquele monte de ônibus coletivo na porta da quadra da escola. Aí embarca todo mundo e todos vão até a Praça Campo de Bagatelle. Lá desembarca todo mundo. Aí andamos mais uns 2 km até a concentração. Sempre que

uma escola começa a desfilar a outra já se posiciona atrás para a concentração. Fica lá esperando pelo menos 2 horas, se não mais.

Aí começa o desfile, a escola tem 65 minutos para passar 3000 pessoas e vários carros alegóricos sem correria, realizando o melhor espetáculo possível. Mas o desfile do componente mesmo demora uns 15, 20 minutos para atravessar os 530 metros da pista. Se ele estiver nas últimas alas e a escola estiver com problema do horário não demora nem 10 minutos, passa correndo mesmo. Aí todo mundo passou, fechou o portão. Comemora durante uns 5, 10 minutos no máximo e já vem o segurança empurrando a gente pra fora do Sambódromo. Os coletivos já estão agora posicionados na dispersão ali na Marginal do Tietê e todos voltam para a quadra igual gado.

Quem quiser assistir aos outros desfiles, tem que comprar antecipadamente os ingressos, deixar a fantasia com alguém, se trocar ali mesmo e andar mais uns 2 km até o setor do seu ingresso. Se sua escola for a 4ª, 5ª a desfilar, você não consegue ver, porque tem que concentrar na quadra até a hora de ir para o Sambódromo, depois quando saiu só dá tempo de ver um ou dois desfiles no final daquele dia. Isso é carnaval? Isso atrai o componente? Isso é uma competição entre nós que somos de escolas de samba.

Com o Sambódromo queríamos ter mais autonomia e visibilidade, mas acabamos confinados. Fui um dos maiores entusiastas na construção, mas hoje não estou contente com o modelo de carnaval do Sambódromo. Tirando os quatro dias de carnaval o espaço não é utilizado pelos sambistas. Quando, em 2004, eu participei da fundação da Associação Independente Cultural da Velha Guarda do Samba do Estado de São Paulo, essa era uma de nossas preocupações: como podemos valorizar as Velhas Guardas no atual modelo de desfiles carnavalescos.

O Toniquinho chegou a falar comigo que ele deu toda a vida pelo samba de São Paulo, mas que não tinha como pagar os altos preços cobrados para ir assistir aos desfiles no Anhembi. Aí passamos a brigar com a Prefeitura para ter um camarote para a Velha Guarda. Porque a pessoa idosa tem mais dificuldade de locomoção, precisa ficar mais tempo sentada, precisa se alimentar e essa foi uma de nossas reivindicações. Era o mínimo. Permitir quem é sambista e tem, no mínimo, 30 anos dedicado ao samba pudesse ir assistir aos desfiles com o mínimo de conforto. Não tínhamos direito nem de ver as coirmãs. Temos esse espaço desde 2006. Os ingressos não são comercializados e só pode ganhar ingressos quem é de Velha Guarda de escola de samba e acompanhante.

Hoje é status. Todas globetes querem sair na frente da bateria. A imagem dela sai em todos os veículos de comunicação do país. E para quem vive da imagem tem coisa melhor que isso? Eu não gostei quando minha escola trouxe essas atrizes para frente da bateria. Teve uma até que retirou a fantasia ficando nua na avenida. Disse que era protesto político. Era uma dessas malucas aí que protestavam contra a presidente Dilma. Nós perdemos ponto por isso. Ela só nos usou. A imagem dela foi para o mundo todo. Temos grandes sambistas e passistas que foram criadas na comunidade, como a Stephanye. O pai e o avô dela são do Peruche há décadas. Ela tem que continuar sendo nossa rainha de bateria. E quando ela sair, entrar outra menina do Peruche.

A Peruche tem como característica trazer enredos de cultura e religiosidade africana e também sobre São Paulo. Um dos desfiles mais bonitos que fizemos foi em homenagem a Casa Verde feito pelo Geraldo Filme. Não foram tantos para homenagear personalidades. Fizemos logo no começo, Castro Alves e o maestro Carlos Gomes que fomos campeões. Depois teve Duque de Caxias e o Barão de Mauá e depois teve Di Cavalcanti, um sobre o Benjamin de Oliveira, o palhaço negro e na época que estava se popularizando a informática fizemos um sobre o Bill Gates. E agora mais recente homenageamos Santos Dumont, Mauricio de Sousa e os 80 anos do Martinho da Vila.

Nos últimos anos, a Peruche ficou nessa gangorra Especial e Acesso. Fica dois três anos no Especial e um ano de Acesso. Agora em 2019 foi o pior ano. Estamos no Acesso II. Como se estivéssemos de volta no começo, na terceira categoria.

No tempo da Avenida São João ninguém ia pra casa enquanto não passasse uma Unidos do Peruche, uma Nenê de Vila Matilde, o povão não saía de lá. E era lindo ver a Nenê desfilar. Lá na Zona Leste, na região da Nenê, também era ancestralidade de quilombos. Nesse começo dos anos 1960 ou dava Peruche ou dava Nenê. Era uma disputa boa! E hoje tanto a Nenê quanto a Peruche amargam essa gangorra.

Tive uma vida muito feliz, fiz tudo que eu gostaria de ter feito, criei minha família, criei uma escola de samba, fui feliz nos meus casamentos, no meu trabalho e tive a oportunidade de ter uma vida longa sem enfermidades. Nos últimos anos que começaram as dificuldades em enxergar por conta da catarata, mas são coisas da idade.

Eu falo para a diretoria da minha escola que só vou embora quando a Peruche for campeã do Grupo Especial novamente. Como eles não me deram ainda meu campeonato, eu vou ficando por aqui, esperando.